

Washington Abadio da Silva

UAB  
31/04/2011:282  
55334  
F. B. / A. S. A.

A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos”  
na Princesa do Sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba  
(1903-1916)

Universidade Federal de Uberlândia  
Faculdade de Educação  
2004

Washington Abadio da Silva

SISBI/UFU



1000220841

A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos”  
na Princesa do Sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba  
(1903-1916)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação da Universidade Federal de Uberlândia,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
mestre em Educação.

Área de concentração: História e Historiografia da  
Educação

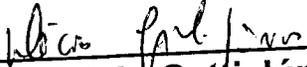
Orientador: Prof. Dr. Décio Gatti Junior

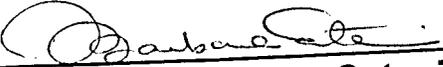
Uberlândia – MG  
2004

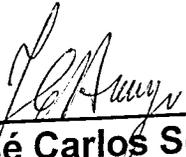
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A FORMAÇÃO DE “BONS CRISTÃOS E VIRTUOSOS  
CIDADÃOS” NA PRINCESA DO SERTÃO: O COLÉGIO  
MARISTA DIOCESANO DE UBERABA (1903-1916)**

Dissertação de Mestrado apresentada por Washington Abadio da Silva, em 26 de maio de 2004, ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Décio Gatti Júnior (orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denice Bárbara Catani  
Universidade de São Paulo

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo  
Universidade Federal de Uberlândia

**UBERLÂNDIA-MG  
2004**

**Tanto a agradecer...**

*E se, por desses "mistérios da memória",*

*alguém (parecer!) ficar "de fora"?*

*Cida e Arnaldo, meus pais: gratidão eterna!*

*Aida, Wellington e Adriana, irmãs e irmão queridos,*

*com seus frutos do ventre e coração: muito obrigado.*

*Familiares todos, que o sangue comum a correr nas veias*

*ensina tanto de história: obrigado.*

*Sheila, amor-presença que soube entender as físicas ausências,*

*palavra que impulsiona a seguir sempre:*

*beijo carinhoso, grato, sempre insuficiente.*

*Ana Gabriela e João Pedro, filhos queridos,*

*que vocês tenham a felicidade de encontrar sempre*

*peessoas que amam e fazem o bem.*

Amig@s tantos, de ontem e de hoje, de longe, de perto e daqui:

.....,

*"amanhã" - no Dia que não conhece Ocaso -*

*estaremos juntos em fratern'abraço.*

*Juvenal, padre e irmão querido,*

*obrigado porque no dia-mais-parecido-noite*

*você esteve ao meu lado, não senti solidão:*

*como agradecer o bastante*

*a quem se fez - ombro a ombro - estradeiro,*

*a quem foi rosto e voz e gestos de Jesus,*

*tão humano e companheiro?*

Décio, Professor, Orientador,  
Competência e Sensibilidade em figura de gente:  
obrigado por fazer parte de minha história.

Professores e colegas deste Programa  
de Conhecimento, Sabedoria e Vida,  
proposta escondida por detrás  
do espaço e tempo universitários:  
aprendemos juntos o respeito e a humildade,  
experimentamos juntos o sabor de ser gente  
que (se) busca, enquanto dias e meses e anos  
consumimos na busca do Título Maior -

**MESTRES EM HUMANIDADE!**

Irmão Angelo Camata, Petit Frère de Marie,  
obrigado por tornar compreensíveis os textos em francês  
e admiráveis as demonstrações de acolhida,  
de presteza cirenaica, de fraternidade, de amor ao trabalho.

Gabriel Roy, sempre discreto e com palavras maduras  
de incentivo e gestos de apoio.

Irmãos Roque, Murad e Manoel:  
cada um, presença marcante em minha "vida marista".  
Pedro Coutinho, que escreveu, no livro de sua vida,  
as memórias e re-COR-dações

do Marista Diocesano de Uberaba: obrigado, amigo!  
Leigos e leigas todos, educadores maristas:  
para além da profissão, com vocês vou aprendendo  
a plantar sementes, colher flores, partilhar frutos,  
ver beleza e sentido mesmo nos galhos secos e nos espinhos.

Ao Instituto dos Irmãos Maristas,  
seiva eclesial onde tenho nutrido minha vida cristã:  
como agradecer o bastante por esses treze anos  
de aprendizado na Escola de Champagnat?

Obrigado, Marcelino Champagnat,  
por "talhar no rochedo" sua obra, tornada nossa!  
Obrigado pela acolhida e apoio, Prof. Antônio Carlos,  
Direção, Serviços, Professores e amigos funcionários  
do Colégio Marista Diocesano,  
continuação de minha casa e ministério!

**Ad Maiorem Dei Gloriam.**

*Para bem educar crianças e jovens, é preciso amá-los –  
e amar a todos igualmente.*

*É fazendo os outros felizes que encontramos nossa  
própria felicidade. (São Marcelino Champagnat)*

## RESUMO

Trata-se de pesquisa no campo da História das Instituições Educacionais, cujo objeto foi o Colégio Marista Diocesano de Uberaba, no período de 1903 a 1916, com o objetivo geral de conhecer o processo de criação e implantação do mesmo. O estabelecimento desta escola e a relevância deste estudo podem ser entendidos a partir da confluência de vários fatores: investimento da Igreja Católica na educação, num contexto de longo confronto com as idéias positivistas da República nascente (1889), expressa na Reforma Benjamin Constant (1890), baseada nos princípios da liberdade e da laicidade no ensino, e defensora de uma escola primária gratuita; processo de modernização das relações econômicas e sociais, gerador de enfrentamento de forças políticas – inclua-se a Igreja, as quais propuseram várias reformas educacionais como meio de perpetuarem sua hegemonia; e que, no período compreendido entre 1910 e 1920, imprimiu-se à educação o caráter de uma questão nacional. Para a realização deste trabalho, uma pesquisa bibliográfico-documental, buscou-se o embasamento teórico na História das Instituições Educacionais, para o quê foi essencial o contato com documentos originais do período, tanto da congregação marista, quanto da arquidiocese de Uberaba e outras fontes. O primeiro capítulo tratou da compreensão do processo de formação da Congregação dos Irmãos Maristas na França e das razões de sua vinda para o Brasil. O segundo fez um resgate do contexto histórico-geográfico de Uberaba e região que a circunda, apontou as iniciativas no campo educacional, que lá aconteceram, e apresentou a transferência dos Irmãos Maristas de Congonhas do Campo para a "Princesa do Sertão", indicando o papel do bispo Dom Eduardo Duarte da Silva para isto. O último capítulo tratou dos primeiros tempos da chegada dos Irmãos e de como era a infraestrutura do colégio por eles recebido; apontou as inúmeras melhorias feitas pelos religiosos e apresentou o ensino que ali era proposto, no conjunto das atividades religiosas, artísticas, culturais e esportivas no cotidiano da instituição. Depreende-se, ao final da pesquisa, que a Instituição Marista, desde sua origem até os primeiros tempos em que se estabeleceu em Uberaba, revelou e manteve sua identidade confessional católica, empenhando-se por fazer da educação um espaço de explicitação de suas crenças a respeito da pessoa humana e da sociedade. Que sua vinda e estabelecimento naquela cidade, no início do século XX, foi iniciativa e realização praticamente exclusiva de eclesiásticos, pois o poder público não esboçou qualquer reação contrária a isto, aplaudindo, pelo contrário, o processo educativo empreendido pelos Irmãos e colaboradores. Que o lema "formar bons cristãos e virtuosos cidadãos" condensa toda uma visão a respeito da educação e dos sujeitos nela envolvidos. E que o "espírito de família", princípio que rege primeiramente a própria vida daqueles religiosos, foi também o grande princípio educativo proposto para assegurar a seriedade e rigor no cumprimento dos deveres escolares, bem como para fortalecer a relação dos adultos e jovens, e desses entre si.

Palavras-chaves: Maristas; Educação; Confessionalidade

## RÉSUMÉ

Il s'agit d'une recherche dans le secteur d'Histoire des Institutions Éducationnelles, dont l'objet fut le Collège Diocésain d'Uberaba, au cours de la période de 1903 à 1916, avec le but général de connaître le procès de création et d'implantation de ce collège. L'établissement de cette école et l'importance de cette étude peuvent être comprises à partir de la confluence de plusieurs facteurs: les investissements de l'Église Catholique dans l'éducation, dans le contexte d'une longue confrontation avec les idées positivistes de la République naissante (1889), proposées dans la Réforme Benjamin Constant (1890), basée sur le principe de liberté et de laïcité de l'enseignement et protectrice de l'école primaire gratuite; le procès de modernization des relations économiques et sociales, promoteur de confrontation des forces politiques, - il faut inclure ici l'Église qui proposa plusieurs réformes éducationnelles comme moyen de perpétuer son hégémonie; c'est elle qui, dans la période de 1910 à 1920, imprima sur l'éducation le caractère de question nationale. En vue de la réalisation de ce travail, une recherche bibliographique-documentaire établit le fondement théorique de l'Histoire des Institutions Éducationnelles; à cette fin, le contact avec des documents originaires de cette époque, soit de la Congrégation Mariste, soit de l'Archidiocèse d'Uberaba, soit d'ailleurs, s'est montré très important. Le premier chapitre traite de la compréhension du procès de formation de la Congrégation des Frères Maristes, en France, des raisons de leur venue au Brésil. Le deuxième présente un exposé du contexte historique-géographique d'Uberaba et de ses environs, montrant les initiatives réalisées dans le secteur éducationnel et raconte le transfert des Frères Maristes de Congonhas do Campo, princesse du « Sertão », soulignant le rôle de l'évêque Dom Eduardo Duarte Silva. Le dernier chapitre décrit les premiers jours de l'arrivée des Frères et montre l'état de l'infrastructure de l'établissement qu'ils recevaient, présente les innombrables améliorations qu'ils y introduisirent et l'enseignement qu'ils fournissaient dans l'ensemble des activités religieuses, artistiques, culturelles et sportives au quotidien de l'institution. Au terme de la recherche on arrive à la conclusion que l'Institut Mariste, dès son origine jusqu'aux premiers jours de son installation à Uberaba, révéla et maintint son identité confessionnelle catholique, s'engageant pour faire de l'éducation un espace d'explicitation de ses croyances au sujet de la personne humaine et de la société. Et que son arrivée et son établissement dans cette ville, au commencement du XX<sup>e</sup> siècle, fut une initiative exclusive des hommes d'Église, vu que le pouvoir public ne s'est jamais opposé, au contraire, il a toujours applaudi le procès éducatif entrepris par les Frères et ses collaborateurs. La sentence « former des bons chrétiens et des vertueux citoyens » condensa toute une vision par rapport à l'éducation et à ses sujets; et que l'« Esprit de Famille », principe qui commande d'abord la vie des religieux maristes, fut aussi le grand principe éducatif proposé pour assurer le sérieux et la rigueur dans l'accomplissement des devoirs scolaires, mais aussi pour fortifier les relations entre adultes et jeunes, et les jeunes entre eux..

Mot-clé: Maristes; Éducation; Confessionnel.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>		p.01
<b>Capítulo 1</b>	<b>A Congregação dos Irmãos Maristas: sua origem, seus princípios educacionais e sua vinda para o Brasil</b>	p.09
1.1	Dados biográficos de Marcelino Champagnat, o Fundador	p.09
1.2	A origem da Congregação Marista na França, em tempos pós-Revolução	p.19
1.3	Os princípios filosófico-educacionais maristas	p.30
1.4	Aspectos da Pedagogia Marista	p.37
1.5	A expansão da educação marista pelo mundo: razões e estratégias	p.43
1.6	A vinda dos Irmãos Maristas para o Brasil	p.46
1.7	Considerações Parciais	p.48
<b>Capítulo 2</b>	<b>Contexto histórico-educacional de Uberaba no início do século XX e chegada dos Irmãos Maristas</b>	p.50
2.1	Anotações histórico-geográficas sobre o município de Uberaba	p.50
2.2	Povoamento da região: "Arraial do Desemboque"	p.55
2.3	De Sertão da Farinha Podre a Uberaba	p.56
2.4	As primeiras escolas	p.64
2.5	O papel de Dom Eduardo, bispo de Uberaba, na vinda dos "Irmãos das Escolas" para Uberaba	p.65
2.6	A transferência de Congonhas do Campo para Uberaba	p.72
2.7	Considerações Parciais	p.74
<b>Capítulo 3</b>	<b>O Colégio Marista Diocesano de Uberaba entre 1903 e 1916</b>	p.76
3.1	Os primeiros tempos	p.76
3.2	Infra-estrutura: ambientes e organização do Colégio Marista Diocesano	p.82
3.3	Os Mestres, Religiosos Educadores	p.86
3.3.1	Irmãos Diretores	p.87
3.3.2	Outros Irmãos	p.90
3.3.3	Demais docentes colaboradores	p.92
3.4	Os alunos	p.93
3.5	A imediata busca de Equiparação ao Ginásio Nacional e a relação com a Legislação Educacional	p.98
3.6	Estrutura de funcionamento: horários, disciplina, preços, etc.	p.102
3.7	Um currículo humanista, um ensino confessional: os saberes propostos	p.108
3.7.1	O regime disciplinar	p.110
3.7.1.1	O cotidiano escolar, festas e atividades várias	p.114
3.7.2	As festas	p.115
3.7.3	Música e Teatro	p.117
3.7.4	Esporte, lazer e saúde	p.118
3.7.5	A educação religiosa	p.120
3.7.6	Relação do Colégio com a Igreja e a Sociedade	p.124
3.8	As visitas feitas ao Ginásio	p.126
3.8.1	Os Delegados Fiscais	p.126
3.8.2	Os Paraninfos	p.127
3.9	Reações adversas	p.128
3.10	Externato Nossa Senhora de Lourdes: uma escola para os "deserdados da fortuna"	p.129
3.11	Considerações Parciais	p.131
<b>Considerações Finais</b>		p.134
<b>Materiais Históricos e Bibliografia</b>		p.137

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se no campo da História das Instituições Educacionais, tendo como objeto o Colégio Marista Diocesano de Uberaba. Obra educativa confessional católica do início do século XX, o “Diocesano de Uberaba”, colégio centenário, foi uma das primeiras casas de educação erigidas na região triangulina. No final do século XIX, em 1897, os Irmãos Maristas, religiosos católicos, chegaram ao Brasil e iniciaram sua obra educativa em Congonhas do Campo, Minas Gerais. Pouco tempo depois, em dezembro de 1902, após várias tentativas do bispo Dom Eduardo Duarte Silva, assumiram o “Ginásio Diocesano de Uberaba”, iniciando, propriamente, as aulas em fevereiro de 1903. A proposta católica de educação, hegemônica até então, passa a fazer parte do enfrentamento que se dá em tempos de República nascente: de um lado as teses liberais e positivistas, ditas progressistas, e as de caráter conservador, dentre elas a educação católica (AZZI, 1997; AZEVEDO, 2001).

Necessário se faz compreender como surgiu a Congregação Marista, para que se possa perceber o alcance de sua proposta em terras brasileiras. A origem da “obra marista<sup>1</sup>” se deu na França, com a intuição do Padre Marcelino José Bento Champagnat (1789-1840), num ambiente pós-Revolução em que escolas religiosas eram perseguidas e fechadas; as governamentais, insuficientes e péssimas; os professores, despreparados e, não raras vezes, desequilibrados. Fundando uma congregação dedicada à educação de crianças e jovens, Champagnat fez da confessionalidade um traço característico de seu trabalho (BATISTA, 1989, p.83): para ele, as disciplinas ditas profanas seriam como que isca para se falar de Deus, para realizar um ensino a partir dos valores do Evangelho. A ele se atribui o lema que marca a educação marista presente em quase 80 países: “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”.

Inegavelmente, o processo de escolarização na região compreendida por nossa pesquisa aconteceu a partir da contribuição da Igreja Católica. Através de Congregações religiosas masculinas ou femininas, que se ocupavam da educação, a Igreja penetrou pelas pequenas vilas dos sertões brasileiros, assumindo importante papel na tarefa de levar a instrução e a formação cristã às crianças e aos jovens. No caso dos maristas, foi com esse ideário educativo em que educação religiosa e formação para a cidadania estão intimamente ligadas que eles realizaram seu trabalho no Brasil. Partimos da hipótese de que os Irmãos Maristas, para o alcance de tais

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa aparecerão, por diversas vezes, esses termos de conotação explicitamente religiosa, justamente pelo fato de ser o Colégio Marista Diocesano uma instituição educativa confessional: obra, missão, apostolado.

objetivos, assumiram em suas escolas os saberes veiculados pelo Estado, dando aos conteúdos um caráter de religiosidade, bem como propondo outros explicitamente confessionais. Noutras palavras, nossa hipótese era de que as instâncias civil e religiosa (Estado e Igreja) foram muito bem articuladas pelos religiosos maristas, recém-chegados da França.

Esta investigação teve como objetivo geral conhecer o processo de criação e implantação do Colégio Marista Diocesano de Uberaba. Como objetivos específicos procurou-se compreender os aspectos fundamentais da História das Instituições Educacionais e o processo de formação da Ordem Marista na França e sua vinda para o Brasil, apreender o contexto histórico-educacional no qual o Colégio Diocesano foi criado em Uberaba e investigar os elementos relacionados à implantação e desenvolvimento do Colégio Marista Diocesano: infra-estrutura, mestres, alunos, saberes propostos, prática disciplinar.

Marcante pólo agregador das culturas mineira, goiana e paulista, além de liderar a conjugação das forças políticas, econômicas e religiosas da região, Uberaba teve períodos de apogeu, quando atraía as atenções de São Paulo, Rio de Janeiro e Santos. O estabelecimento da escola marista nessa cidade e a relevância deste estudo, então, podem ser entendidos a partir da confluência de três fatores: a) investimento da Igreja Católica na educação, num contexto de longo confronto com as idéias positivistas da República nascente (1889), expressa na Reforma Benjamin Constant (1890), baseada nos princípios da liberdade e da laicidade no ensino, e defensora de uma escola primária gratuita; b) processo de modernização das relações econômicas e sociais (RESENDE, 1991), gerador de enfrentamento de forças políticas – incluía-se a Igreja, as quais propuseram várias reformas educacionais como meio de perpetuarem sua hegemonia; c) ter-se imprimido à educação “o caráter de uma questão nacional” (AZEVEDO, 2001, p.31), no período compreendido entre 1910 e 1920.

Seguiu-se o texto de Coutinho (2000, p.31) para a definição do período de nossa pesquisa, que tratou da gênese e do desenvolvimento do Colégio Marista Diocesano de 1903 a 1916. De acordo com este memorialista, três foram as fases: implantação (1903-1916), desenvolvimento (1917-1953) e consagração (a partir de 1954). Com efeito, a partir de 1917 a escola entra numa "nova etapa": da implantação já estabelecida, os Irmãos Maristas buscarão adequá-lo aos níveis novos de exigência das leis brasileiras de educação e às necessidades de ampliar o espaço físico do estabelecimento, para "atender a uma demanda sempre crescente".

O pesquisador, interessado pela temática, desde 1984 tem se dedicado a estudar a Igreja Católica, suas instituições e projetos; desde 1991 trabalha no Colégio Diocesano, onde realizou a presente pesquisa, lugar onde tem tido um maior contato com o projeto educacional marista e com alguns dados de sua história.

Para perseguir tais objetivos, buscou-se embasá-los teoricamente. Isto porque todo o trabalho de pesquisa em história é um esforço de compreender não apenas os fatos, mas acima de

tudo conferir-lhes sentido. Assim, no campo da História das Instituições Educacionais, várias foram as tentativas nesse trabalho interpretativo. Pois ela, com efeito,

*[...] integra uma tendência recente da historiografia, que confere relevância epistemológica e temática ao exame das singularidades sociais em detrimento das precipitadas análises de conjunto, que, sobretudo, na área educacional faziam-se presentes.*

(GATTI JR, 2000, p.133)

Pouco a pouco, nesse processo, vai acontecendo uma verdadeira guinada na perspectiva do “recontar a história” da vida escolar. Philippe Ariès<sup>2</sup>, citado por Ester Buffa, usa uma feliz imagem da floresta e das suas árvores para falar do

*[...] dilema entre encontrar uma interpretação da sociedade e da história definindo características e perspectivas amplas ou mergulhar no detalhamento de aspectos singulares, quase sempre fascinantes.*

(BUFFA, 1996, p.19).

Esta afirmação servirá como alicerce do que será dito ao longo desses apontamentos teórico-metodológicos, pois uma instituição escolar constitui-se num dos exemplos mais vivos das ações humanas na história, verdadeiro campo de batalha para se assegurar o direito<sup>3</sup> de se educar as novas gerações de acordo com os mais diferentes pontos de vista. A metodologia, portanto, não é opção neutra para o trabalho do pesquisador, como não é neutra a configuração histórica tomada pelas instituições escolares em seu contexto próprio.

Para analisar os aspectos singulares de uma instituição educativa, desde suas estruturas mais gerais até as mais sutis relações travadas com a sociedade à sua volta, é preciso considerar que

*Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo-lhe um sentido histórico.*

(MAGALHÃES, s.d., p.55)

Há vários “olhares” possíveis sobre a vida da escola, externados em forma de verdadeiras teses, como as que

*[...] apresentam a escola como reprodutora e ratificadora do status quo social (designadamente Bordieu, Passeron); as teses que revelam a função de controle e de disciplinação (Foucault e seus seguidores); as teses mais radicais que denunciam uma taylorização da escola; as teses mais recentes que procuram assinalar que a moderna escolarização de massas é produto de uma combinação,*

<sup>2</sup> No prefácio de sua obra **História Social da Criança e da Família**, publicado no Brasil em 1978, pela Zahar.

<sup>3</sup> “Dever”, dirão alguns; “missão”, proclamarão outros... sobretudo a partir da perspectiva religiosa.

*levada a efeito pelo estado, do modo burocrático de governar com o modo cristão de conduta pessoal.* (MAGALHÃES, 1998, p.55)

Para se definir uma instituição educativa, pode-se dizer que ela

*[...] é uma complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos, mediante papéis e representações diferenciados, entretecendo e projectando futuro(s), (pessoais), através de expectativas institucionais [...] são projectos arquitectados e desenvolvidos a partir de quadros sócio-culturais.* (MAGALHÃES, 1998, p.61)

Nota-se que o pano de fundo que compõe o quadro apresentado é o da superação daquela historiografia realizada desde a segunda metade do século XIX, com preocupação didática, revelada na busca de uma síntese evolutiva, resguardadas as idéias de perenidade e de lição da história; produção historiográfica de cunho biográfico, dicionarista e enciclopedista, ou então memorialista e cronista (também iniciada no mesmo período); uma historiografia francamente civilizacional e etnocêntrica, fenomenológica e conceptual, onde a educação é vista como instituição que figura entre as demais instituições que compõem os grandes quadros político-ideológicos.

Diversos são os elementos de cultura e prática educativas, como diversos são os atores, conteúdos e mesmo o processo em que se dá a inserção de uma instituição educativa em uma determinada realidade. Após afirmar que tal história constitui "um processo epistémico que medeia entre a(s) memória(s) e o arquivo", Justino Magalhães aponta em que sentido uma instituição educativa constitui "uma totalidade em construção":

*Se a primeira aproximação à história de uma instituição educativa se obtém a partir de um olhar externo, é todavia à medida que o historiador mergulha na sua interioridade a partir de informações que lhe permitam uma análise sistemática, sob um mesmo conjunto de fenómenos, que o historiador estabelece hipóteses-problema e esboça um sentido para as suas investigações.*

(MAGALHÃES, 1999, p.69)

Ainda no campo dos olhares, a atenção do pesquisador deve voltar-se para algumas "categorias fundamentais" (MAGALHÃES, 1998, p.56) em seu trabalho: o espaço; o tempo; o currículo; o modelo pedagógico escolar; os professores; os manuais didáticos escolares, dentre outros. Além desse autor, nos serviremos também das categorias de Ester Buffa e Paolo Nosella, acrescentando outras de Antonio Viñao Frago.

A partir desses princípios norteadores, pode-se apresentar as várias fontes de que se serve o historiador para a leitura da realidade de uma instituição educativa para a qual volta o seu olhar investigativo. Arquivo, imprensa, relatos orais, museus e tantos outros "lugares-fonte"

constituem como que o dia-a-dia do pesquisador da história das instituições educativas, como se pode perceber nos textos de Paolo Nosella e Ester Buffa, da Universidade Federal de São Carlos. Sua trilogia "Schola Mater - a antiga Escola Normal de São Carlos", "A Escola Profissional de São Carlos" e "Universidade de São Paulo: Escola de Engenharia de São Carlos, Os primeiros tempos: 1948-1971", enfim, sua "obra a quatro mãos" tem sido referência para os que se iniciam nos caminhos da pesquisa em história das instituições escolares. Far-se-á uso de algumas citações desses relatos de pesquisa, a modo de exemplo.

Ester e Paolo, embasados teoricamente e optando por compreender o trabalho como princípio pedagógico na educação brasileira, além de motivados por atuarem academicamente numa cidade que abriga em sua memória e visão as três importantes instituições educativas supracitadas, narram suas "preocupações científicas e de circunstâncias casuais". Preocupações estas que se tornaram verdadeiras

*[...] motivações que nos levaram a querer investigar a criação da Escola Normal, a entender melhor a arquitetura do prédio, o perfil do antigo corpo docente e administrativo, a conhecer a clientela, o clima cultural e os conteúdos escolares.*

(BUFFA & NOSELLA, 1996, p. 8)

De certa forma, foi assim que procederam nas pesquisas seguintes, com as motivações já referidas, além de a preocupação em formular hipóteses para seu trabalho. Como norte para sua pesquisa, Paolo e Ester apontam suas três grandes preocupações teórico-metodológicas: a relação trabalho e educação, na qual *existe uma complexa integração histórica entre o mundo do trabalho e a educação, sem que cada um perca suas especificidades e sua autonomia* (p.18); o debate existente entre visões gerais e descrições do singular, quando optam por considerarem *o particular como expressão do desenvolvimento geral* (p.19); e uma história interpretativa não apenas factual (p.20), mas que busca sentido (BUFFA & NOSELLA, 2000, pp.18-20).

Não é intenção aqui relatar todo o percurso desses autores, desde a somatória de sua formação (ele, filósofo; ela, historiadora<sup>4</sup>), as primeiras intuições, a busca incansável de documentos, as primeiras sínteses e os relatos de cada pesquisa, inclusive com a honestidade de dizerem (1998, p.19) que algumas de suas suposições e crenças não traduziam a realidade em sua inteireza.

Com relação às fontes utilizadas para a realização da pesquisa, eles enumeram (BUFFA & NOSELLA, 1998, p.23): o acervo documental da Escola Profissional, da Câmara Municipal, do Arquivo de História contemporânea da UFSCar e também de pequenos arquivos particulares; jornais e revistas da época; entrevistas com ex-professores, ex-alunos e ex-diretores da Escola; legislação; e literatura referente à escola profissional e ao ensino profissionalizante.

<sup>4</sup> "(...) confluência de duas sensibilidades ou especializações teóricas dos autores" (Op. Cit. p. 23). Justamente este o fato apontado para o alcance de uma abordagem mais interpretativa das fontes pesquisadas.

Interessante a forma como relatam o trabalho árduo do "ir a campo", mas sobretudo a composição do texto final, o ponto para o qual converge toda pesquisa científica:

*De posse de todas as informações coletadas e após várias discussões e leituras sobre o tema, chegou a hora de redigir o Relatório Final, a peça mais importante da pesquisa. Este texto é resultado de um ato complexo, às vezes demorado e sempre sofrido; exigiu bastante experiência e, sobretudo, muita criatividade.*

(BUFFA & NOSELLA, 2000, p.22)

Antonio Viñao Frago, professor de Teoria e História da Educação da Universidade de Murcia, defende que o espaço escolar (território, lugar, simbologia) "diz e comunica; portanto, educa" (1995, p.69). E, para falar de uma outra categoria por ele muito utilizada, apresenta o tempo escolar como

*[...] arquitetura temporal, com os níveis: individual e institucional. O tempo escolar - como o espaço e o discurso escolares - não é, portanto, 'um simples esquema formal ou uma estrutura neutra' em que se esvazia a educação, mas sim uma seqüência, curso ou sucessão continuada de momentos em que se distribui o processo e a ação educativa, o fazer pedagógico; um tempo pedagógico que reflita determinados supostos pedagógicos, valores e formas de gestão, um tempo a interiorizar e aprender. [...] um tempo pessoal e um tempo institucional e organizativo. Elias afirma que são coações civilizatórias que geram esta 'consciência onipresente do tempo', de um tempo sempre regulado e ocupado, é uma das características das instituições escolares.*

A partir do que expusemos até aqui, as categorias para a análise histórico-educacional da presente pesquisa foram:

- a) de Justino Magalhães: o espaço, o tempo, o currículo, professores, os alunos;
- b) de Ester Buffa e Paolo Nosella, cuja categoria fundamental é o trabalho: além dos professores, alunos e conteúdos, utilizou-se também a de origem, criação, construção, instalação, organização do espaço, evolução e vida ou cultura escolar.
- c) de Viñao Frago, lançou-se mão das categorias tempo ("arquitetura escolar") e espaço (território, lugar, simbologia) escolares .

Estudar o Diocesano de Uberaba é fazer memória de importante período histórico da educação, oferecendo dados não apenas para a compreensão da obra marista no conjunto da educação católica no Brasil, como também para o entendimento da influência que exerceu na vida sociocultural e religiosa da cidade e da região central do país. Uma abordagem regional, isto é, o estudo de uma parte da realidade, pode fornecer elementos para a compreensão do todo. Neste sentido, o Colégio Marista Diocesano de Uberaba é uma referência para o entendimento

do conjunto maior da obra marista no Brasil, além de apresentar dados importantes da educação (inclusive pública) em suas bases legais. Estudá-lo é, pois, recolher testemunho vigoroso da educação realizada no início do século XX, bem como suas concepções e estruturas, particularmente no caso da educação católica.

A respeito da obra marista no Brasil, de modo geral, a nossa referência maior foi o trabalho de Riolando Azzi, "História da Educação Católica no Brasil: Contribuição dos Irmãos Maristas", obra em quatro volumes; de Pedro dos Reis Coutinho, historiador do Arquivo Público de Uberaba, utilizamos sua "História dos Irmãos Maristas em Uberaba"; e as seguintes monografias, cada qual com seu foco específico: "Les Colleges Maristes au Bresil durant la premiere partie du Xxème siecle: l'exemple de l'etat de Minas Gerais", de Fátima Gomes Taveira Menezes, apresentada à Universite Paris IV – Sorbonne, U.F.R. d'Histoire; "Educação Marista: o Colégio Champagnat de Franca", de Lamia Jorge Saadi, apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP – Campus de Franca; "A Oeste de Minas: Escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista: Triângulo Mineiro (1750-1861)"<sup>5</sup>, de Luis Augusto Bustamante Lourenço, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - MG.

A metodologia de investigação utilizada nesta pesquisa, caracterizada inicialmente como pesquisa bibliográfico-documental, partiu de um embasamento teórico na literatura sobre o tema em questão, desde as discussões gerais e amplas da história da educação, para em seguida entrar nas particularidades das duas primeiras décadas do século XX; foi feita, em seguida, uma coleta de dados em documentos originais do período, tanto da congregação marista quanto da arquidiocese de Uberaba; e, depois de análise e interpretação das informações coletadas, foi confeccionado o presente relatório.

Os resultados da investigação serão apresentados em três capítulos inter-relacionados. No primeiro capítulo, "A Congregação dos Irmãos Maristas: sua origem, seus princípios educacionais e sua vinda para o Brasil", são apresentados os dados biográficos do Padre Marcelino Champagnat, o fundador da Congregação Marista, bem como sua origem na França, em tempos pós-Revolucionários; alguns princípios filosóficos-educacionais maristas e aspectos de sua proposta pedagógica; as razões e estratégias da expansão marista pelo mundo e, particularmente, a vinda da Congregação para o Brasil. No segundo capítulo, "Contexto histórico-educacional de Uberaba no início do século XX e chegada dos Irmãos Maristas", são feitas algumas anotações histórico-geográficas sobre o município de Uberaba; as primeiras escolas, tanto as de iniciativa do poder público, quanto as de caráter privado e as confessionais; e, por fim, apresenta-se "a iniciativa de Dom Eduardo, bispo de Uberaba, em chamar para

---

<sup>5</sup> Esta monografia forneceu a base para a compreensão da "pré-história" da região onde se encontra Uberaba, a "Princesa do Sertão".

Uberaba os ‘Irmãos das Escolas’”, num contexto de confronto entre as idéias dos liberais e dos católicos, período em que se deu a chegada dos Irmãos Maristas no Brasil e sua instalação em Congonhas do Campo, de onde partiram para Uberaba. No último capítulo, “O Colégio Marista Diocesano de Uberaba entre 1903 e 1916”, é feita a apresentação dos primeiros tempos da chegada dos Irmãos e como era a infra-estrutura do colégio que receberam; os Irmãos Educadores e demais docentes colaboradores; os alunos e o currículo proposto; o regime disciplinar como educação da vontade e a educação religiosa como tronco de toda a frondosa árvore do saber.

## CAPÍTULO 1

### A Congregação dos Irmãos Maristas: sua origem, seus princípios educacionais e sua vinda para o Brasil

Este capítulo buscará a compreensão do processo de formação da Congregação Marista na França, a partir dos dados biográficos do Fundador, no contexto de um país marcado pela Revolução; apresentará os princípios filosófico-educacionais maristas e alguns aspectos de sua pedagogia, encerrando as razões e estratégias da expansão da educação marista pelo mundo e sua chegada no Brasil.

#### 1.1. – Aspectos da biografia de Marcelino Champagnat, o Fundador da Congregação Marista

Marcelino José Bento Champagnat (Marcellin Joseph Benoît Champagnat), o fundador do “Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria”, nasceu em 20 de maio de 1789, em Marlhès, aldeia de montanha no Centro-Leste da França. Foi batizado no dia seguinte, na paróquia do Rosey.

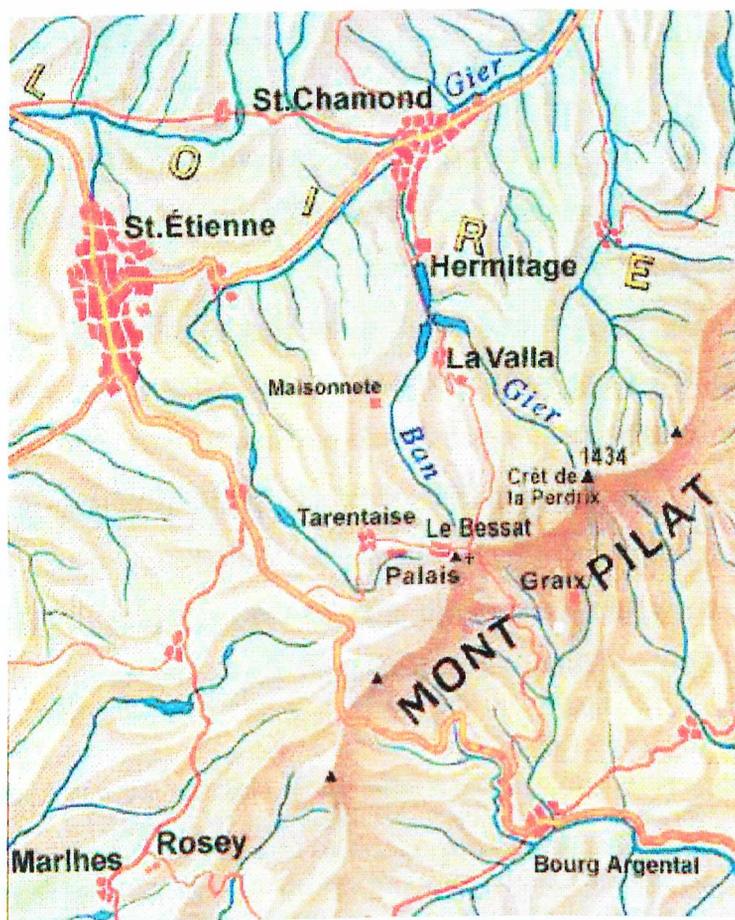


Figura 01 - Mapa da região de nascimento de Marcelino Champagnat.

Fonte: <http://www.fmsmediterranea.net/champagnat/atlas/2.htm>

Nono filho do casal Jean-Baptiste Champagnat e Marie-Thérèse Chirat. Seu pai, agricultor e comerciante, possui instrução um pouco acima da média dos demais concidadãos<sup>6</sup>; aberto a idéias novas, ele desempenha um papel político na aldeia e na região. Possivelmente será dele que Marcelino herdará a habilidade para os trabalhos manuais, o gosto pelo trabalho, o senso das responsabilidades e a abertura às idéias novas. Sua mãe, e sua tia, Luiza, religiosa expulsa do convento pelas perseguições contra pessoas e instituições católicas, transmitiram ao pequeno Marcelino os princípios da fé cristã e a devoção a Maria. De acordo com Frère Avit, eis a descrição de Maria Chirat<sup>7</sup>:

*Firme, ativa, amiga da ordem, da vida interior, muito piedosa, devotadíssima à Santa Virgem, dedicava todo o seu tempo aos exercícios de uma piedade autêntica em benefício de seu lar e da educação de seus filhos.* (AVIT, 1976, p.14)

A respeito de sua tia, eis a informação que nos dá o Irmão João Batista Furet<sup>8</sup>:

*A piedosa mãe foi maravilhosamente auxiliada nessa missão por uma tia do menino, pessoa de iminente piedade e acrisolada virtude. Era uma religiosa que, como tantas outras, fora expulsa do convento pelos homens que, naquele tempo, inundavam a França de sangue e ruínas.* (BATISTA, 1989, p.4)

De acordo com o Irmão Pierre Zind, foi este o diálogo que o pequeno Champagnat, aos seis anos, teve com sua tia: "Tia, o que é a revolução?", ao que a religiosa respondeu: "Pobre criança, Deus te guarde de experimentar, um dia, o que seja a Revolução: é mais cruel do que qualquer animal do mundo" (ZIND, 1988, p. 32).

A mãe, a tia, sem condições de lhe ensinar a ler, senão imperfeitamente, enviaram-no a um professor para aperfeiçoar-lhe a leitura e ensiná-lo a escrever. No primeiro dia, como era tímido e não ousava sair do seu lugar, o mestre o chamou junto a si para a leitura, mas outro aluno apresentou-se e postou-se à frente de Marcelino. O mestre, tomado de nervosismo, deu uma bofetada no rapaz que se adiantara e pensando talvez em agradar ao jovem Marcelino, mandou chorando para o fundo da sala. Tal atitude não era de molde a tranquilizar o novo aluno, menos ainda levá-lo a curar sua timidez. Ele diria mais tarde que tremia todo e tinha mais vontade de chorar que de ler. Essa brutalidade revoltou-lhe o espírito de justiça. Pensou

<sup>6</sup> Dele, Frère Avit diz: "Tinha boa reputação, pouco juízo, caráter frouxo, e de instrução bastante avançada para o seu tempo. Era muito apreciado pelos seus concidadãos, que, em suas contendas, facilmente lhe acatavam as decisões; sendo hábil negociador, era convidado em todas as partilhas e ajeitava muito bem a todas as coisas."

<sup>7</sup> "Ferme, active, amie de l'ordre, de la vie retirée, très pieuse, grandement dévouée à la Ste. Vierge, elle donnait tout son temps aux exercices d'une piété vraie, à son ménage et à l'éducation de ses enfants." Tradução do A.

<sup>8</sup> Este religioso será um dos primeiros seguidores de Marcelino Champagnat, e um dos mais citados de seus biógrafos. Temos aqui um exemplo da dificuldade que temos na identificação de muitos Irmãos Maristas, os quais, até bem pouco tempo, não assinavam seus trabalhos com o nome de família (no caso, Furet), mas apenas o primeiro nome religioso ou o nome composto.

consigo: não volto à escola de um tal mestre; o tratamento injusto dado àquele menino prova o que posso esperar dele. Na primeira ocasião poderá tratar-me de igual maneira. Não me interessam, pois, nem suas lições e menos ainda seus castigos. De fato, apesar das insistências dos pais, não quis mais voltar a estudar com aquele professor.

Nem mesmo a experiência da catequese foi positiva para Marcelino. A imprudência de um mestre, que apelidou um garotinho tímido e desconfiado, foi também uma marca negativa em seu contato com a educação formal: os demais colegas passaram a abusar daquele pequeno, o qual veio a desistir da escola, por não conseguir suportar o ridículo. Tais exemplos levaram próprio Marcelino a desistir da escola, passando a dedicar-se ao trabalho manual, a ajudar na granja e a cuidar de ovelhas, como seu pai.

No ano de 1804, porém, aconteceu um fato que iria mudar radicalmente a vida de Marcelino Champagnat. A Igreja na França, devido às muitas perseguições e verdadeiras baixas em seu número de ministros, desenvolveu uma verdadeira campanha para o aumento de vocações para a vida religiosa. Foi, então, nesse ano que os padres Duplaix e Courbon foram à região de Marllhes à procura de jovens que quisessem ingressar no seminário. O Vigário de Marllhes, Monsenhor Alliot, encaminhou-os à casa da família Champagnat dizendo: "Vão ao Rozey e os senhores verão". Durante a visita, o padre Duplaix explicou qual a razão de seu companheiro e ele estarem ali. E o senhor João Batista Champagnat, apresentando-o para seus filhos, que estavam chegando do trabalho, disse: "Olhem, aqui está o padre que veio buscá-los para os levar ao Seminário. Quem quer ir?" Ao que João Pedro, de 16 anos, rapidamente apressou-se em dizer não. Marcelino, tomado de surpresa pela pergunta feita assim, a queima-roupa, pode apenas balbuciar algumas palavras indecisas. Monsenhor Duplaix, vendo certa atitude receptiva no garoto, afirmou: "Meu pequeno, é preciso estudar latim<sup>9</sup> e fazer-se padre, Deus o quer!" (BATISTA, 1989, p.10). Marcelino decidiu-se, então, ingressar para a vida religiosa. O início de uma caminhada longa e difícil estava se iniciando. Nesse mesmo ano, no dia 13 de junho, morreu o seu pai.

No ano seguinte, 1805, ele entra para o Seminário Menor<sup>10</sup> de Verrières, nas proximidades de Montbrison. Aluno bem mais velho que os demais, Marcelino não obteve resultados favoráveis. O padre Périer, superior do seminário, disse<sup>11</sup> (CHRONOLOGIE, 1976, p. 24) à Madame Chirat, em julho de 1806, que Marcelino não estaria "apto a prosseguir" sua

<sup>9</sup> Esta expressão, "estudar latim", era usada para indicar a vocação para a vida sacerdotal. Era como que uma característica da vida clerical, toda ela moldada no esquema romano de formação: desde os estudos seminarísticos, até a própria "carreira" eclesiástica, a língua latina acompanhava e distinguia os sacerdotes e bispos católicos. Liturgia, sacramentos, documentos e tantas outras expressões de culto e vida religiosa eram nessa língua, não importando em que país estivessem. Era, na prática, uma manifestação cultural de unidade e controle da instituição.

<sup>10</sup> Distinguem-se os períodos de formação seminarística da seguinte maneira: Seminário Menor e Seminário Maior. Aquele, destinado aos estudos preparatórios e a uma iniciação religiosa, a uma espécie de aprofundamento catequético; este visa aos estudos de filosofia e teologia, próprios da vida sacerdotal.

<sup>11</sup> "L'élève n'est pas apte à poursuivre des études ecclésiastiques".

preparação para a vida sacerdotal. Dispensado, assim, do seminário, fez com sua mãe uma peregrinação a Louvesc, ao túmulo de São Francisco Regis. No mesmo ano foi readmitido ao seminário de Verrières, embora terminasse o ano escolar (1806-1807) sendo qualificado como "mediocre" (CHRONOLOGIE, 1976, p.24). Em janeiro de 1810 morreu sua mãe. Reconhecido, pouco a pouco, por sua dedicação e piedade religiosa, Marcelino foi ganhando a admiração e simpatia de todos. Escolhido como responsável pelo dormitório (AVIT, 1972, p.24), aproveitou-se disto para estudar até bem tarde, após verificar todas as noites que tudo estivesse em ordem. Isto lhe possibilitou fazer dois anos escolares em apenas um, tamanho o progresso alcançado.

No dia 1º de novembro de 1813, Marcelino entrou para o seminário Maior de Santo Irineu, em Lyon, ao lado de dois grandes amigos, dos tempos do seminário de Verrières: João Cláudio Colin e João Maria Vianney<sup>12</sup>. De um modo geral, a "vida de seminário" era uma grande experiência de auto-disciplina e superação dos próprios limites. Praticamente todas as congregações religiosas e as dioceses propunham o mesmo roteiro de preparação de seus candidatos. Todos os momentos eram organizados de modo a preparar o jovem seminarista para superar as dificuldades que certamente encontraria pela frente, quando estivesse no exercício do ministério. Tal estrutura de formação dividia assim o dia: levantar-se cedo, fazer a oração da manhã e participar da missa, comunhão, estudos, visita ao Santíssimo Sacramento; à tarde, leitura espiritual, estudos e outra visita ao Santíssimo Sacramento; à noite, oração, exame de consciência e leitura da meditação da manhã seguinte. Havia, também, momentos reservados às refeições, ao lazer e ao descanso. Tudo previsto e destinado a ser fielmente cumprido. Nesse ambiente de estudo e oração, sobretudo pelo clima de devoção marial, Champagnat, Courveille, Collin e alguns outros amigos foram gestando a idéia de fundarem a "Sociedade de Maria". Seria este projeto a motivação para várias reuniões em que os jovens seminaristas, dando asas aos seus "sonhos de apóstolos", pretendiam alcançar três ramos: padres, freiras e uma ordem terceira, esta destinada aos leigos. Numa peregrinação ao santuário de Nossa Senhora de Fourvière, esses doze amigos, acompanhados pelo Pe. Cholleton, diretor do Seminário, decidiram firmemente pela fundação da Sociedade de Maria. Fizeram, então, a seguinte consagração, por todos assinada:

*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tudo para a maior glória de Deus, e a honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nós, signatários, almejando trabalhar para o maior engrandecimento de Deus e de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, exprimimos e manifestamos que temos o sincero propósito e a firme vontade de consagrar-nos - no momento mais oportuno - à fundação da congregação religiosa dos Maristas. Pelo presente ato - que traz nossa subscrição - dedicamo-nos irrevogavelmente, com*

<sup>12</sup> O padre Jean-Claude Colin será, mais tarde, o fundador e primeiro superior geral da Sociedade de Maria. O padre Jean-Marie Vianney, o "Santo Cura d'Ars", será canonizado pela Igreja e proposto como modelo de santidade para todos os vigários, pela imensa dedicação ao serviço paroquial - sinal distintivo de sua vida.

*tudo que possuímos e na medida de nossas possibilidades, à Sociedade da bem-aventurada Virgem Maria. Não assumimos tal compromisso leviana e irrefletidamente, tampouco por intuito humano ou interesse temporal, mas com seriedade, após madura reflexão, aconselharmo-nos, e ponderarmos tudo diante do Senhor, para a glorificação exclusiva de Deus e a veneração de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Neste sentido, entregamo-nos a todas as aflições, trabalhos e sofrimentos, e se preciso, a toda espécie de torturas; tudo podendo naquele que é nossa força - Nosso Senhor Jesus Cristo - a quem juramos fidelidade no grêmio da nossa santa Madre Igreja católica e romana. Aderindo com a plenitude das nossas potencialidades ao seu santo Pastor - o Pontífice romano - como também ao nosso excelentíssimo bispo, a fim de que sejamos bons ministros de Jesus Cristo, alimentados pelas palavras da fé e da sã doutrina que recebemos por intermédio da sua graça; na esperança de que, no decurso do reinado pacífico e religioso do nosso rei cristianíssimo, esta excelente instituição venha a se realizar. Prometemos solenemente consagrar-nos - com tudo que temos, e por todos os meios ao nosso alcance - à salvação da humanidade, sob o excelso nome e os auspícios da Virgem Maria. Seja, contudo, ressalvado para todos, o parecer dos Superiores. Bendita seja a santa e Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria! Amém."* (BATISTA, 1989, p.43)

Nesta passagem podemos perceber um dos aspectos que mais sobressaem no conjunto todo do texto: a motivação eminentemente religiosa de jovens católicos que, em sua preparação para o sacerdócio, possuem uma consciência do alcance político de sua ação. De fato, o contexto de crise político-religiosa por que passava a França consistia num desafio a ser encarado pelos bispos e superiores religiosos de então.

O grande ideal de Marcelino, porém, era a fundação de uma congregação de "Irmãos Educadores". Este ideal nascido, certamente, de sua experiência pessoal com professores mal formados, pelas dificuldades encontradas em sua formação e pela situação de abandono em que se encontrava a educação na França de seu tempo. Segundo o Irmão João Batista (1989, p.28), Champagnat dizia sempre: "Precisamos também de Irmãos que se dediquem à Instituição, às missões e à educação das crianças". A esta insistência de Champagnat, seus amigos disseram: "Neste caso, encarregue-se dos Irmãos, pois que pensou neles".

Marcelino Champagnat foi ordenado sacerdote em 22 de julho de 1816, pelas mãos de Monsenhor Dubourg, bispo de Nova Orleans. O Irmão Avit (1972, p.32) nos informa que Marcelino tinha, então, 27 anos e 2 meses, o mais velho dentre os outros 49 ordenados. Ao nos dar esta informação, acrescenta, porém, que "ousamos dizer que nenhum deles foi mais humilde, mais engravado no espírito de fé, na confiança em Deus e na confiança à Santa Virgem, que ele. E nenhum deles, cremos nós, fez um bem mais consistente, mais extenso e mais durável". No mesmo dia de sua ordenação, o padre Marcelino Champagnat foi à capela de Fourvière e consagrou todo o seu ministério sacerdotal e a si mesmo a Maria com a seguinte oração:

*Virgem Santa, tesouro das misericórdias e canal da graça, a vós levanto as mãos suplicantes. Insistentemente vos peço me tomeis sob vossa proteção e intercedais por mim junto ao vosso favorável Filho, a fim de que me conceda as graças necessárias para me tornar digno ministro do altar. Com vosso amparo quero trabalhar na salvação das almas. Nada posso, ó Mãe de Misericórdia! Nada posso, bem sei: mas vós podeis tudo, por vossas orações; Virgem Santa, deposito em vós toda minha confiança. Ofereço-vos, entrego e consagro minha pessoa, trabalhos e todas as ações de minha vida.*  
(BATISTA, 1989, p.43)

Há, na Chronologie os seguintes relatos:

*Ao dia seguinte de sua ordenação sacerdotal, doze jovens presbíteros, dos quais Champagnat, Colin, Courveille, Déclas, Terraillon, sobem ao santuário de Nossa Senhora de Fourvière para assistir à missa celebrada pelo padre Courveille; os demais comungam de suas mãos. Todos se consagram a Maria e prometem solenemente trabalhar com todas as forças na fundação da Sociedade de Maria.*  
*Aos pés deste altar<sup>13</sup>, em 23 de julho de 1816, o Pe. Champagnat teve a inspiração de fundar a Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria, ou Irmãos Maristas.* (CHRONOLOGIE, 1976, pp.29;198)

No mês seguinte à sua ordenação, no dia 12 de agosto, o Pe. Champagnat foi enviado como coadjutor da paróquia de La Valla, pequeno povoado, local distante e de difícil acesso. Segundo o Irmão João Batista (1989, p.30), era uma “paróquia difícil ao trabalho apostólico por causa de sua posição geográfica”; por isso, os paroquianos “raramente frequentavam a igreja”. Com efeito, “a maioria de seus dois mil habitantes viviam nos vales profundos ou montes escarpados”, lugar formado por “ladeiras íngremes, penhascos, precipícios”, além de várias de suas aglomerações praticamente inacessíveis, “desprovidas inclusive de caminhos transitáveis para se poder atingi-las. Tais paroquianos, apesar de “bons e cheios de fé”, eram ignorantes a respeito das questões de fé. João Batista se refere, certamente, à dimensão doutrinal, aspecto mais objetivo da fé. A razão disso, ainda apontada pelo Irmão João Batista, além da dificuldade da frequência à igreja, estava na pessoa do vigário local, que não atraía os paroquianos por sua dicção defeituosa, que “impossibilitava-lhe instruir convenientemente os paroquianos, tornavam-lhe maçantes as pregações e, em conseqüência, pouco frutuosas aos seus ouvintes. Em suma, a paróquia não possuía mestres para a juventude masculina.” Tais dificuldades não o intimidaram, porém. Seguindo ainda o mais lido biógrafo de Champagnat, transcrevemos “as normas que se propusera no retiro preparatório à ordenação sacerdotal, e que manteve enquanto permaneceu coadjutor de La Valla”:

<sup>13</sup> Estes são os dizeres da placa de bronze colocada, no ano de 1917, junto ao altar da capela do Santuário, em comemoração ao 1º Centenário de Fundação da Congregação Marista.

*Senhor, tudo que existe no céu e na terra vos pertence. Desejo também tornar-me vossa propriedade através de oblação voluntária, para cumprir em tudo vosso divino beneplácito, e trabalhar frutuosamente em prol da minha santificação e daqueles que me cometestes. Neste desígnio, prometo-vos fidelidade ao seguinte:*

*1. Consagrarei, diariamente, pelo menos meia hora à meditação, e, quanto possível, ao levantar-me e antes de deixar o quarto.*

*2. Jamais celebrarei o santo sacrifício da missa sem, no mínimo, empregar quinze minutos de preparação. Após a Eucaristia, dedicarei semelhante tempo à ação de graças.*

*3. No decorrer do dia, visitarei o Santíssimo Sacramento e a Virgem Maria. Procederei da mesma forma, sempre que tiver que sair para visitar um enfermo ou por qualquer outro motivo, como também ao retornar, a fim de agradecer a Deus os favores concedidos e pedir-lhe perdão das falhas que porventura tiver praticado.*

*4. À noite, farei a revisão do dia, e sempre que houver de me incriminar de alguma maledicência ou palavras de vanglória infligir-me-ei três golpes de disciplina<sup>14</sup>.*

*5. Estudarei, quotidianamente e durante uma hora, a teologia.*

*6. Lembrar-me-ei de contínuo que Jesus habita na minha alma, conservando-me na presença divina em todas as ações.*

*7. Exercitar-me-ei, de modo particular, na virtude da mansidão; e, pra atrair mais espontaneamente o próximo a Deus, tratarei a todos com grande amabilidade.*

*8. Quanto às refeições, à maneira de passar os recreios e realizar os demais atos cotidianos, cuidarei de me pautar, tanto quanto possível, pelo regulamento do Seminário Maior.*

*9. Toda vez que infringir algum ponto no tocante às práticas de piedade aplicar-me-ei o açoite, unindo-me aos padecimentos de Cristo.*

(BATISTA, 1989, p.45)

Os tempos de Seminário haviam dado a Marcelino uma estrutura de organização de tempo que ele manteria por toda a vida. Praticamente todo o processo formativo se fazia sob o lema jesuítico: “Fazer tudo para a maior glória de Deus<sup>15</sup>”. Como este ideal religioso era acompanhado de uma severa autodisciplina, compreende-se que o jovem padre mantinha sobre si mesmo uma vigilância que descia aos pormenores de suas atividades diárias, desde o levantar-se, as refeições, o relacionamento com as pessoas (a procura de “tratar a todos com grande amabilidade”), os atos próprios de sua função sacerdotal, até o deitar-se. Podemos perceber, no entanto, que a meditação (cf. norma 1) e sobretudo a ação de graças (cf. norma 2) davam como que os pontos de equilíbrio para que sua espiritualidade não fosse de todo jansenista<sup>16</sup>, pois, ao meditar, a pessoa pensa e reflete sobre a própria ação, enquanto que a ação de graças

<sup>14</sup> A “disciplina” era uma espécie de chicote feito com correias trançadas, instrumento de ascese pessoal com que frades, sacerdotes e mesmo leigos usavam como penitência e busca de autodomínio (ou “domínio das paixões”, segundo a linguagem da época).

<sup>15</sup> *Ad maiorem Dei gloriam.* Este lema, que originalmente foi usado pelos jesuítas, foi assumido por vários religiosos.

<sup>16</sup> O jansenismo, doutrina moral rigorista surgida na Holanda no século XVII, foi adotada no mosteiro de Port-Royal, espalhando-se por diversas dioceses e congregações religiosas.

possibilita a experiência de uma alegria que transcende a dureza e seriedade das práticas de piedade (cf. norma 5). A partir deste programa de vida, o Padre Champagnat passou a exercer seu ministério de forma a atrair as atenções dos paroquianos. Batista (1989, p. 52) nos lembra que muitos diziam dele: “Tem algo a dizer para todos, e não existe ninguém que o escute, sem lhe entender os ensinamentos”. E seu ensino não se limita às homilias<sup>17</sup> e à catequese, mas aproveita-se das visitas que faz aos doentes e das confissões que atende para conduzir a vida religiosa de seus paroquianos. O Irmão João Batista diz que um de seus maiores objetivos era “ganhar a confiança” daqueles com quem convivia, sobretudo as crianças. E acrescenta que

*Para tanto, muito influíram seu temperamento jovial, generoso e acolhedor, sua compostura modesta, risonha – feita de nobreza e dignidade simultaneamente. Ao transitar pelas ruas, se encontrava algumas pessoas, dirigia-lhes invariavelmente palavras de alento [...] Revelou-se sempre solícito, afável e prestativo, a qualquer hora em que se lhe requisitassem obséquios ou o chamassem à igreja ou à cabeceira dos enfermos.* (BATISTA, 1989, p.49)

Talvez tenha sido esta postura que não tenha posto a perder sua atuação junto aos fiéis, quando tomava atitudes rigorosas diante das festas noturnas ou quando se punha a corrigir excessos de bebida. Sua formação rigorista fê-lo protagonizar um fato, ocorrido por ocasião dos bailes de carnaval:

*No primeiro deles, com efeito, surpreendeu um enorme aglomerado. Nos cantos, nas danças, em tudo reinava efervescência. Depois de escutar, um bocado, à porta, abre-a, penetra de chofre e – em silêncio – fita na assembléia o olhar fulminante. De supetão, estacam as canções e o bailarico, erguem-se os espectadores, e todos – dançadores e assistentes – por instantes quedam petrificados; a seguir, precipitam-se em tumulto pelas portas e janelas, esgueirando-se às suas miradas terríficas. Houve alguns que, impossibilitados de fugir rapidamente, esconderam-se, apinhando-se sob as mesas. A dona de casa não demorou em se apresentar, escusando-se entre lágrimas e as mãos juntas, pretextando, em desculpa do seu erro, que isso acontecia pela primeira vez e não se repetiria. O Padre Champagnat lhe replicou, com sua peculiar firmeza: “E na primeira vez a senhora foi pilhada, hein!” [...] No púlpito, verberou com tamanho ímpeto tais exorbitâncias, e se afanou tanto junto aos jovens e seus pais, que logrou eliminar por inteiro as festas noturnas.*

(BATISTA, 1989, pp. 56-58)

<sup>17</sup> *Homilein*, do grego: conversa (familiar). Momento, na celebração da missa, em que o sacerdote faz a “pregação” ou “sermão”, cujo objetivo é a educação religiosa dos paroquianos, e a metodologia consiste em aplicar os textos bíblicos, sobretudo o Evangelho, à vida dos presentes.

Após esta visita, Champagnat percorreu muitos outros lugares, em todos se repetindo a cena. Sinal de uns tempos em que a Igreja Católica mantinha sob seu controle a vida pessoal e social das populações, o comportamento do padre, aqui, é emblemático para percebermos o êxito que obteve: aquelas pessoas, orientadas para a aceitação de um *modus vivendi* de acordo com os preceitos da Igreja, nem sequer tentaram contradizer o vigário; antes, elogiaram sua atitude.

Desde este período como coadjutor, até a sua morte, o Padre Champagnat manteve essa característica de intensa seriedade para com seus compromissos. Mais adiante veremos que a ocupação com a fundação dos Irmãos irá tomar todo o seu tempo. Embora boa parte de sua vida será apresentada no item seguinte, encerraremos estas anotações biográficas com o relato de sua morte, como indicativo de que o dado fundamental da existência de Marcelino Champagnat foi, afinal, a fundação da Congregação dos Irmãos Maristas. Champagnat, embora de compleição robusta e de grande vigor, pouco a pouco foi se debilitando devido às muitas viagens, os jejuns constantes e a doença<sup>18</sup> que, pouco a pouco, nele se instalou. O Irmão João Emílio (1947, pp.23-24) nos informa que “em 1839, aos 50 anos, o Padre Champagnat viu sua saúde declinar assustadoramente<sup>19</sup>”. O Irmão João Batista (1989, pp.173-174) nos diz que até mesmo as ferramentas lhe caíam da mão, quando tentava ajudar os Irmãos e operários nas pedreiras. Sua alimentação se restringia “simplesmente de alguns caldos, um bocado de leite ou certas iguarias muito leves, (...) e mesmo assim freqüentemente tinha que devolvê-las”; além disso, soma-se a esse quadro uma constante palidez, dores nos rins e o inchaço nas pernas. Consciente de que se aproximava o “desenlace de sua peregrinação terrena”, o Padre tratou primeiramente de regularizar os “negócios temporais” da casa, “tudo providenciando no sentido de assegurar aos Irmãos o usufruto pacífico das propriedades da Congregação”. Outra preocupação sua foi a de providenciar um Irmão Diretor Geral vitalício; a isso, atendia a uma percepção e pedido do Padre João Cláudio Colin. O padre Colin era o Superior Geral da Sociedade de Maria que, em sua estrutura original, era composta de Padres e Irmãos. Champagnat encontrou dificuldades no relacionamento com este padre; como tinha na obediência um grande valor, manteve-se atento e dócil às orientações de Colin. A respeito do Padre Colin, temos a seguinte nota escrita pelo Irmão José Cegalla, o tradutor da biografia de Champagnat, escrita pelo Irmão João Batista:

*O Pe. Colin possuía má índole, e apresentava um trato difícil com os outros. Empenhou-se em fazer desaparecer Courveille, considerado como Superior da Sociedade de Maria, pois teve a primeira idéia da fundação desta Sociedade. Por isso, Champagnat julgava a este fundador da mesma. Expulso da Sociedade de Maria em 1836, Courveille acabou como frade beneditino na abadia de Solesmes, na qual viveu e morreu piedosamente em 1886. Tinha dotes de*

<sup>18</sup> O que poderia indicar uma “simples” esofagite ou úlcera revelou-se um câncer de estômago. Será esta a causa da morte de Champagnat.

<sup>19</sup> “En 1839, à l'âge de 50 ans seulement, le P. Champagnat vit sa santé décliner de façon alarmante.”

*excelente orador. Caiu várias vezes nas mesmas faltas ocasionais por seu 'defeito dominante'<sup>20</sup>.*

*Champagnat sofreu muito por causa de Colin. Este chegou a queimar toda a correspondência mantida com ele, Courveille e outros, junto com a de bispos e cardeais. Realizou semelhante destruição em três queimas diferentes, e sem que isso lhe causasse a menor tristeza. Pelo contrário, manifestava alegria ao falar de tal operação. 'Não, não quero que tudo isto passe à posteridade, a qual tem mais que fazer do que ocupar-se de nós. Não pretendo que se ocupem de mim após a minha morte. Destruí a correspondência inteira com o pobre Courveille. Não se achará absolutamente nada com referência a ele'. Deste modo aniquilou a maior parte dos documentos concernentes às origens da Sociedade de Maria.*

*Colin pretendia uma Sociedade de Maria em que os Irmãos estivessem a serviço dos Padres. Numa carta datada de 1838, assim pondera ao Padre Champagnat: 'Não sabe que a Sma. Virgem estava a serviço de Jesus?' Se Champagnat fosse pusilânime, ter-se-ia deixado envolver por Colin. Entretanto, sabemos que se mostrava irreduzível toda vez que lhe ameaçavam a obra. Contudo, morreu convicto de que os Irmãos faziam parte da Sociedade de Maria, tal como se depreende das exortações legadas no seu testamento espiritual."* (BATISTA, 1989, pp.423-424)

Como num testamento civil a pessoa encaminha seus bens a herdeiros ou a quem queira beneficiar, no testamento "espiritual", linguagem comum na vida religiosa, a pessoa (normalmente fundador(a) de alguma Congregação) expressa sua vontade, no sentido de orientar a vida de seus(suas) irmãos(ãs) após sua morte. Na maior parte das vezes, após considerações gerais passa-se a indicações bem concretas do grupo – e mesmo de algum(ns) membro(s) em especial. Batista (1989, p.67) nos diz que o Irmão Francisco (Gabriel Rivat) foi eleito para tal função, com 87 dos 92 votos depositados na urna; era o dia 12 de outubro de 1839.

O Irmão João Batista (1989, p.68) diz que o Padre Marcelino fez seu testamento civil no dia 22 de março de 1840; celebrou a missa pela última vez no dia 3 de maio; recebeu a extrema unção no dia 11 do mesmo mês; sete dias depois, "fez ler publicamente o seu testamento espiritual". E morreu, no dia 06 de junho, aos 51 anos<sup>21</sup>.

Citamos, a seguir, um trecho do testamento espiritual do Padre Champagnat, onde podemos perceber com clareza a destinação educacional de seus Irmãos, o caráter eminentemente religioso da Congregação e sua abertura para com as demais instituições educativas católicas:

*Queridos Irmãos, desejo que esta caridade, a qual deve solidá-los em comunhão unitária, à semelhança dos membros de um mesmo corpo, estenda-se igualmente às demais Congregações. Ah, suplico-*

<sup>20</sup> O autor não diz a que se refere tal "defeito dominante". Uma possibilidade talvez fosse o rigorismo jansenista, que o levaria a posturas extremas na observância das mínimas regras da vida religiosa. Já o ter-ser refugiado numa abadia, onde o monaquismo seria um espaço para a continuidade de seu projeto de consagração aos votos religiosos.

<sup>21</sup> O Padre Marcelino foi beatificado, i. é., reconhecido como modelo de vida cristã, em 29 de maio de 1955, pelo Papa Pio XII; e foi canonizado, reconhecido e proposto como santo para todo o mundo católico, em 18 de abril de 1999, pelo Papa João Paulo II.

*lhe em atenção à caridade incomensurável de Jesus Cristo, abstenham-se de em tempo algum invejar alguém e maiormente os que os Senhor chama a trabalhar, à guisa de vocês, na Vida Religiosa, em prol da juventude. Sejam os primeiros a rejubilar com seu triunfo e a penalizar-se com suas desventuras. Recomendem-nos muitas vezes a Deus e à divina Maria. Cedam-lhes sem resistência. Não atendam jamais a conversações tendentes a prejudicá-los. A glória de Deus e a honra de Maria constituem tão-somente seu único objetivo e sua exclusiva ambição [...] A humildade e a simplicidade formem sempre o apanágio dos Pequenos Irmãos de Maria [...] Difundam-lhe o amor em toda a parte, de acordo com as possibilidades. Ela é a Primeira Superiora da Sociedade inteira<sup>22</sup>.*

(BATISTA, 1989, p.70)

## 1.2. – A origem da Congregação Marista

Desde sua chegada a La Valla, o Padre Champagnat permanecia firme em seu propósito de fundar uma nova Congregação de Irmãos, embora rezasse, às vezes, para que Deus afastasse tal pensamento, se porventura não tivesse Nele a sua origem. No entanto, logo no seu primeiro dia de coadjutor, um jovem foi chamá-lo para atender a confissão de um doente. Pois foi neste momento que Marcelino o escolheu, como "membro inicial da Sociedade que pretendia fundar". Ao conversar com aquele jovem de 23 anos, ao perceber que este era aberto a abraçar o gênero de vida que ele propunha, o Padre foi visitá-lo em sua casa no dia seguinte, oferecendo para ele o livro Manual do Cristão. Batista assinala que

*À recusa de João Maria Granjon - assim se chamava - em aceitar o livro, por não saber ler, o Padre Champagnat lhe respondeu: "Tome-o ainda assim, com ele aprenderá a ler, e se quiser me prontifico a lhe dar algumas lições de leitura".*

(BATISTA, 1989, p. 62)

<sup>22</sup> Uma interpretação "nas entrelinhas" permitiria ver, aqui, um "recado" de Champagnat ao Padre Colin ou a qualquer outro que se pretenda "Superior da Sociedade de Maria": na verdade, ou Maria é a "Primeira Superiora", ou então tal Sociedade não poderá ser considerada "marista", i. é, "de Maria". Pelo ideário da Congregação Religiosa ora pesquisada, comum a tantas outras do período, sobretudo para os que exerceriam a autoridade (o "poder do serviço") era fundamental que assumissem tal perspectiva, sob risco de a Instituição ficar cativa de mandos e desmandos de seus plenipotenciários.

A partir deste momento, Granjon passou a morar perto da casa paroquial, acompanhando o Padre Champagnat por toda parte, sendo para todos "modelo de piedade e de virtude". E sobretudo na postura do jovem padre pode-se ver o educador que se revela.

Numa tarde de outono, no dia 29 de outubro de 1816, aconteceu um fato que seria a inspiração máxima para que Champagnat fundasse a Congregação Marista. O jovem padre foi chamado para atender um menino doente, na aldeia de Le Bessat, distante 8 quilômetros de La Valla. O nome do garoto era João Batista Montagne, de 17 anos (CHRONOLOGIE, 1976, p.30). Padre Marcelino ficou profundamente marcado por saber que, naquela idade, Montagne jamais ouvira falar de Deus. Passou cerca de duas horas com ele, falando-lhe sobre Deus e a importância da fé, preparando-o para um fim cristão. Retornando à casa paroquial, ao saber que pouco depois de sua saída o jovem viera a falecer, o vigário ficou profundamente marcado pelo pensamento de que algum de seus paroquianos viesse a morrer naquela situação de ignorância das "verdades da fé".

*Desde logo, a intenção de fundar uma Sociedade de Irmãos - destinados a prevenir tão graves desgraças, mediante a transmissão do ensino religioso à juventude - importunou-o com tamanha insistência, que foi ter com João Maria Granjon, no fito de lhe confidenciar todos os seus planos. (BATISTA, 1989, p.63)*

Poucos dias depois, em 02 de novembro, um jovem, João Batista Audras, veio falar com Champagnat sobre vocação, sobre sua intenção de seguir a vida religiosa. Audras já tivera contato com outra Congregação, porém, por contar com apenas 15 anos, não fora aceito. Segundo o Irmão João Emílio<sup>23</sup> (1947, p.10), animado com a disposição desses dois jovens, o Padre Champagnat

*compra, então, uma casinha, perto da casa paroquial, e nela instala seus primeiros discípulos. Era o dia 2 de janeiro de 1817. Estava fundado o Instituto.*

O Irmão Batista (1989, pp.64-65) assinala que esta casa, um quintal e um terreno adjacente foram adquiridos por mil e seiscentos francos, dinheiro tomado de empréstimo. Após consertar, limpar e colocar, pessoalmente, alguns "móveis mais indispensáveis", "fabricou, ele próprio, dois leitos de tábuas, assim como uma mesinha de jantar, para seus dois Irmãos".

E, quanto à estrutura inicial de vida e formação dos primeiros noviços,

*Repartiam o tempo na oração, no exercício manual e estudo. De início, os exercícios de piedade foram muito breves e pouco numerosos: constavam da prece matinal, da participação da Eucaristia, de algumas curtas leituras no decurso do dia, realizadas*

<sup>23</sup> "Tous deux paraissent bien disposés. Le P. Champagnat achète alors une maisonnette, près de la cure, et y installe ses premiers disciples. On était au 2 janvier 1817. L'Institut était fondé." (Ambos parecem bem dispostos. Então, o Pe. Champagnat compra uma casinha, ao lado da casa paroquial, e nela instala seus primeiros discípulos. Era 2 de janeiro de 1817. Estava fundado o Instituto.)

*no Manual do Cristão ou no Livro de Ouro, da recitação do terço, da visita ao SS. Sacramento e oração da noite. Por trabalho braçal tinham a fabricação de pregos. O lucro proveniente deste ofício dava para sustentá-los. O Padre Champagnat - que lhes queria como a seus filhos - visitava-os com frequência, trabalhava até mesmo na companhia deles, esperançava-os, ensinava-lhes a ler e escrever, dirigia-os, comunicava-lhes seus designios e projetos na busca da glória de Deus e da salvação do próximo.*

(BATISTA, 1989, p.67)

A tal processo de formação, quanto ao tempo, poder-se-ia aplicar o que disse Viñao Frago em sua categorização de "arquitetura temporal" (1995, p.73). Nota-se, nesta citação, e sobretudo relacionando-a com aquela referente ao espaço providenciado por Champagnat, que tempo e espaço são organizados nos níveis pessoal e institucional para preencher toda a vida dos Irmãos e dar-lhes o sentido das tarefas mais simples. Assim se procederá com relação aos alunos - como se perceberá nas primeiras experiências educacionais e nas escolas que serão fundadas.

Num curto espaço de tempo, vários outros jovens se somam ao grupo (CHRONOLOGIE, 1976, p.32): Antônio Couturier, João Cláudio Audras<sup>24</sup>, Bartolomeu Badard, Gabriel Rivat<sup>25</sup> (este, com apenas 10 anos<sup>26</sup>), dentre outros. Impedido de estar mais presente na vida e formação de seus Irmãos, o Padre Champagnat escolhe ao Irmão João Maria como primeiro diretor de sua Congregação; este Irmão, porém, "acabou não perseverando". Pouco depois (BATISTA, 1989, pp. 67-68), oferece-lhes uma vestimenta "simples e modesta, que os caracterizava de leigos<sup>27</sup>"; e tal indumentária era uma "espécie de sobrecasaca azul, que descia até ao meio das pernas, calças pretas, um pequeno manto e um chapéu redondo". A respeito da cor azul, o Irmão João Emílio (1947, p.11) diz que

*[...] foi escolhida em honra à Santíssima Virgem<sup>28</sup>. Vendo-os, naturalmente o povo os chamava de Irmãos azuis, apelido que ainda permanece na região<sup>29</sup>.*

<sup>24</sup> Este jovem teria sido enviado por seus pais para que trouxesse o irmão, João Batista; no entanto, após falar com o Padre Champagnat, decidiu-se por ficar, após convencer-lhes a "deixar-lhe em liberdade, bem como a seu irmão, de seguir sua vocação".

<sup>25</sup> Este garoto, quando de sua consagração religiosa, será chamado Irmão Francisco. Será ele o primeiro superior da Congregação dos Irmãos Maristas, substituindo ao Padre Marcelino Champagnat.

<sup>26</sup> Houve outro garoto mais novo, aceito na Congregação: João Batista Berne, com nove anos, em novembro de 1820. Por ser tão criança, e com total ausência de cuidado por parte de familiares, era chamado de "l'enfant impossible" - "menino levado da breca". Por diversas vezes, os Irmãos tentaram fazer com que o Padre Champagnat o despedisse; no entanto, Marcelino o tomou sob sua especial atenção, durante vários anos. Mais tarde, abraçou o hábito religioso, tornando-se o Irmão Nilamon. A Cronologia do Instituto (1976, p.34) traz, dele, na ocasião ligado por votos à Congregação Marista, a seguinte nota: "Virá a falecer santamente nos braços do Fundador, a 10 de outubro de 1830."

<sup>27</sup> A diferença básica entre os sacerdotes e os frades (ou Irmãos) é que estes não fazem parte do clero, a hierarquia eclesiástica; ou, mais propriamente, os frades não recebem ordens sacras.

<sup>28</sup> Tradicionalmente, na iconografia católica, as estátuas de Maria apresentam manto de cor azul.

<sup>29</sup> *Frères bleus*, que, de acordo com o original, "dure encore dans la région."

A primeira experiência de ensino marista se deu em La Valla, inicialmente confiada a um professor contratado, sendo esta escola dirigida pelo Irmão João Maria, de 1818 até 1819. O referido professor era um ex-religioso da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. O Irmão João Batista (1989, pp.70-71) diz que Champagnat, percebendo que seus jovens Irmãos eram despreparados para assumir a missão educativa, escolheu tal mestre “para ensinar as crianças da paróquia, como para aperfeiçoar os Irmãos nos estudos, e iniciá-los na técnica do ensino. Além desta motivação, havia o fato de que Marcelino “pretendia assumir o método simultâneo”, como os Irmãos das Escolas Cristãs. A este professor, embora fosse bastante competente, ao fim de um ano “Marcelino Champagnat viu-se coagido a despedi-lo, em função do seu comportamento irregular e excessivamente mundano”. O texto não aponta que “comportamento mundano” seria este. Um ex-religioso, ao sair de sua Congregação, não tentaria, afinal, reconstruir sua vida? Talvez tenhamos, aqui, algumas expectativas de Champagnat que não se realizaram. No mínimo, a presença de tal jovem não seria o mais indicado para a formação de candidatos à vida religiosa!

Como os Irmãos estivessem ansiosos por assumirem o ensino, Champagnat considerou prudente orientá-los para a catequese, algo mais discreto. Como lhes propusera assumir a instrução cristã da juventude nas aldeias próximas, os Irmãos se dirigiam para os vários lugarejos, passando aí dias inteiros com as crianças “mais ignorantes e desamparadas”. Após a saída do ex-frade, acima citado, os Irmãos assumiram a direção e o ensino naquela escola. A partir deste fato, acontece uma mudança na visão dos paroquianos, no tocante à vida e missão dos Irmãos:

*Até essa altura, os habitantes de La Valla atribuíram mesquinha atenção aos Irmãos; tinham pouca informação do seu estilo de vida, e do objetivo que perseguiam; notando, porém, o zelo e a solicitude que punham no ensino dos alunos, e testemunhando o êxito que alcançavam – aplaudiram-nos e louvaram-nos com unanimidade. Cresceu substancialmente o número de escolares, que afluíram de todas as partes da paróquia. Recebiam gratuitamente os pobres, os demais pagavam leve contribuição. (BATISTA, 1989, p.75)*

Neste período houve a necessidade de construção de uma outra sala de aula, o que permitiu “classificar os alunos por ordem de aptidão, o que muito contribuiu para acelerar-lhes o adiantamento”. Além da ampliação e restauração do prédio escolar, Champagnat consentiu que os Irmãos recebessem e alojassem os meninos residentes na casa de particulares; e recebeu doze meninos pobres, “que abastecia do necessário”. A tais garotos Marcelino “instruiu-os, alimentou-os, vestiu-os, colocou-os depois em lares de crédito, continuando a zelar-lhes o comportamento e a servir-lhes de pai”. E a alguém que lhe censurou tal atitude, por “sobrecarregar a casa”, disse:

*Desde a muito ouvi dizer que a esmola não empobrece e a assistência à missa não prejudica a ninguém: vamos fazer tal*

*experiência. Deus, que nos envia estas crianças e nos concede a mercê de albergá-las, haverá também de nos mandar o suficiente para alimentá-las.* (BATISTA, 1989, p.70)

Cresceu, também, a demanda pela presença mais constante de Marcelino Champagnat junto a seus Irmãos. Sendo assim, foi até o Padre Vigário, o primeiro responsável pela Paróquia, a fim de lhe pedir licença para entregar a sua função de coadjutor. Embora com certa relutância, o Padre lho permitiu. Champagnat, então, passou a residir, “por todo o sempre”, com os Irmãos. No entanto, pelas suas tarefas sacerdotais, por privilegiar o aspecto formativo dos Irmãos e pela estima ao Irmão Diretor, não quis assumir a direção da casa. Pelo contrário, ao Irmão João Maria

*Confiou, pois, todas as particularidades da gestão dos negócios, deixando-lhe absoluta autonomia de ação, e longe de estorvar-lhe ou diminuir-lhe a autoridade procurou fortalecê-la e incrementá-la [...] O Padre Champagnat – embora sem imiscuir-se na gerência externa da casa – norteava seus Irmãos, sem nada deixar transparecer acerca dos mínimos pormenores do comportamento deles, na intenção de formá-los na virtude sólida e transformá-los em bons mestres da juventude.* (BATISTA, 1989, pp.72-73)

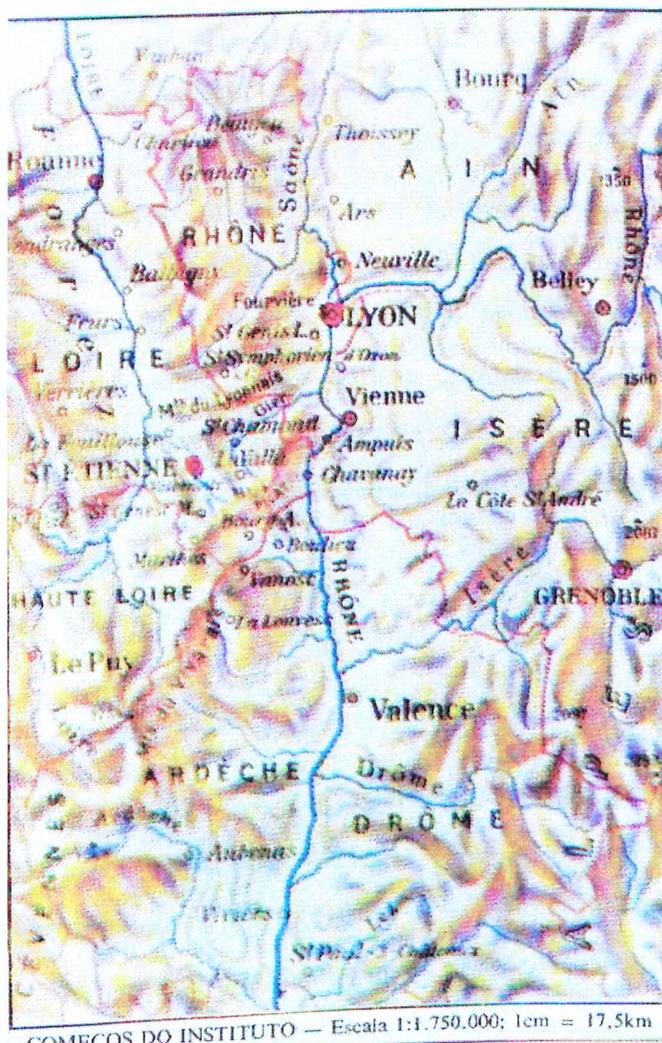


Figura 02: Começos do Instituto. Fonte: Pujol *et alii* (1985)

O mapa acima aponta La Valla como que o "berço" do Instituto Marista. Em meio a citações que dizem respeito à vida religiosa de uma Congregação Católica, a questão de fundo continua sempre o cuidado para com o objetivo maior dessa instituição: educar crianças e jovens. Neste espírito é que devemos ler todo o empenho formativo de Champagnat: criava escolas e punha-se imediatamente a preparar Irmãos para assumi-las.

A partir desta experiência, seguiu-se a fundação das escolas de Marlies, Saint-Sauver, Tarantaise e Bourg-Argental. Praticamente, em todas se repete o "esquema" do que se deu para com a escola de Marlies: nesta, o vigário, Padre Alliot, após perceber o bom êxito da escola de La Valla reivindicou para sua paróquia a instalação de uma "escola de Irmãos do Padre Champagnat" em seu território. Interessante o fato que se deu na fundação desta escola: como para lá foram enviados dois Irmãos muito novos, um dos quais, Irmão Audras, como diretor, estes foram morar no presbitério da paróquia. À noite eles ouviram o sobrinho, também padre, dizer ao vigário:

*Esses dois jovens nada farão; não possuem saber nem experiência bastantes para governar uma escola. Não passam de duas crianças; de que jeito poderiam disciplinar outros semelhantes? Receio que breve haveremos de nos arrepender de tê-los chamado a esta paróquia.* (BATISTA, 1989, p.77)

A escuta desta conversa como que "mexeu nos brios" dos jovens Irmãos que, decididos, assumiram de tal forma o ensino naquela escola que "não transcorrido um mês", os alunos já davam mostras de uma total transformação. É que o faziam "não como professores, mas como religiosos e apóstolos". Esta foi, portanto, como que a seqüência dos acontecimentos havidos na fundação das escolas: inicialmente, o convite para que os Irmãos assumissem o ensino; a seguir surgiam as dificuldades e desafios, pelas muitas críticas que faziam ao próprio Padre Champagnat, por alguns considerado "homem inexperiente, sem aptidão, falho de inteligência"; noutras ocasiões, a questão apontada era a falta de recursos, "que vocês não possuem e dos quais sempre carecerão". A esta afirmativa do Padre Alliot, o Irmão Luís disse:

*O rochedo que deve formar a base de nossa Congregação é a pobreza e a contradição. E isto, mercê de Deus, temos com superabundância; creio, por isso, que edificamos em fundamentos sólidos e que Deus nos favorecerá.* (BATISTA, 1989, p.80)

E à crítica feita pelo referido vigário ao Padre Champagnat, o mesmo Irmão Luís disse: "Não é tal a idéia que, em La Valla, formamos dele: toda a gente o estima qual um homem sensato, e nós, Irmãos, o reputamos por um santo". Na verdade, pouco depois, após vários pedidos para que se fizessem reformas na escola, cujas condições eram muito precárias, e como Alliot não se apressasse em resolver tal questão, o Padre Champagnat retirou seus Irmãos de

Marlhes. Esta escola, logo após a saída dos Irmãos, foi interdita, pois não se podia mais habitá-la sem perigo.

Um dado a registrar é que Champagnat, inicialmente, pensava apenas na educação de crianças e jovens da zona rural. Um fato, porém, muda a direção desta intenção originária. Ao assumirem a escola em Bourg-Argental, com cerca de 200 alunos, ele disse:

*Prezados Irmãos, ao fundarmos esta pequena Sociedade, tivemos a intuição de proporcionar o ensino e a educação cristãos à juventude das paróquias modestas dos centros rurais; entretanto, populações importantes reclamam de nós semelhante benefício. Temos, indubitavelmente, o dever de não lhes recusar tal serviço, pois que a caridade de Jesus Cristo, norma da nossa, estende-se a todos os homens e os jovens das cidades lhe custaram igualmente todo o sangue; [...] não devemos nunca esquecer que fomos fundados essencialmente para as paróquias agrárias, [...] o ensino religioso nas paróquias populosas e nas cidades deve ter maior profundidade, em função do índice superior de desenvolvimento da sua instrução elementar.* (BATISTA, 1989, p.83)

Percebe-se a clara conotação religiosa que Champagnat pretendia dar ao ensino e à educação em suas escolas, inicialmente todas ligadas a uma determinada paróquia. Inclusive a percepção da diferença de profundidade do trabalho a ser desenvolvido nas escolas em área rural e as da área urbana, com conseqüente diferença de método e estratégia.

Para o atendimento às escolas, o Padre Champagnat teve de enviar todos os Irmãos disponíveis, de tal modo que, abruptamente, o convento em La Valla ficou sem jovens em formação, o que representou sério risco para a continuidade da Obra. Após celebrar missas e fazer novenas, Champagnat dirigiu-se em oração a Maria nestes termos:

*Esta obra vos pertence<sup>30</sup>, sois vós que nos congregastes, apesar das resistências do mundo, para procurarmos a glória de vosso divino Filho; se não acorrerdes em nosso auxílio, morreremos, apagar-nos-emos qual lâmpada isenta de óleo. Todavia, se esta obra se extinguir, na se trata da nossa, porém da vossa: porquanto, vós fizestes tudo em nosso meio; contamos, pois convosco, com vossa poderosa ajuda, e nela sempre confiaremos.* (1989, pp.84-85)

Transcorridos alguns dias, chegou à “Casa-Mãe” um jovem que estivera com os Irmãos das Escolas Cristãs, pedindo para ingressar na Congregação. Batista (1989, pp.85-88) assinala que o Padre Champagnat se desagrada totalmente do moço, não lhe dando nenhum indício de que iria aceitá-lo, a não ser oferecendo-lhe pouso, para não recusar-lhe a hospitalidade. Como, ao conversar com Marcelino, o jovem percebera seu interesse em novas vocações, propôs-lhe que o aceitasse, caso conseguisse “meia dúzia de bons candidatos”. O Padre, querendo

<sup>30</sup> Pelo espírito desta oração é que a obra fundada por Marcelino Champagnat é chamada “Marista”, isto é, “de Maria”, “dedicada a Maria”.

descartar-se dele, redigiu-lhe um documento insignificante, deixando-lhe bem claro que o melhor seria voltar para a casa dos pais, ou mesmo para sua Congregação de origem, pois “nossa casa e teor de vida não lhe servem”. Voltando para o lugarejo onde seus pais residiam, aquele moço, aproveitando-se de que todos o considerassem membro da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs<sup>31</sup>, passou a convidar vários outros jovens para a vida religiosa, omitindo porém a realidade dos fatos. Como tais postulantes tinham inclusive já tomado contato com aquela Instituição, prepararam-se o mais rápido possível e partiram com tão “solicito” colega. Era o final de março de 1822. Entretanto, ao chegarem à fronteira de La Valla, o ex-Irmão lhes diz que este seria o ponto final de sua viagem, pois ali “era o noviciado”. Bastante surpreso ao vê-los, Champagnat “hesita em recebê-los, pois os desconhecia”; ficara, na verdade, inseguro quanto às chances deles perseverarem e, também, quanto à forma de sustentá-los e a si mesmo. Diz-lhes que deveria, antes, consultar os demais Irmãos e, caso alguém quisesse desde já se retirar, que se sentissem livres para partir. Como nenhum deles apresentasse a menor hesitação, durante vários dias Champagnat lhes pôs à prova, por diversos meios: “ao invés de pô-los no ensino, empregou-os em lavrar o solo, da manhã à noite, em rigoroso silêncio”. Nada disso os abalou em sua resolução. Fez, então, uma última proposta, a derradeira experimentação, prometendo aceitar a todos: que, sendo ainda “jovens demais para conhecer a própria vocação, resolvi alugá-los a alguns bons colonos com o fim de cuidarem dos animais”. A condição para serem admitidos definitivamente no noviciado seria a de procederem bem, agradarem aos patrões e, ainda assim, manter-se “na disposição de abraçar a Vida Religiosa”. Eis o diálogo que se seguiu entre Champagnat e o mais novo deles:

*- Vejamos – disse o Padre, dirigindo-se ao menor de idade<sup>32</sup>, concorda com isso?*

*- Pois não! Já que o determinou; com a condição, porém, que não deixará de me aceitar no tempo fixado.*

*À semelhante resposta, o Padre Champagnat emudece de admiração; baixa o olhar e, após alguns momentos:*

*- Ótimo! Recebo-os todos desde esse instante.*

E quanto ao ex-Irmão? De acordo com o Irmão João Batista, “em remate deste incidente, acrescentemos que despediram o condutor desses postulantes quinze dias depois, por idêntica falta que motivara sua saída dos Irmãos das Escolas Cristãs” (BATISTA, 1989, p.89). Não cita, todavia, que falta seria esta.

Para acolher a tantos candidatos que passaram a somar-se a esses que vieram, não bastaram acrescentar quartos e fazer reformas: tudo se tornava acanhado para tanta gente. O Irmão João Emílio (1947, pp.19-21) diz que a Congregação contava com mais de vinte Irmãos, outros vinte no Noviciado de La Valla, “além de uma dezena de postulantes.” Postulantes são os que

<sup>31</sup> Ou Lassalistas. O nome se deve ao Fundador, o Padre João Batista de La Salle.

<sup>32</sup> Em nota de pé de página o biógrafo diz, de si mesmo: “seria futuramente o Irmão João Batista”.

ingressam na Congregação, “postulando” fazer nela seus votos solenes de adesão e compromisso. “Noviços” são os que se iniciam na preparação próxima para emitirem os votos de pobreza, obediência e castidade. Praticamente é esse o “itinerário” percorrido pelos candidatos à vida religiosa, seja masculina ou feminina.

Nas ocasiões em que os Irmãos se reuniam para o Retiro Anual, para as férias ou alguma reunião geral, torna-se impraticável abrigar a tantos. Por isso, o Padre Champagnat decidiu “iniciar uma grande construção, bastante ampla para abrigar todos os serviços de uma congregação importante no correr dos tempos”. O lugar escolhido foi “um terreno no fundo do vale que fica abaixo de La Valla, o que aproximará o centro do Instituto de Saint-Chamond”. Precisou, para isso, contrair dívidas e, com seus Irmãos, pôr mãos à obra junto aos operários contratados. Era o ano de 1824: “a primeira pedra foi benta no mês de maio”. Embora muitos predissessem o fim próximo da Congregação<sup>33</sup>, sua iminente ruína, após um ano de intenso trabalho a casa ficou pronta. Foi dedicada a Maria e, por isso, “traz o nome de Nossa Senhora do Eremitério”. O Padre Champagnat se transferiu para lá.

Desde então, a Congregação sempre mais passou a assumir escolas em centros maiores, normalmente em atenção a pedidos de autoridades eclesiásticas ou civis. O Padre Champagnat, que não deixou nenhuma obra temática escrita, manteve, entretanto, intensa comunicação através de um considerável conjunto de cartas. Estas, em boa parte conservadas, nos apresentam um quadro que comunica bem o contexto sócio-político da França de então, situação com que Champagnat teve que confrontar. Revelam, além disso, os inúmeros desafios que lhe foram impostos, inclusive por dirigentes religiosos – sobretudo padres e bispos.

Na Introdução ao “Livro das Cartas”, os Irmãos Sulpício e Ireneu Martim traçam um panorama geral que nos dá um quadro aproximado do contexto mais amplo do período Revolucionário. Seguiremos, em linhas gerais, o que esses Irmãos dizem. Lembremo-nos que Champagnat tinha, da Revolução, a imagem da “fera perigosa”, herdada de sua tia. O que ele e tantos católicos experimentaram foram, sem dúvida, desconfiças e perseguições por parte dos revolucionários. A Igreja Católica tinha com a monarquia um verdadeiro “pacto” de colaboração. Num regime de autêntica “cristandade”, ela seria a “responsável pelas almas” dos súditos dos diferentes reinos, ao passo que os monarcas teriam a missão de cuidar das “questões temporais”. A isto se chama de “unidade dual”, ou “aliança entre a cruz e a espada”, ou “união trono-altar”.

Após a derrota de Napoleão Bonaparte, a família dos Bourbon voltou ao trono da França, com o rei Luís XVIII; este era irmão de Luís XVI que a Revolução Francesa havia guilhotinado. Reinou de 1815 a 1824. Pretendeu, ou melhor, viu-se obrigado a governar à moda dos reis anteriores à

<sup>33</sup> Jean-Émile fala em “línguas nos dentes”: “Les langues, bien sûr, von leur train, dans le voisinage, et on prophétise, cette fois avec assurance, la prochaine baqueroute.” (As línguas, naturalmente, trabalham sem descanso, pelas vizinhanças, agora apregoando - com segurança - um novo fracasso. À casa construída foi dado o título de Notre-Dame de l’Hermitage, isto é, dedicada a Nossa Senhora “do Eremitério”.)

Revolução. Seu irmão e sucessor, Carlos X, que reinou a partir de 1824, exagerou no mesmo sentido e foi obrigado a renunciar em 1830. As cartas escritas por Champagnat refletem algo da agitação social por volta de 1830-1831. Nos tempos da Revolução, a França estava dividida em três grupos, assim caracterizados: os “girondinos”, da alta burguesia, que defendiam a liberdade política, mas não a igualdade econômica; os “jacobinos”, pequena e média burguesia e proletariado de Paris, que tinham posições radicais em vista da redução das desigualdades econômicas no país; e o “grupo da planície”, burguesia financeira, que era oportunista e apoiava quem estivesse no poder. De acordo com tal classificação, seria este grupo que teria apoiado Luís Felipe. Após sua coroação, Luís Felipe, de outra família, governou com o apoio dos “burgueses”, mais afinados com as idéias da Revolução. Champagnat escreveu-lhe uma carta e outra à sua esposa, a rainha Maria Amélia, da família Bourbon.

Administrativamente a França estava dividida em 86 departamentos, sendo cada um governado por um *préfet*, prefeito departamental<sup>34</sup>; a nomeação para tal função era feita pelo Ministro do Interior, lá de Paris. O Padre Champagnat enviou cartas a alguns desses prefeitos departamentais (19 cartas). O mais próximo de Champagnat era o do Departamento do Loire, sediado em Montbrison. Cada Departamento era subdividido em 2 a 5 *arrondissements* ou distritos, cada um administrado por um *sous-préfet*, vice-prefeito, também nomeado pelo Ministro do Interior. Saint-Étienne, cidade fabricante de armas, era uma vice-prefeitura do Departamento do Loire. Cada distrito era dividido em vários cantões, que não tinham governo especial. Cada cantão abrangia várias *communes* ou municípios. Cada município era governado por um *maire*, o prefeito municipal, ajudado no governo por um Conselho Municipal. A casa de Notre Dame de l'Hermitage ficava no município de Saint Martin-en-Coilleux, que fazia parte do cantão de Saint-Chamond, conforme a informação do Irmão João Emílio (1947, p.20). Saint-Chamond dependia do distrito de Saint-Étienne, que dependia do Departamento do Loire, cujo prefeito departamental tinha sede em Montbrison.

Das várias cartas escritas a prefeitos municipais, duas foram dirigidas ao vice-prefeito de Saint-Étienne e 9 a prefeitos departamentais. Champagnat escreveu também a funcionários públicos, deputados e ministros. A maioria das cartas, porém, Champagnat as dirigia aos padres responsáveis pela paróquia e pela escola. Em geral, quem pedia Irmãos para fundar uma escola era o pároco, mas depois de se acertar com o prefeito municipal que, junto com o Conselho Municipal, providenciava o local e o pagamento dos Irmãos. Assim as escolas seriam públicas e os Irmãos, professores municipais.

Quais os requisitos para ser professor? Que a titulação de professor primário fosse conferida pela Academia, que era parte da Universidade da França. Essa havia sido

<sup>34</sup> No Brasil, esse “prefeito” seria equivalente ao governador de Estado.

*[...] estruturada pelo imperador Napoleão Bonaparte no Decreto de 17 de março de 1808, que em seu artigo primeiro declarava: O ensino público, em todo o Império, é exclusivamente confiado à Universidade. De modo que, para ser professor primário o cidadão precisava ter autorização da Universidade, a não ser que fizesse parte de uma Congregação Religiosa autorizada pelo governo.*

A Universidade da França estendia-se por todo o território nacional<sup>35</sup>. Dividia-se em 17 Academias regionais, cada uma dirigida por um Reitor de Academia, nomeado pelo Ministro da Instrução Pública, de Paris. A maioria dos Irmãos, para obter o título, estava sob a jurisdição da Academia de Lyon.

Além dessa lei havia outra mais recente uma *ordonnance*, isto é, um decreto-lei, de 29 de fevereiro de 1816. Essa lei trazia, em seus artigos 10 e 11, as seguintes exigências:

*Qualquer pessoa que quiser trabalhar como professor do ensino primário deverá:*

- 1) apresentar ao Reitor de sua Academia um Atestado de Boa Conduta assinado pelo pároco e pelo prefeito municipal;*
- 2) prestar exame perante um inspetor da Academia ou um delegado do Reitor;*
- 3) receber do Reitor um brevet de capacité (diploma), se for aprovado no exame. Esse diploma podia ser de três níveis:*
  - a) nível inferior ou 3.º grau, para quem soubesse ler, escrever e contar, até o ponto de saber lecionar essas aptidões;*
  - b) nível médio ou 2.º grau, para quem dominasse a ortografia, a caligrafia e o cálculo (as quatro operações) e fosse capaz de as lecionar usando o "ensino simultâneo", igual ao dos Irmãos das Escolas Cristãs;*
  - c) nível superior ou 1.º grau<sup>36</sup>, para quem soubesse a gramática francesa e a aritmética por princípios (isto é, com as regras teóricas) e fosse capaz de lecionar noções de geografia, de agrimensura e outros conhecimentos úteis, a nível primário.*

Esses dispositivos não foram modificados substancialmente nas leis seguintes. Ou seja, Champagnat teve que dar uma atenção especial quanto à adequação de suas escolas ao espírito e exigências desta lei. Outra lei que muito preocupou ao Padre Champagnat foi a do alistamento militar. (Lei de 10 de março de 1818). Quem fosse sorteado devia servir o governo durante sete anos. Seria impensável para a Congregação a ausência de um Irmão por tanto tempo! Desde que uma Congregação fosse aprovada pelo governo, os Irmãos professores estariam dispensados. Não era o caso dos Pequenos Irmãos de Maria. Em suas cartas, o Padre Champagnat se refere a três modos de os Irmãos safarem-se do serviço militar:

- 1) pagar um substituto para servir o governo no lugar dele;*

<sup>35</sup> Os Irmãos Sulpício e Ireneu não esclarecem mais a respeito desta "Universidade da França".

<sup>36</sup> Notemos que, na França, a "contagem" da graduação se fazia na forma decrescente.

2) conseguir o diploma de professor, no mínimo de nível médio e depois assinar o compromisso de lecionar durante dez anos (*engagement décennal*);

3) entrar para uma congregação autorizada pelo governo, durante o período em que estava sujeito ao serviço militar. Isso não estava previsto em lei, mas foi o modo mais utilizado, como se pode verificar nas cartas ao Padre Mazelier<sup>37</sup>.

Outra questão, agora relativa aos alunos, era a da frequência às aulas, sobretudo no ambiente rural. Para entendermos a dificuldade, lembremo-nos que o ano escolar francês começava logo depois da Festa de Todos os Santos (1º de novembro) e terminava no final de agosto ou meados de setembro. Sendo assim, as estações do ano influenciavam muito o ritmo de vida. As aulas começavam em pleno outono, que iniciava a 23 de setembro, e continuava no inverno, que iniciava a 21 de dezembro. Transitar na neve, para ir à escola, era uma empreitada extremamente difícil. E, para se somar a esse desafio, as outras estações, em vários lugares, os meninos não vinham à aula: ficavam ajudando os pais na lavoura.

No entanto, apesar de tantos limites a serem transpostos, a educação marista foi se firmando em solo francês. Quais os princípios em que se baseava? Havia, propriamente, algo novo?

### 1.3. – Os princípios filosóficos-educacionais maristas

A apresentação destes princípios objetiva embasar a resposta afirmativa à questão levantada no parágrafo seguinte. Com efeito, a "novidade" da proposta de Marcelino Champagnat está na profunda relação entre suas intuições e suas práticas educacionais, relação esta compreendida, levada a termo e mesmo elaborada teoricamente pelos membros de sua Congregação.

O Padre Marcelino Champagnat não foi um homem de muita elaboração teórica, mas o seu pensamento estava todo voltado para a ação, para a realização de obras, para a conquista de objetivos bem concretos. Como se pode depreender de sua extensa correspondência epistolar e pelas anotações biográficas do Irmão João Batista, sobretudo quanto à constante orientação que o Fundador dava a seus Irmãos, Marcelino vivia de forma dinâmica a síntese entre palavra e ação.

Após a morte do Padre Marcelino, os Irmãos fizeram uma espécie de resumo dos seus pensamentos, das orientações e indicações práticas que lhes dava. Impresso em 1853, depois de ter sido aprovado no II Capítulo Geral<sup>38</sup> dos Pequenos Irmãos de Maria, o "Guia das Escolas"

<sup>37</sup> O Irmão João Batista narra, no Preâmbulo da Biografia de Champagnat, a origem de várias Congregações Religiosas masculinas. Aqui, trata do Padre Mazelier, fundador dos Irmãos de Saint-Paul-trois-Châteaux, uma das Congregações de Irmãos que se uniram aos Maristas; a outra foram os Irmãos de Viviers, do Padre Vernet.

<sup>38</sup> Capítulo: reunião de representantes dos Irmãos, em vista de resolverem importantes questões relativas à Congregação. O nome se deve à sua origem latina, *caput*, não somente pela presença e participação dos "cabeças" do Instituto, como também pelo tratamento de questões *capitais*.

(*Guide des Écoles*) traduz a concepção do Fundador sobre educação, sobre o método de ensinar e mesmo a sua visão de escola. O Irmão Francisco (Gabriel Rivat), eleito Superior Geral afirma, no Prefácio do *Guide*, ser “desnecessário dizer-vos que, na elaboração e na redação desta obra, seguimos fielmente as instruções deixadas por nosso piedoso Fundador”. E diz que

*Durante alguns anos, nosso bondoso Pai dedicava à nossa formação ao ensino os dois meses de férias que nos concedia; dedicava-os a preparar-nos para dar o catecismo e a inculcar-nos os princípios básicos da boa educação.*

*Aqueles que tiveram a dita de ouvi-lo não de lembrar-se de que, neste assunto, era meticoloso e detalhista, e deu-nos as lições em todos os ramos da educação da criança. O que não disse ele, por exemplo, a respeito da classe dos menores, que considerava a mais importante, e a respeito dos cuidados que os Irmãos incumbidos de tal classe devem ter para com as criancinhas que, por sua inocência, chamava-as de anjinhos? O que não disse ele sobre os meios a serem usados para dar-lhes a conhecer as primeiras verdades da religião, inspirar-lhes a piedade e a virtude, amenizar-lhes as dificuldades na aprendizagem da leitura? O espírito de Deus, de que estava repleto, e o grande amor pelas crianças revelaram-lhe as necessidades da idade infantil, os meios de satisfazê-las e os segredos para conquistar seus corações, orientá-los para o bem, inspirar-lhes a piedade e formar-lhes as faculdades da alma. É este talento, de que era dotado em tão alto grau, embora ignorasse possui-lo, e este zelo ardente pela santificação dos meninos, de que estava animado e procurava transmitir a seus Irmãos, em suas Instruções diárias, que tentamos apresentar aqui.*

Em vários momentos poderemos perceber o senso prático do Fundador da Congregação Marista, como que a confirmar que a reflexão – nele – sempre está ligada a um fazer prático. Para a apresentação dos princípios educativos maristas procuraremos indicar que, desde as citações do pensamento do Padre Champagnat até a continuidade de sua proposta na Congregação Marista, pelos Irmãos que o sucederam, há uma coerência interna na proposta fundamental da Congregação: aliar a educação religiosa e o estudo das várias disciplinas curriculares à busca de uma experiência de cidadania que seja expressão de compromisso assumido, justamente por ser uma resposta da fé aos “problemas do mundo”.

Na segunda parte da Biografia de Champagnat, o Irmão João Batista faz uma citação de uma preleção do Fundador em que, orientando seus discípulos, diz que

*Em se tratando unicamente de ensinar as ciências profanas<sup>39</sup> aos jovens, seriam dispensáveis os Irmãos, porquanto os mestres leigos bastariam para tal função. Por outra, se aspirássemos a subministrar com exclusividade a doutrina religiosa, limitar-nos-íamos a ser meros catequistas, a reunir os catequizandos uma hora ao dia e transmitir-lhes as realidades cristãs. Nosso objetivo,*

<sup>39</sup> Para se distinguir da “ciência sagrada”, a teologia, a qual era oferecida como que “a conta-gotas” através da doutrina catequética, cujo método consistia em fazer repetir de cor as definições da fé católica.

*contudo, é mais excelente: queremos educar os jovens, vale dizer, informá-los das competentes obrigações, ensinar-lhes a desempenhá-las, inculcar-lhes bons sentimentos sobrenaturais, hábitos religiosos, as virtudes do cristão e do bom cidadão. Para tanto, é mister sermos educadores, vivermos junto deles, e que eles permaneçam demoradamente conosco.* (BATISTA, 1989, p.387)

Neste objetivo “mais excelente” podemos ver a busca de uma educação o mais integral possível, desde a instrução até a inculcação de valores, sobretudo os de caráter religioso. A Congregação Marista, por ser uma instituição eminentemente religiosa, brota da intenção e empenho de um padre, tem na religiosidade como que o seu princípio ou elemento fundante. Já do início os Irmãos pretendem ser mais que “instrutores” ou professores: querem ser “educadores”, isto é, colaboradores na formação mais completa e abrangente daqueles que estiverem confiados a seus cuidados. Enquanto que o governo francês buscava organizar uma escola que atendesse a todos, através de toda uma estruturação do sistema educativo, inclusive pela profissionalização do professorado, vemos aqui um grupo de religiosos educadores que se sentem imbuídos de uma autêntica missão. Será na busca do alcance de seus objetivos que os maristas irão gerar e manifestar um *estilo* todo próprio.

O Irmão João Batista apresenta uma citação do Padre Champagnat que embasa toda uma característica, ou mesmo um princípio que acompanha o fazer educativo da Congregação: a *pedagogia da presença*.

*O tempo de aula não lhes pertence, tampouco às pessoas que vêm lhes falar; ele compete aos seus educandos. Por conseguinte, não podem dispor do mesmo nem perdê-lo sem prejudicá-los [...] Abandonem, por hipótese, a aula durante cinco minutos: pois bem, estes cinco minutos multiplicados por quarenta ou cinquenta alunos que têm, perfazem três ou quatro horas perdidas para eles. Será isto uma falta assim desprezível, como à primeira (vista) suporiam? E tal breve intervalo de cinco minutos é mais do que suficiente para o adversário do bem atirar-lhes na classe uma centelha, que pode redundar numa conflagração, e então, apreciada por essa ótica, sua culpabilidade assume pelo contrário diferente seriedade.*

(BATISTA, 1989, p.385)

A seriedade, que aqui poderia ser confundida com rigor extremo, parece indicar, antes, até que ponto chega o compromisso de um educador para com seus educandos. A presença de que fala o Padre Champagnat não é uma simples manifestação física, mas compromete todo o ser daquele que se afirma responsável pela educação de crianças e jovens, os verdadeiros donos do tempo escolar. Alguém que viesse falar com o principal responsável pela turma nenhum bem acrescentaria ao processo; antes, só iria prejudicar. Por isso, a qualidade desta presença não pode nunca ser confundida como um massacre cronológico, mas uma autêntica experiência de amor. É o que o Irmão João Batista recorda do que foi dito por Marcelino Champagnat:

*Para se educar convenientemente os jovens, cumpre amá-los. Ora, tal amor corresponde aos seguintes requisitos:*

- *Dedicar-se totalmente à instrução deles;*
- *Nunca esquecer que representam seres débeis, e conseqüentemente que precisam ser tratados com bondade, instruídos com paciência;*
- *Sofrer-lhes sem queixas as baldas, inclusive a ingratidão;*
- *Propor-se exclusivamente, nos desvelos que se lhes consagram, motivações sobrenaturais, vale dizer, a glória de Deus, o bem da Religião e a salvação eterna deles;*

*Nada contraria mais esse amor aos jovens do que as grosseiras familiaridades e as preferências concedidas a alguns deles.*

(BATISTA, 1989, p.389)

Na página anterior o Irmão João Batista assinalara o dito de Champagnat: “O Irmão há de ser como o anjo da guarda para seus alunos” (BATISTA, 1989, p.388). Na teologia bíblico-religiosa, o “anjo” é, literalmente<sup>40</sup>, um “mensageiro” de Deus, um ser espiritual a seu serviço. Na verdade, qualquer ser humano poderia realizar tal missão. Aplicada a imagem do anjo da guarda ao educador, este manifestaria, pela sua presença e ação, o próprio amor de Deus na vida de seus alunos. Percebe-se a clara distinção feita entre tal “anjo” e os alunos, “seres débeis”: na verdade, o adulto não pode confundir-se com a criança ou o adolescente na relação educativa, mas deve ser o orientador, o coordenador do processo; sua proximidade junto aos mais novos não poderia, nunca, chegar a igualá-los, como se o educador fosse apenas “um a mais”. Para a educação marista, o adulto há de ser sempre uma referência segura, um ponto de apoio para seus educandos. Mais que isto, até, na visão religiosa de Champagnat o religioso-educador era responsável inclusive pelo “destino eterno” das crianças e jovens entregues a seu cuidado, como podemos ver na carta seguinte, datada de 21 de janeiro de 1830:

*Meu caro Irmão Barthélemy e seu caro colaborador.*

*Fiquei muito satisfeito de receber notícias suas. Fico satisfeito de saber que vocês estão com boa saúde. Sei também que estão com muitos alunos e que, portanto terão também muitas cópias de suas virtudes, pois é seguindo estes modelos que seus alunos se formam. De acordo com os exemplos que vocês derem é que eles vão pautar o comportamento deles.*

*Como é grande o trabalho que vocês fazem, como é sublime! Vocês estão continuamente em companhia daqueles com os quais Jesus se comprazia, já que proibiu expressamente a seus discípulos de impedir as crianças a se achegarem a Ele.*

*E você, meu caro amigo, não só não impede mas ainda faz de tudo para conduzi-las a Jesus. Oh! que bela recepção vai ter da parte do divino Mestre, este Mestre generoso, que não deixa sequer um copo de água fresca sem recompensa.*

*Digam a seus meninos que Jesus e Maria gostam muito deles todos: dos que são bem comportados porque são parecidos com Jesus, que é o máximo de bem comportado; dos que ainda não são, porque eles*

<sup>40</sup> Do grego, “ángeles”.

serão. Digam que Nossa Senhora também gosta deles porque Ela é a Mãe de todos os meninos de nossas escolas. Também digam a eles que eu os amo, que não subo ao altar sem pensar em vocês e em seus queridos alunos. Desejaria eu ter a felicidade de ensinar, de consagrar minhas atenções de maneira mais direta para formar essas crianças delicadas.

Todos os demais estabelecimentos vão mais ou menos bem. Rezem por mim e por toda a casa.

Tenho a honra de ser seu pai muito dedicado, em Jesus e Maria,

Champagnat  
sup. d. I. M.

Notre Dame de l'Hermitage, 21 de janeiro de 1830

Bonjour cher père Barthelemy  
et votre cher laboratoire

J'ai été bien content d'apprendre de vos nouvelles  
Je suis bien content de vous savoir en bonne  
santé et je suis aussi que vous avez un bon  
nombre d'enfants, vous aimez par conséquent  
un bon nombre de copies de vos vertueuses  
sur vous que vos enfants de formation, car depuis  
vos exemples guide un enseignement de règles leur  
conduite que votre occupation est véritablement  
est d'être vous êtes continuellement avec eux  
avec qui je suis fort fier de les diriger pour qu'il  
répondent respectueusement à vos disciples d'empêcher  
les enfants de venir à la maison sans vous en avertir  
non, vous devez vous en occuper pour leur  
sécurité mais vous faites tous vos efforts pour  
les diriger bien! que vous en savez bien  
un peu de la durée de la vie en maître libéral que  
un autre pas un de vos enfants d'aujourd'hui  
dites à vos enfants que je suis et marie les  
accusent tous tout ce qui est tout d'abord  
parce qu'ils ne veulent pas que je sois  
suffisamment sage pour que vous ne soyez pas

Je vous aime dans les lieux comme d'habitude  
De la part de votre humble et dévoué fils

Champagnat

Figura 03 - Carta manuscrita de Marcelino Champagnat, dirigida ao Ir. Barthelemy.  
Fonte: Pujol et alii (1985)

Outro princípio, verdadeira base da proposta marista de educação é o que passou a ser chamado de *espírito de família*. Inspirados na experiência dos primeiros Irmãos com Champagnat, os seus sucessores, a partir de um consenso, afirmaram em suas “Regras Comuns” que

*Os membros deste Instituto terão o nome de Irmãos, a fim de se lembrarem sempre que formam uma mesma família, que devem amar-se, edificar-se e mutuamente auxiliar-se na própria santificação.*  
(RÈGLES, p.68)



Figura 04 - Mesa construída por Marcelino Champagnat, em torno da qual reunia os primeiros Irmãos. Fonte: Pujol *et alii* (1985)

O espírito de família é baseado todo no princípio do amor fraterno, experimentado na convivência diária e provado nas relações entre pessoas diferentes que se propõem viver um mesmo ideal de vida. Porque isto é um desafio, aliado a tal espírito está o valor da simplicidade que, em sua etimologia<sup>41</sup>, lembra coerência, abertura, lealdade. No cotidiano das escolas maristas os alunos percebiam facilmente se havia ou não tal “clima” entre os Irmãos, justamente por aquela proximidade de que falamos quanto à “pedagogia da presença”. Desta maneira, seriam beneficiados pela lição recebida: a de, no trato diário com seus colegas e professores, agir com a máxima transparência.

<sup>41</sup> De fato, *simplice*, do latim, “sin plex” (“sem pliça”, “sem dobra”) indica tal comportamento, que não admite duplicidades, falsidades, fingimentos...

Estes dois princípios anteriores são como que o alicerce para a apresentação de mais uma grande base da filosofia educacional marista: o *amor ao trabalho*. Nas “Regras Comuns” os Irmãos dizem que tal atitude

*(nº 3) é uma disposição requerida para ser admitido; os postulantes serão informados disto, e provado, podendo ser despedidos se não demonstrarem gosto e aptidão pelo estudo e pelo trabalho manual.*

*(nº 12) O Irmão Diretor indicará a cada Irmão o que deve fazer ou estudar e lhe pedirá conta do trabalho e do emprego de seu tempo. Não admitirá que os Irmãos fiquem ociosos, sobretudo os jovens, mantê-los-á permanente e utilmente ocupados.*

(RÉGLÉS, p.106 nº 3 e 12)

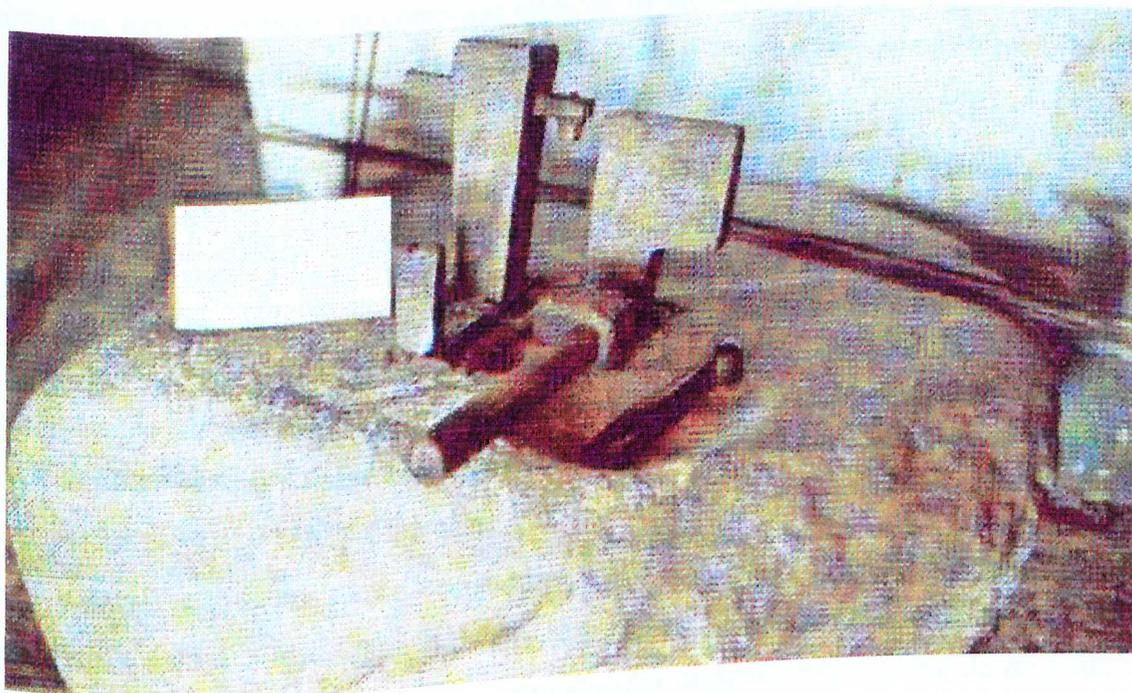


Figura 05: Fabriqueta de pregos. Fonte: Pujol *et alii* (1985)

Champagnat “foi julgado severamente por essa pedagogia, estranha aos olhos de seus contemporâneos” (PUJOL *et alii*, 1985, pp.100-101). Os autores lembram uma carta de 16.05.1837, em que o Fundador, fazendo uma menção aos 20 anos da Congregação, menciona que “contamos com 176 Irmãos e um bom número de noviços [...] que se mostram muito abnegados. Generosamente dedicados: sempre estamos em reformas ou em construções a realizar [...]” E mais adiante esses autores falam de uma verdadeira pedagogia da praticidade, o que nos leva a pensar no sentido mais profundo da proposta de qualquer modelo pedagógico que pretenda preparar para a vida:

*A roda hidráulica era o motor de todas as pequenas indústrias da região e, em particular, do moinho e da forja. Marcelino havia visto e experimentado, desde criança, o grande proveito que um homem engenhoso como era seu pai João Batista Champagnat pode extrair do rio.*

*A casa-mãe dos Irmãozinhos de Maria se converteu logo em um centro de artesanato profissional.*

*Os Irmãos se adestravam e se ocupavam e os alunos aprendiam os ofícios: agricultura e criação de gado, fiação de seda, tecido, fábrica de cintos, alfaiataria, sapataria, ferraria, carpintaria, alvenaria, moagem e padaria.*

*[...] Ofereceu-se para atender, a custos reduzidos, a necessidade dos pequenos povoados e recebeu a todos os que se apresentavam, exigindo somente o que pudessem pagar.*

(PUJOL *et alii*, 1985, p.113)

O senso prático de Champagnat o conduziu a viver e propor uma educação que não se confinava aos limites teóricos, ou como que planasse na abstração pura e simples. Tratando do que havia de mais básico na vida das pessoas – poder falar e escrever, operar e organizar suas finanças a partir dos conhecimentos da matemática, dentre outros – ele pretendeu educar seus Irmãos e, conseqüentemente, os alunos de suas escolas, para a resolução mais pronta e ágil dos problemas mais corriqueiros do dia-a-dia. A partir das questões mais simples, para chegar à consideração das mais complexas, havia um princípio que era como que a “alma” da relação ensino-aprendizagem: a “emulação”. O Irmão João Batista traz a seguinte citação do Padre Champagnat: “As virtudes não se alcançam sem esforço; os defeitos não se corrigem sem luta” (BATISTA, 1989, p.486). Percebe-se que tal estimulação ao esforço, tal busca de superação exige empenho pessoal e mesmo um sacrifício em busca de um bem maior a ser alcançado. descrevem A emulação E como uma “norma pedagógica que produz muito bons resultados, se se souber aplicá-la sem rivalidades e nem menosprezo aos competidores menos dotados” (PUJOL *et alii* 1985, p.107). Não se trata de motivar rivalidades pessoais, mas o cerne da proposta é a auto-superação. Com isto, pode-se dizer que o sentido gratificante do processo está não na vitória sobre competidores, mas na satisfação que se alcança na superação dos próprios limites.

A partir do que se apresenta como básico, podemos perceber alguns aspectos que, em seu conjunto, traçam de forma bem nítida a fisionomia de uma Escola Marista, espaço onde devem se manifestar os princípios da proposta.

#### 1.4. – Aspectos da pedagogia marista

Para o Padre Champagnat, acostumado desde muito cedo ao trabalho na roça, a observar seu pai nas muitas atividades que exercia, a ver sua mãe e sua tia na lida diária da casa, o *corpo* foi uma realidade muito eloqüente: de fato, mais do homem de palavra, como dito anteriormente, o Fundador dos Pequenos Irmãos de Maria foi homem de ação. Por isso, um primeiro aspecto a ser considerado é o do cuidado do corpo:

*Se porventura atentássemos apenas para nossos próprios interesses e nossa tranqüilidade – escrevia (o Padre Champagnat) ao prefeito de um município – não lhe pediria um átrio, pois basta o quintal para os Irmãos esparecerem. O átrio, porém, lhes enseja o benefício de se tornarem úteis aos alunos, retirando-os das ruas e vigiando-os durante os jogos. É exclusivamente por nos empenharmos em dar-lhes bons princípios e distanciá-los das camaradagens perniciosas, que solicitamos um local de recreio.*

(BATISTA, 1989, p.387)

Nas Escolas Maristas havia, desde o início, a consideração para com a dimensão corporal do educando. Ao pensar num espaço amplo em que os alunos pudessem jogar e conviver durante os recreios, Champagnat abriu as portas para que vários outros aspectos fossem alcançados: a *alegria*, pois o dinamismo do ir e vir constantemente, o poder correr e divertir-se como que proporciona grande satisfação à criança e ao jovem; o poder respirar ar puro, que oxigena o cérebro e como que abre as portas da inteligência para a aprendizagem. Decorrentes praticamente naturais do cuidado pelo corpo, aparecem a higiene, a limpeza e o asseio pessoal. Dois outros aspectos, estes mais complexos, são também fortes auxiliares para um verdadeiro cuidado do corpo: a educação da vontade e o silêncio; este, por exigir postura que ultrapassa o simples calar-se e tem o sentido positivo de colaborar pela atenção ao que esteja sendo dito; a educação da vontade, por sua vez, tem na extensão do corpo a confirmação do nível que se atingiu no autodomínio.

Certamente, a criança e o jovem não assimilarão tal proposta educativa senão pelo exemplo. O Ir. João Batista apresenta um pensamento do Padre Champagnat a respeito da força do *testemunho*:

*Para educar um jovem, é necessário possuir qualificações que se lhe imponham ao respeito e à submissão. Pois bem, as credenciais que melhor considera são a virtude, o testemunho, a idoneidade e os sentimentos paternos que se lhe demonstram. A educação é, portanto, primeiramente a obra das atitudes exemplares, porque a virtude fortalece a autoridade. Além do que, o jovem se educa muito mais observando do que ouvindo; apreciando seus pais ou superiores trabalharem, instrui-se nos diferentes empregos e aprende um ofício; similarmente, presenciando sobretudo virtuosos exemplos, sabe como praticar a virtude e viver cristãmente. Um Irmão piedoso, caritativo, paciente, dedicado, fiel aos seus compromissos [...] mediante os próprios atos e sem que o advirta, transfunde nos alunos todas as virtudes cristãs.*

(BATISTA, 1989, p.389)

O Padre Fundador fala de uma prática que não admite o “tocar trombeta” diante de si; pelo contrário, é na própria ação testemunhada que reside a força de atração para que o exemplo seja seguido. De certa forma, o convencimento não se dará pelo ouvido; antes, os olhos é que,

atraídos pela luz clara do exemplo, verão os caminhos possíveis para uma vivência dos valores percebidos.

O educador que se puser nesta busca de coerência entre suas palavras e sua vida hão de prevenir, somente por agir assim, muitos atos de indisciplina, um dos grandes problemas a serem encarados na escola (de todos os tempos). O Irmão João Batista apresenta o pensamento do Padre Champagnat sobre a *disciplina*, vista nas perspectivas da prevenção e da correção:

*Vários pensam que a disciplina afasta os alunos da escola. Absolutamente. Todos prezam a ordem, e a confusão desagradada a toda a gente, inclusive aos jovens. Ficam satisfeitos, à vontade, numa escola em que impera a ordem; inversamente se desgostam do estudo numa classe anarquizada.*

*[...] Os castigos e as recompensas contribuem para a conservação da disciplina, na proporção em que se usam com temperança e elevada sabedoria. É urgente, pois, variar as punições, principiando sempre com as menores, e só recorrer às mais drásticas esporadicamente e para faltas graves. Diga-se o mesmo quanto às recompensas*

*[...] A competição, os prêmios e as correções não passam de processos secundários no objetivo de tornar ativos, estudiosos e dóceis os alunos; na consecução frutuosa de tudo isto, interessa especialmente preservar o aluno do mal e conservá-lo na candura. Instilem, portanto, a fundo, estes dois pensamentos no coração dos educandos:*

- Deus nos vê em toda a parte e em qualquer tempo;
- Quando nos achamos sós, não devemos jamais nos permitir o que não ousaríamos fazer de companhia, bem como aquilo que seria vergonhoso confessar aos meus pais ou superiores.

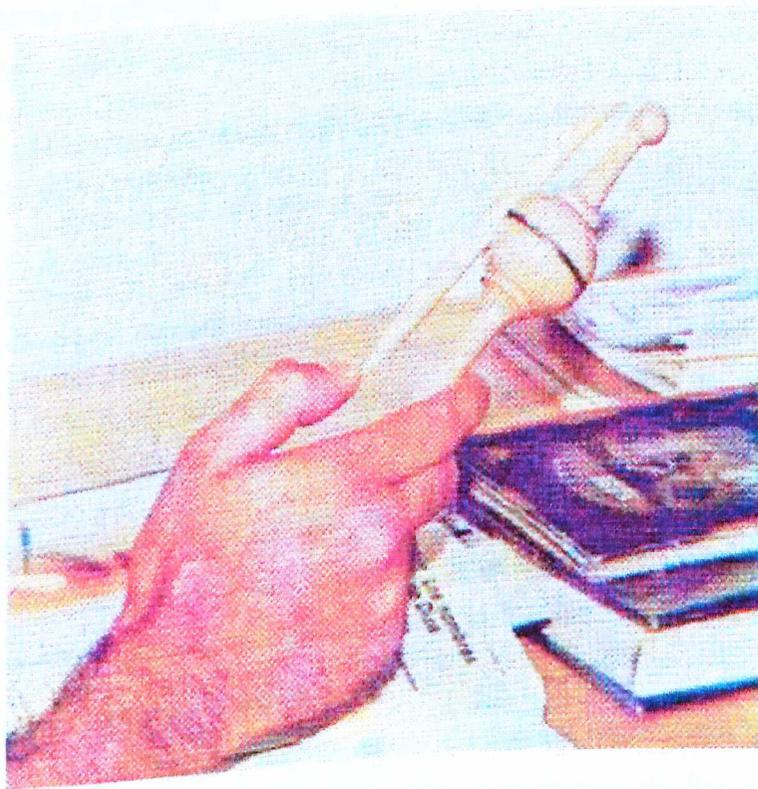
(BATISTA, 1989, p.390)

Não há maior chance para um melhor tratamento da indisciplina senão prevenindo-a. O Padre Champagnat chama a atenção para um aspecto que é fundamental para que isto ocorra: a *ordem*. Quando esta está garantida pelo educador, o aluno tende a seguir o clima reinante, e colabora. Mesmo no caso daquele que tende à dispersão e às conversas a ordem ajudará a prevenir, pois qualquer comportamento destoante será percebido, sendo tal aluno chamado a responder por seus atos – não tendo a quem apontar como culpado!

Mas, e quanto aos *castigos*, à *punição*? No *Guia das Escolas* são citados, após feitas várias advertências verbais e mesmo “ameaças, os seguintes “castigos admitidos” nas escolas maristas: “nota de comportamento e de desempenho”, que podiam ser mudadas pela “melhora de conduta ou desempenho” ; “registro de ocorrência no quadro negro”, não superior a três ou quatro falhas ao mês; “exoneração de um cargo”, em se tratando de oficiais, como os monitores; “pensums”, frases que deveriam ser decoradas ou copiadas; a reserva de um “lugar de confinamento ou da desonra”, canto da sala reservado para o castigo a “faltas e negligências graves”; o “signo”, toco de madeira ou cartão em que se escrevia as palavras “tagarela”,

“preguiçoso” e “sujo”, a ser conservado no bolso de quem não mantivesse o silêncio, não se empenhasse nos deveres escolares ou então faltasse quanto ao asseio pessoal ou à ordem nos cadernos; vários: ficar de pé ou joelho no meio da sala; ficar em pé, com o rosto voltado para a parede; ficar em pé e em silêncio, no pátio, durante o recreio; pontualidade máxima; a palmatória<sup>42</sup> (ou fêrula) era usada em situações extremas e, mesmo assim, com a nota de que “não está autorizada em nossas escolas”.

Era sobretudo a valorização do silêncio que fazia da aula um processo em que o professor tinha sob seu comando tudo o que ali acontecia, devendo falar o “mínimo necessário”. Para isto havia um objeto de madeira, o “sinal”, que, a partir de um determinado código, diferentes toques significavam diferentes procedimentos do professor, ou comportamentos que este esperava de seus alunos. Por ter um som não muito aberto, mas um tanto breve e abafado, prestava-se a auxiliar no bom andamento de uma aula que exigia silêncio e pronto atendimento dos alunos, para alcançar seu sucesso. O professor, em tal método, usa o mínimo possível a palavra, mas orienta sua classe para um efetivo trabalho, cuidando para que não haja “ruídos desnecessários”.



Figuras 06 e 06a: o "sinal". Fonte: Pujol *et alii* (1985)

Em todas as possibilidades de castigo, há orientações para que se evite os excessos no momento de executá-lo. No seguimento da citação, pede-se que sejam evitados os “castigos aflitivos”, os que possam ferir a sensibilidade do educando e mesmo sua saúde; que não sejam

<sup>42</sup> A palmatória é aqui descrita como “uma simples taca de couro, sem acréscimo de qualquer outro material, com quarenta centímetros de comprimento e alguns centímetros de largura”.

infligidos castigos que, “por sua natureza, sejam repudiados pela sociedade, mal vistos pelo público em geral ou ridicularizados pelos alunos”.

Um aspecto muito importante a ser considerado é o do *respeito mútuo*. O Irmão João Batista (1989, p.393), citando Champagnat, diz que “Em educação há poucas coisas mais essenciais, tanto para o mestre como para os alunos, do que o respeito mútuo que se devem”; prossegue dizendo que o respeito aos mestres é algo considerado como o mais natural dos comportamentos, e que estes reclamam o acatamento de suas palavras e pessoa. E conclui: “De igual modo, torna-se impossível educar devidamente um aluno, se não for respeitado”. Num espaço em que deve reinar o “espírito de família” e uma convivência de Irmãos (entre si e com seus alunos), eis uma regra de ouro!

Qual seria o aspecto fundamental da educação marista? O amor a Jesus Cristo e, intimamente ligado a este, a devoção a Maria. O Irmão João Batista cita Champagnat, que nas palavras dirigidas aos membros de sua Congregação apresenta em que consiste, afinal, o ideário educativo marista: educar em cumprimento a uma vocação, a uma missão, a uma tarefa que envolve inclusive o destino eterno do educador:

*Para educar com proveito os jovens, compete amar com veemência a Jesus Cristo.*

*[...] Para nos induzir a respeitar os alunos e manejá-los sempre com justiça e bondade.*

*[...] Seus alunos são mais do que filhos de reis, são filhos de Deus, são irmãos de Jesus Cristo. E não o esqueça: o divino Salvador, a Verdade substancial, afiança-nos que considera feito a si mesmo todo o bem ou todo o mal que lhes fizerem.*

(BATISTA, 1989, p.391)

Em inúmeras ocasiões o Padre Marcelino Champagnat expressou que Maria seria a Primeira Superiora”, a “Boa Mãe” do Instituto Marista, e que nela todos deveriam “confiar”, a ela “recorrer”. Na verdade, todo o Instituto foi consagrado a Maria, de tal forma que a devoção a ela deve acontecer no seguinte espírito, que está contido no tradicional lema: “Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria, para Jesus”. De modo especial, dois aspectos da figura de Maria são ressaltados por Champagnat e pelos Irmãos: Mãe do Senhor, donde decorre ser também Mãe dos Cristãos; e Perfeita Discípula, exemplo mais acabado de obediência ao Projeto do Pai, que quis contar com uma Mulher para que seu Filho se encarnasse. Tais princípios religiosos, ao serem transmitidos aos alunos e seus pais, constituem como que a fundamentação mais sólida do edifício marista: através da vivência da fé o cristão deve estruturar toda a sua vida, em vista de comportar-se como cidadão virtuoso.

O Irmão Gildo Cotta apresenta o educando como um ser em potencial; pois se, para Champagnat, “educar é cooperar com Deus, também para ele o educando está no centro de toda

a obra educativa”, no sentido de que ele “é concretamente e aquilo que deverá ser segundo o educador” (COTTA, 1991, pp.53-54). Esta *centralidade do educando* é cara aos princípios maristas, revelando-se como um aspecto essencial do processo. Quanto à definição de educação, que o grande objetivo é arar a “terra-educando”, preparando-a para que possa produzir os frutos esperados pelo “semeador-educador”, cuja tarefa inclui o arrancar das ervas daninhas:

*A educação representa para o jovem aquilo que o cultivo significa para o solo: por melhor que seja um terreno, se permanecer inculto, não produzirá senão matagais e espinhos; da mesma forma, quaisquer que forem as excelentes disposições de um rapaz, se lhe falta a educação, não possuirá virtudes e sua existência se esterilizará no tocante ao bem. (BATISTA, 1989, p.388)*

Para encerrar esta apresentação dos princípios e aspectos da filosofia educacional marista, deixaremos a citação da tentativa de síntese proposta por Gildo Cotta a partir de uma *Imagem Ideal de Educando*. Expressão de uma perspectiva humanista, a proposta marista de educação parte deste protagonismo do educando, considera sua abertura para um consciente processo de autoconhecimento e superação de limites; procura vê-lo como ser de múltiplas relações, nas quais vive e atualiza valores; e situa-o naquele horizonte de Encontro com o Transcendente, fonte de sentido para toda a caminhada já feita e ainda por fazer.

- (1) *O educando é sujeito cada vez mais consciente de que as potencialidades que lhe couberam constituem o chamado a se realizar plenamente e implicam para ele não só o direito de poder efetivá-lo, mas também o claro dever de empenhar-se nessa realização.*
- (2) *Igualmente dá-se conta de que os aspectos negativos que descobre em si constituem obstáculos que cumpre eliminar.*
- (3) *Abre-se ao mundo dos valores, objeto de busca humana; chega a estabelecer em relação a eles uma hierarquia, em cujo ápice estão os valores absolutos.*
- (4) *Descobre paulatinamente a vocação pessoal, isto é, o eu ideal que quereria ser e sente poder ser com base em suas possibilidades reais, em suas aspirações, na livre escolha dos valores.*
- (5) *Cresce nele o senso de responsabilidade pelo êxito ou malogro de sua vida que, está sabendo, depende da correspondência ou não das escolhas e dos atos cotidianos com o ideal e a hierarquia dos valores.*
- (6) *Vai sentindo cada vez mais a necessidade de unificar todas as energias para chegar à realização do ideal. Isso exige a superação das dispersões características da primeira idade, mas não exclusivamente desta; deseja que os conflitos interiores sejam compostos com harmonia; que o relacionamento com os outros seja regido pelo respeito, pela abertura e capacidade de entrega. Essa unidade de sua personalidade, rumo à realização de si, há de conduzi-lo à*

- conquista da verdadeira liberdade, para ser homem livre, capaz de doação espontânea.*
- (7) *Sabedor da grandeza e da dificuldade de uma vida voltada para um ideal elevado, sente a necessidade do socorro divino e reza para obter a força necessária. Sabe que seu verdadeiro ideal é Cristo e mantém o olhar fixo nele, a fim de deixar-se transformar-se nele.* (COTTA, 1991, p.56)

De acordo com este percurso educacional percebido e proposto por Gildo Cotta como a síntese da educação marista depreendemos os seguintes elementos<sup>43</sup>: o aluno é protagonista no processo, é sujeito de sua própria educação; um projeto de vida, um ideal somente pode ser construído a partir de determinados valores, o que supõe responsabilidade pelas próprias escolhas; além disso, propõe-se que sejam buscadas a unidade e harmonia entre as várias relações que o educando estabelece, ou seja, consigo mesmo, com o outro e com o Transcendente que, no caso da proposta da confissão religiosa marista, é a pessoa de Jesus de Nazaré.

Esta proposta educativa foi tomando corpo e se espalhando por toda a França e, de lá, para várias regiões do mundo, incluindo o Brasil. A seguir, veremos com se deu tal expansão, procurando entender as razões e as estratégias utilizadas. A fundamentação bíblico-exegética justificar-se-á pelo horizonte mesmo do trabalho que empreendemos: compreender uma proposta *religiosa cristã* de educação.

### 1.5. – A expansão da educação marista pelo mundo: razões e estratégias

A fé cristã é fundamentada na experiência de Jesus Cristo que, durante a convivência com seus discípulos e, em especial, ao despedir-se deles, deixou-lhes uma missão a realizar. Esta missão que foi deixada aos discípulos, *evangelizar*<sup>44</sup>, anunciar uma *boa nova*, essencialmente é a mesma de Jesus, em cumprimento à vontade de Deus Pai. Jesus, ao iniciá-la, convidou seus ouvintes a se converterem e *crerem no evangelho* (Mt 4,12-17; Mc 1, 14 s; Lc 4,14 s); durante sua *vida pública*<sup>45</sup>, enviou seus seguidores a visitarem cidades e aldeias, lançando o mesmo apelo à mudança de vida e à crença no *Evangelho* (Mt 10,1-4; Lc 6, 12 s); e, após a Ressurreição, enviou seus discípulos *ao mundo inteiro* para evangelizar e batizar (Mt 28,18-20; Mc 16,15-19; Lc 24,44-49; Jo 21). Esta noção de “envio para a missão” praticamente percorre toda a história

<sup>43</sup> O autor, curiosa ou coincidentemente, apresenta “sete” itens - o número da perfeição na simbologia religiosa de várias culturas!

<sup>44</sup> Do grego “euangélion”, boa notícia. Este termo é usado para o anúncio feito para todos, indistintamente; no caso dos iniciados, que desejam um aprofundamento na fé, usa-se “catecheuo”, literalmente “fazer ecoar” (o que foi ouvido).

<sup>45</sup> Expressão consagrada na exegese bíblica, a “vida pública de Jesus” se refere ao período de mais ou menos três anos (segundo alguns, pouco mais de um ano) em que ele percorreu a Palestina fazendo sua pregação religiosa, desde quando batizado por seu primo João Batista, até sua crucificação e morte.

dos cristãos, católicos e de outras denominações. Particularmente com os religiosos e sacerdotes esta idéia é um imperativo. O apóstolo Paulo, que não conhecera a Jesus, sentindo o mesmo apelo, disse: "Ai de mim, se não evangelizar!" Com o Padre Champagnat não se deu de forma diferente.

Decidido a tornar-se padre, Marcelino teve toda uma formação seminarística em que esta tradição de consagração à obra evangelizadora lhe foi inculcada como valor e signo de identidade. Na verdade, o sacerdote é um "continuador de Cristo" no mundo, alguém que age em seu nome<sup>46</sup>. E foi basicamente esta formação que ele conferiu a seus primeiros Irmãos: também eles, através da educação, deveriam ser como que apóstolos de Cristo junto às crianças e aos jovens. Esta é uma das razões de a Congregação marista crescer e se espalhar ainda durante a vida de Champagnat: o entusiasmo dos Irmãos em "cumprir a missão".

De acordo com Pujol *et alii* (1985, p.30), as autoridades francesas, de início, instintivamente vêm nas Congregações religiosas "o instrumento capaz de fazer aceitar às pessoas sua condição", o que poderia ser um fator de estabilidade social. Para um país em período pós-revolucionário, esses grupos religiosos, embora tivessem uma herança monárquica, ensinavam a obediência às autoridades legitimamente constituídas como autêntico valor cristão. E, quanto à proposta marista, esses autores dizem que

*As autoridades religiosas e civis estavam de acordo com que nada melhor do que a escola dos Irmãos para manter as pessoas dentro de sua classe social originária o que puderam aprender na escola e que não fosse útil para a agricultura ou a indústria, logo era esquecido, permanecendo tão-somente os bons costumes e os hábitos de civilidade e obediência.*  
*As autoridades universitárias não pensavam de maneira diferente, no tocante ao Ensino Primário. Entretanto existia a fundada suspeita de que nada, como a cultura, para libertar o homem de toda dependência externa, conduzindo-o à própria felicidade. Daí o esforço para arrancar a Escola Primária das mãos da administração eclesiástica.*  
 (PUJOL *et alii*, 1985, p.30)

De acordo com este processo, a relação do Estado com a Igreja, de um modo geral, e com as Congregações educacionais, em particular, passou por toda uma dinâmica que envolveu desde a colaboração (e privilégios) até a perseguição. Pujol *et alii* apresentam alguns dados históricos que polarizaram o conflito escolar na França e que caracterizaram o nascimento e os primeiros passos do Instituto dos Irmãos Maristas. Trazem um quadro, a modo de síntese cronológica, que aponta:

<sup>46</sup> Termo tradicional na teologia, agir "in persona Christi" refere-se a todas as ações do sacerdote, sobretudo as relacionadas aos Sacramentos que confere aos fiéis.

- Até a Revolução de 1789, pode-se falar de um certo monopólio da Igreja em matéria de ensino, sendo que o Estado apóia essa situação;
- 1789-1802: A Revolução provoca o rompimento e o Estado reivindica da Igreja para si o direito de organizar o ensino.
- 1802-1815: Ocorre o monopólio do Estado sob o comando de uma pessoa (Napoleão), utilizando a Igreja;
- 1815-1830: Monopólio confessional contestado pelos voltairianos e pela burguesia liberal leiga;
- 1830-1870: A burguesia reclama o direito, mas os católicos reagem visando à manutenção do "status" da Igreja;
  - Lei Guizot (1833): (liberdade do Ensino Primário);
  - Lei Falloux (1850): (liberdade do Ensino Médio);
- 1871-1880: Estabeleceu-se, lentamente, a Terceira República. Plano para restabelecer a realeza. "Ministério da Ordem e da Moralidade", do duque de Broglie. Firma-se a Constituição Republicana (1875), com regime parlamentarista. Maioria republicana do Senado. Eleição de Jules Grévy (1879);
- 1881-1903: Represália da burguesia leiga: organização de um sistema de ensino neutro, leigo e obrigatório (Leis de Ferre 1881-86);
- 1903-1904: Proibição às congregações religiosas dedicadas ao ensino;
- 1903-1914: A escola livre pode existir, mas não recebe subvenção alguma do Estado. (PUJOL, 1985, pp.31-32)

A partir deste quadro e da contextualização histórica do nascimento e desenvolvimento da Congregação dos Pequenos Irmãos de Maria, pode-se inferir que os "altos e baixos" na relação da Igreja com o poder constituído, bem como a necessidade dos católicos de fazerem valer suas crenças e princípios religiosos, foram se tornando a base para um pensamento em Marcelino Champagnat: transpor as fronteiras francesas; assumir "terras de missão". Sua frase a Dom Bénigne Troussset, em carta do final de maio de 1837, "Todas as dioceses do mundo estão em nossos planos", traduz bem a crença, o desejo e a intenção de Marcelino: que sua Congregação pudesse educar crianças e jovens em todos os cantos e recantos do mundo. Estrategicamente, como desde as origens, tudo dependeria dos contatos da Congregação com os Bispos, responsáveis imediatos pelas dioceses<sup>47</sup>.

Relembrando o quadro acima, podemos entender porque as muitas perseguições de que foram vítimas como que "empurraram" os Maristas para fora de sua pátria de origem. Em uma visão mais imediata, tratava-se de uma questão de sobrevivência. A seguir, apresentaremos a vinda desta Congregação para o Brasil.

<sup>47</sup> Uma "diocese" é, na prática, como a Igreja católica se apresenta territorialmente dividida. É também chamada de "Igreja Particular", no sentido que toda a expressão católica se encontra naquela "porção cristã", "parte" da Igreja Católica (que, em sua etimologia, Katá Holos, significa "Universal").

## 1.6. – A vinda dos Irmãos Maristas para o Brasil

Desde o ano de 1893 os Superiores Maristas recebiam convites de bispos brasileiros para que enviassem Irmãos para assumirem o ensino em suas dioceses. De acordo com o Álbum do Centenário (1997, p.12), o primeiro bispo a fazer tal pedido foi Dom Eduardo Duarte e Silva, bispo de Goiás, residente em Uberaba, da Província de Minas Gerais. Em seguida foi Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque, bispo de São Paulo, em 1894. Mas o bispo atendido foi Dom Silvério Gomes Pimenta, bispo auxiliar de Mariana, MG, para o qual teve todo o apoio do Cardeal Rampolla, Secretário de Estado do Vaticano. Sua solicitação, feita em 1895, foi atendida dois anos depois. Em 15 de outubro de 1897 chegou ao porto do Rio de Janeiro uma pequena caravana de seis Irmãos. Eram eles: Júlio Andrônico, Luís Anastácio, Aloysio, João Alexandre, Afonso Estevão e Basílio. Três dias depois, em 18 de outubro, chegaram a Congonhas do Campo, que se tornou “o berço da comunidade Marista em Terras de Santa Cruz”. A recepção foi calorosa, com todo o povo e autoridades presentes..

No entanto, os Irmãos pouco puderam entender de tudo o que ocorria, senão perceberem a “natural curiosidade”, sobretudo dos quarenta alunos que teriam diante de si aqueles frades “de língua enrolada”. A escola para a qual foram chamados a dirigir era um pequeno colégio anexo ao Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Pouco mais de um mês depois de sua chegada, ainda sem conhecerem bem a língua, sem saberem encontrar as palavras adequadas para se expressar em português, os Irmãos assumiram as aulas “desarmados, atônitos e desconfortáveis”. Pouco a pouco, porém, as dificuldades foram sendo superadas, em especial aquelas que vinham da falta de comunicação com os alunos e pelo fato de estes, acostumados à liberdade que tinham em seu dia-a-dia, terem quase que aversão diante do regime disciplinar imposto. Com o passar dos dias e meses, entretanto, os Religiosos Maristas foram “recobrando ânimo, enchendo-se de esperança num futuro melhor e adquirindo certo traquejo nas aulas e no domínio da situação”.

Este capítulo se encerra com a citação, um tanto longa, é verdade, mas que nos dá como que um retrato do que possa ter significado para aqueles jovens Irmãos a experiência missionária em terras brasileiras. De acordo com o autor de “Vingt Ans de Brèsil”, assim ocorreu o primeiro dia de aula, naquele 1º de dezembro de 1897:

*Após o café houve a transmissão de poderes, que não teve nada de solene. O Pe. Pinto retira-se para o quarto, o Pe. Isidoro dirige-se para junto dos alunos externos e os dois regentes misturam-se com os alunos no recreio. Quanto a mim<sup>48</sup>, imagino que somente entrei em função na sexta-feira, já que fora indicado para trabalhar com os externos. Lá pelas dez horas o Irmão diretor me encontra ocupado com afazeres que*

<sup>48</sup> “Vingt Ans de Brèsil” é atribuído ao Irmão Adorator, que foi o primeiro Provincial Marista no Brasil.

nada tinham a ver com minhas funções junto aos alunos e me questiona:

- Como assim, você não está na aula?

- E é preciso ir para quê?

- Entenda-se com o Pe. Isidoro...

Com a cara de um condenado à morte, quando interpelado pelo carrasco, vou procurar o dito padre e depois de um sem número de palavras mutiladas, chegamos à conclusão de que eu ensinarei Aritmética aos alunos mais adiantados, por ser essa a única matéria que poderia ministrar com certa conveniência, dado meu fraco conhecimento da língua portuguesa.

Eis-me professor de Aritmética sem saber o nome das quatro operações. Felizmente o Pe. Isidoro, ao dar-me solenemente uma caixa de fósforos com alguns pedaços de giz e um fragmento de esponja, me fornece igualmente um livrinho de Aritmética que usava. Estava devidamente armado! Um toque de apito, os alunos se aproximaram e entramos na sala de aula. Que classe! Que alunos!

O Irmão passa a narrar as mínimas condições do ambiente que, para abrigar a 60 alunos, mal tinha bancos para que se assentassem. Um quadro negro, "que não possuía mais que 50 centímetros", era o único recurso de que dispunha o professor para se comunicar com a turma. Após vencer os minutos de embaraço diante da turma, o "professor", que nem conhecia os termos da Aritmética, deve iniciar sua aula de matemática... Eis que, a partir daí, começa a dominar a situação.

Indico um aluno com o dedo e o levo até o quadro, entregando-lhe o giz e a esponja. Quero ditar algum algarismo, mas me dou conta de que não conheço os termos da Aritmética e que os nomes dos algarismos, que havia decorado, desapareceram todos da memória justamente no momento em que desesperadamente os buscava. Que fazer? Que faria você em meu lugar? Procuo manter o sangue frio. Solenemente tomo o giz e escrevo dois números com elegância. Aí, sob a forma dos algarismos, encontro-me. Essa é toda minha superioridade!

Uma vez escritos esses números era preciso fazer alguma coisa. Que operação? Lanço um rápido olhar para o livreto e vejo a palavra "adição". Isto me basta! "Adição", digo com a maior convicção, a fim de dar-me segurança e inspirar confiança aos alunos. Mesmo diante desse termo os alunos vacilam e falham. Que fazer para corrigi-los? Haveria a palavra "erro" que poderia lançar no ar, mas sem acompanhamento ela não me salvaria da má situação.

A necessidade desperta o gênio! Tomo o giz e depois de apagar o algarismo errado, mudo-o pelo certo e faço sinal ao aluno para que continue. A cada erro emprego o mesmo estratagema de correção. Uma hora de aula nunca me pareceu tão longa! Embora jovem, tenho cabelos brancos e creio que foi naquele dia que eles começaram a mudar de cor! Ao meio-dia toca o sinal e todos nos sentimos livres. Os alunos se dispersam como se fossem uma revoada de pardais e eu lanço um

*longo, longuíssimo suspiro de satisfação, e agradeço interiormente à Boa Mãe e a meu anjo de guarda a proteção que me dispensaram. É hora do cafezinho, que tomo com o Pe. Isidoro. Ele me felicita por meu primeiro sucesso...*

O relato prossegue, falando que “à uma hora da tarde o suplício recomeça”, devendo a aula versar sobre leitura e escrita. Em silêncio, sem entender a maior parte do que os alunos liam, o professor os escuta; passa, então, para a caligrafia, onde pode sentir uma certa segurança diante do que vê.

*Ai estão os 60, em todas as posturas, sentados, deitados, em pé, agachados, com as camisas curtas fora das calças mal costuradas e de todas as cores. Admiro a seriedade de meus alunos; parecem não encontrar assunto de distração, mesmo quando tenho impetos de cair na risada.*

*Chegam as três da tarde! É o final! Dou aos alunos algumas medalhinhas. Pe. Isidoro pede uma dúzia. Despedimo-nos. Volto feliz à comunidade! Meu primeiro dia de aula terminou e, graças a Deus, nem tão mal.*

*No refeitório, padres, Irmãos e alunos, todos estamos um tanto perplexos. Realmente, numa situação como a nossa, os primeiros dias são terríveis. Nossos futuros jovens, ao encontrar um confortável ninho, não saberão o quanto custou aos primeiros Irmãos prepará-lo.*

Enfim, pode-se dizer que a “aventura” iniciada na França com o jovem padre Marcelino Champagnat alcança o Brasil e começa a semear aqui sua proposta. Devido aos insistentes pedidos de bispos brasileiros e também pela perseguição religiosa, os Irmãos vêm para este país considerando-o “terra de missão”, lugar onde tudo, praticamente, estava por ser feito. E, particularmente com respeito à educação, esta afirmação se aplica largamente.

### 1.7. - Considerações Parciais

A educação marista tem seu berço na França pós-Revolução. Foi lá que o Padre Marcelino Champagnat, ao perceber que não havia escolas suficientes, nem professores preparados para assumir a educação das crianças e dos jovens, resolveu fundar uma Congregação Religiosa de Irmãos leigos que se consagrassem ao ensino. A partir de um início bem simples, com rapazes praticamente analfabetos, ele iniciou sua obra. O que buscava, através do ensino das matérias ditas “profanas”, isto é, relacionadas às ciências e às técnicas, era “tornar Jesus Cristo conhecido e amado” e “formar bons cristãos e virtuosos cidadãos”. Esses objetivos, de caráter nitidamente religioso, são a própria razão de ser dos “Irmãos das Escolas”. Pouco tempo depois, embora contando com várias escolas em seu país, a Congregação Marista se espalharia por diversas regiões do planeta devido às perseguições religiosas do governo francês. Pode-se

entender neste sentido a afirmação do próprio fundador do Instituto Marista: "Todas as dioceses do mundo estão em nossos planos".

Os princípios educacionais maristas, ao valorizarem o aspecto familiar-comunitário e ressaltarem o aspecto de "missão religiosa" dos educadores, fizeram da "pedagogia da presença" como que o centro da proposta dessa Congregação de Irmãos educadores. De fato, a proximidade do adulto junto ao jovem passaria a ser um dos elementos mais importantes para uma intervenção formadora que, na visão de Marcelino Champagnat, ia muito além da simples transmissão de conteúdos.

A aplicação de tais princípios em várias regiões do planeta dependeria, sobretudo, do contato dos Superiores maristas com os bispos das mais longínquas dioceses. A partir dos acordos feitos, os Irmãos assumiriam tal tarefa como missão evangelizadora e missionária.

No Brasil, embora o bispo de Uberaba, Dom Eduardo Duarte e Silva, tivesse sido o primeiro prelado a solicitar a vinda dos Maristas para sua diocese, quem o conseguiu foi o bispo de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta. Os Irmãos, ao desembarcarem no Rio de Janeiro em 15 de outubro de 1897, rumaram diretamente para Congonhas do Campo.

Pode-se perceber que a Congregação dos Irmãos Maristas é, antes de qualquer outra consideração, uma instituição religiosa de confissão católica. Seu fundador, o Padre Marcelino Champagnat, de sensibilidade aguçada para a educação cristã de crianças e jovens do seu tempo, concebeu e iniciou uma proposta de uma escola que aliasse o ensino das disciplinas comuns de qualquer outra boa escola à formação cristã dos alunos. Para isso, ele próprio formou seus primeiros Irmãos de acordo com suas concepções.

\* \* \*

O próximo capítulo tratará do contexto histórico e educacional de Uberaba no início do século XX; irá considerar as iniciativas do Estado e da Igreja Católica em atender à demanda por escolas que pudessem alfabetizar crianças e jovens em várias cidades que iam surgindo; a chegada dos Irmãos Maristas em Congonhas do Campo; e apresentará a transferência dos Irmãos para Uberaba, para o quê muito contribuiu Dom Eduardo.

## CAPÍTULO 2

### Contexto histórico-educacional de Uberaba no início do século XX e chegada dos Irmãos Maristas

No capítulo anterior foram apresentados alguns dados sobre a Congregação Marista no conturbado período da França pós-Revolução, bem como alguns elementos da biografia do Padre Marcelino Champagnat, o fundador, e uma breve abordagem da pedagogia marista e seus princípios filosófico-educacionais. Foram esboçadas as razões e estratégias que levaram esta obra educativa religiosa a se espalhar por diversos países, inclusive sua vinda para o Brasil. Apresentar-se-á, agora, a situação histórico-geográfica de Uberaba, desde os primórdios da ocupação branca até o início do século XX, privilegiando particularmente a problemática educacional. Se ela se tornou conhecida como verdadeiro centro civilizador do Brasil Central, onde se instalou, importa buscar suas origens lá onde estão fincadas as razões para que aportassem, nela, os que se lançavam à faina exploradora.

#### 2.1. – Anotações histórico-geográficas sobre o município de Uberaba

É bastante divulgada a alcunha de “Princesa do Sertão” para Uberaba, apelido este que vai sendo melhor compreendido na medida em que nos aproximamos dos elementos de caráter histórico e mesmo da geografia da região. Na verdade, devemos mesmo entender o sentido que normalmente se dá ao sertão, realidade que traz em seu bojo certas peculiaridades que tantos procuraram apresentar, a partir dos mais diferentes pontos de vista. Iniciaremos nossa exposição com as palavras de Paulo Prado que afirma:

*O sertão vivia como ainda hoje vive, inexplorado, guardando em seu arcano, para o escoteiro, a esperança de todas as possibilidades. A sua história, nas suas linhas gerais, será a história dos catadores, faiscadores e lavageiros de ouro, da prata e das pedrarias. Atrás dessa ambição correram as bandeiras por toda a vastidão da terra desconhecida.*  
(PRADO, 1972, p.177)

Um dos que muito trabalharam na região, tornando-se como um dos “pioneiros” do processo civilizatório, foi o padre Antônio José da Silva, o “Vigário Silva”. Em seu texto, ao falar a respeito dos índios, da fauna e da flora, dos recursos hídricos ou dos costumes da região, ele praticamente pinta um quadro que nos permite visualizar o cenário de então. O vigário Silva escreve que

*Entre o Rio Grande e o Rio das Velhas, na Província de Minas Gerais, Comarca de Paracatu do Príncipe [...] os lugares eram incultos e desertos até 1807, e apenas conhecida a estrada que a atravessava, de São Paulo para Goiás, onde residiam alguns índios<sup>49</sup>, os quais nunca tiveram ânimo de alongar-se para alguns dos lados da mesma estrada, como depois se conheceu pelas culturas sempre vizinhas às suas habitações.*

*Os animais existentes e conhecidos são os mesmos que nos outros lugares do Brasil, com a diferença porém que os campos abundam de muitas cobras urutus venenosíssimas; há muitos sursoris pelos pântanos, jibóias pelas matas, muitas abelhas, muitos pássaros diferentes e peixes por todos os ribeirões.*

*Há pelo meio dos campos formados em colinas grandes buritizais, que desde as suas cabeceiras formam pântanos intransitáveis. Destes muitos buritizais dimanam águas muito puras, que servem para beber, tocar moinhos, monjolos e engenhos.*

(SILVA, 1970, pp.7;10-11)

O naturalista e botânico Auguste de Saint-Hilaire, que esteve por essa região fazendo o levantamento de suas riquezas naturais, descreve o que havia de “natural” e que realmente estava no horizonte de interesse daqueles homens:

*Caminhando sempre na direção do Oeste, alguns caçadores de Minas Gerais chegaram a essa região onde encontraram pastagens excelentes, fontes de águas minerais que poderiam dispensar os criadores de dar sal para os animais e finalmente extensos e numerosos capões que indicavam terras férteis.*

(SAINT-HILAIRE, 1975, 151)

Para entender a complexidade do processo de ocupação e desenvolvimento da região, é importante que se entenda o que deparou seus exploradores quanto ao tipo de solo, clima, topografia, riquezas naturais, recursos hidrográficos, vegetação, dentre tantos outros elementos. Apresentaremos, a seguir, alguns elementos geográficos com que se depararam os exploradores que aqui chegaram, o que poderá nos fornecer os elementos para a compreensão do fascínio exercido em seus espíritos.

De acordo com um texto avulso disponível no acervo do Arquivo Público de Uberaba, intitulado “Dados Históricos e sócio Econômicos do Triângulo”,

*A topografia apresenta, ao norte, patamares elevados, que atingem 1000m de altitude, enquanto ao sul as terras são mais baixas, ficando em torno de 500m. Os derrames basálticos oriundos de atividades vulcânicas, no período triásico, favoreceram o surgimento de fertilíssimos solos ao longo das encostas e dos vales próximos aos rios Grande e Paranaíba. No restante encontram-se chapadões onde predomina a formação Bauru, apresentando solos arenosos e com elevações, recobertos predominantemente por*

<sup>49</sup> Inexplorada ainda a região, por ela estavam espalhados vários agrupamentos indígenas, estabelecendo-se de forma mais ou menos fixa em suas aldeias. Encontravam-se igualmente dispersos vários quilombos, formados por negros fugidos do cativeiro e que buscavam no sertão viverem suas vidas em liberdade; deles, o maior e mais conhecido era o “dos Ambrósios”.

*cerrados, com uma vegetação "sui generis", composta por árvores e arbustos bastante distanciados e gramíneas que se lhes interpõem, apresentando gradações que vão do cerrado ao campo-cerrado, propícios à criação extensiva de gado. Assim, apesar de certa uniformidade, a região possui um perfil bastante diversificado composto de campos, cerrados, chapadões, areões, cascalho, etc. A mesorregião é uma típica zona de transição climática em que o tropical quente predomina, com temperatura média anual de 19 a 23° C, proporcionando clima ameno, propício à agricultura, que também se beneficia da riqueza eólica da região, onde, além dos rios Grande e Paranaíba, existem dezenas de outros rios de menor importância, quanto a extensão de seus vales e volume de suas águas. As condições ecológicas são relativamente instáveis, como sói aos cerrados, embora haja alternância bem delimitada das estações seca e chuvosa, com regime de chuva satisfatório, com precipitação variando entre 1.200 e 1.500 milímetros anuais. Sua estação seca pode se estender de 3 a 6 meses. Recursos minerais que se destacam são: argila, calcário, diamante, águas minerais, nióbio, fosfato, zinco, urânio, tório, magnetita, manganês, granito e apatita.*

Para realizar bem a ocupação da região, várias foram as "entradas", durante as quais várias trilhas e caminhos eram abertos, a fim de marcar e facilitar o acesso e trânsito mais fácil. Entre os vários caminhos, a mais famosa da região era a "Estrada do Anhangüera", que foi aberta e demarcada por Bartolomeu Bueno da Silva. Este, na verdade, era filho do bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva que, em 1682, encontrou ouro em terras goianas. É lenda que corre, desde então, que ele teria ateadado fogo em uma cabaça com cachaça diante dos índios, dizendo que assim ele faria com os córregos e ribeirões se não lhes falassem onde encontravam as pepitas de ouro com que algumas mulheres se enfeitavam. Passou, então, a ser chamado de "diabo velho" ("Anhangüera") pelos índios. Seu filho tinha 12 anos, e teria assistido a toda a cena.

Herdara, assim, não somente o nome, mas a mesma intrepidez e sede de aventura de seu pai.

Edelweis Teixeira narra o episódio de saída da bandeira de Bartolomeu, o filho, onde temos uma idéia do que representava, na época, uma empreitada desse porte:

*[...] na madrugada fria de 03 de julho de 1722, após assistir missa e comungar, saiu de São Paulo. São 155 pessoas: seis paulistas, um baiano, vinte lusitanos, 120 índios, 8 negros mina, além de três padres, cento e cinqüenta e duas armas e 39 cavalos.*

(TEIXEIRA, 1986, p.10)

O historiador uberabense Hildebrando Pontes apresenta um testemunho epistolar de José Peixoto da Silva Braga, membro da bandeira do Anhangüera, com data de 25.08.1734. Podemos notar, para além das dificuldades todas da peregrinação, as possibilidades e recursos que a região oferecia para a manutenção do grupo:

*Marchou toda a tropa, sempre por campos e matos grossos, e pousando sempre à beira dos córregos e rios: não faltam em todos*



Essas campanhas foram abrindo frentes de ocupação humana em várias localidades pelo sertão. O que salta às vistas é o choque cultural em que europeus e brasileiros de centros maiores e “civilizados” (isto é, mais ou menos urbanizados), ao depararem com os indígenas não os reconheceram como autênticos seres humanos. Em 1742 as Câmaras de Vila Boa<sup>50</sup> e Cuiabá

[...] ordenaram ao Coronel Antônio Pires de Campos que equipasse uma força e com ela desse campanha ao selvagem. Campos, acompanhado de um contingente de 500 índios Bororos, por ele amansados em Mato Grosso e de muitos outros das tribos Parecis, Carajás, Javaés e Tapirapés, deu vigoroso combate aos Kayapó, rechaçando-os. Entretanto os Kayapó voltaram e Pires de Campos foi encarregado de exterminá-los. Em 1748, Campos desbaratou todos os Kayapó da estrada de São Paulo a Goiás. Pacificada a região, alojou os seus índios em 18 aldeias, ao longo da estrada, entre os Rios Grande e Paranaíba, para servirem de guarda avançada na garantia dos viajantes e povoadores da região.

(PONTES, 1978, p.21)

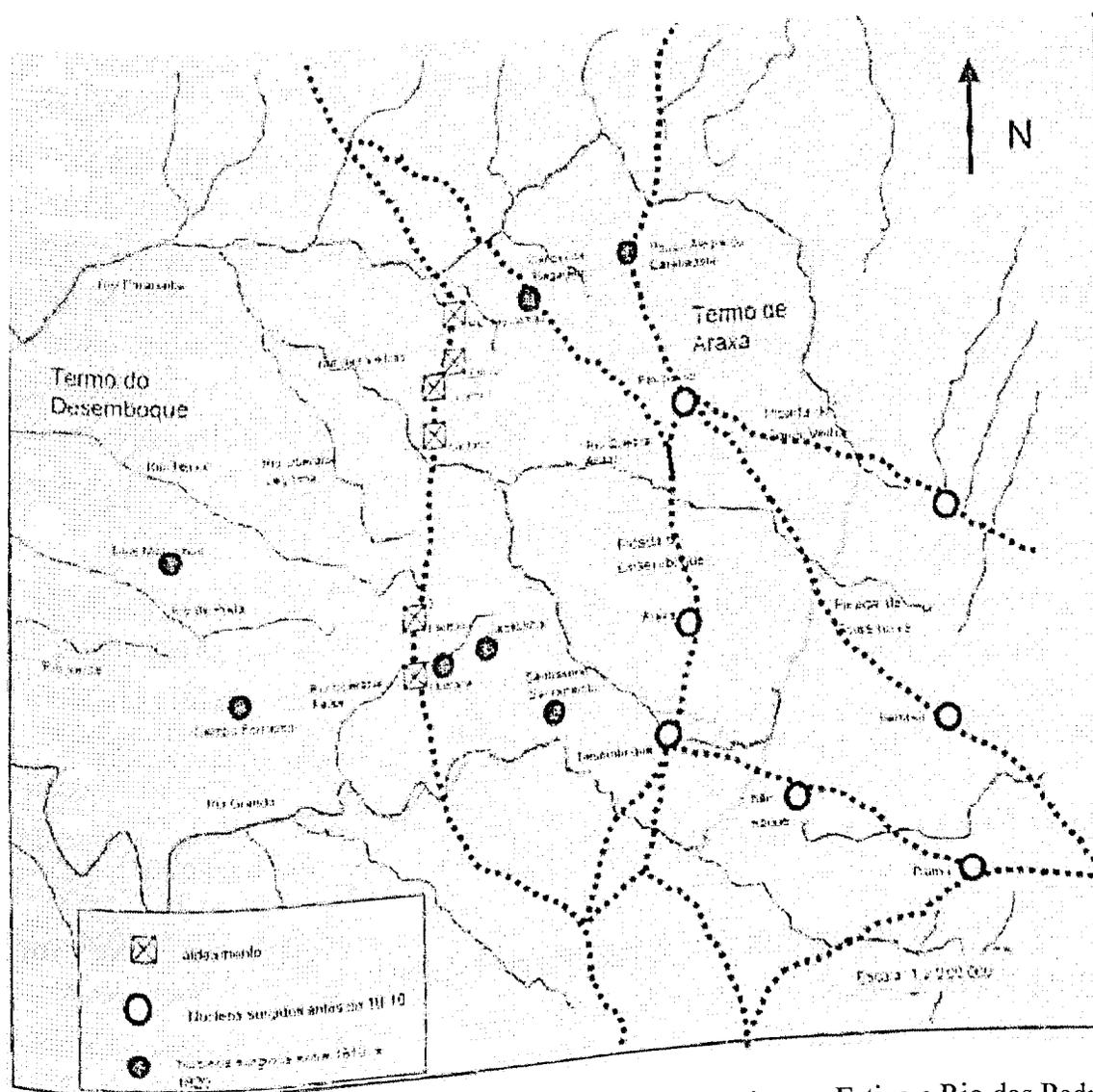


Figura 08: Aldeamentos indígenas: Uberaba, Lanhoso, Santana, Piçarro, Estiva e Rio das Pedras.  
Fonte: Lourenço (2002)

<sup>50</sup> Atual Goiás Velho.

Toda a linguagem da época era de considerar como “selvagens”, ou até mesmo como sub-humanos, os indígenas que eram contatados. Quando os “bravios” não eram “amansados”, eram pura e simplesmente dizimados. Pontes acrescenta, à mesma página, que

*[...] as 18 aldeias, mencionadas por Saint-Hilaire em 1819, eram: Paranaíba, São Domingos, Rio das Pedras, Estiva, Pissarrão, Boa Vista, Furnas, Sant'Ana, Rio das Velhas, Uberaba legítimo, Rocinha, Lanhoso, Uberaba falso, Toldas, Posse, Espinha e Rio Grande.*

## 2.2. – Povoamento da região: “Arraial do Desemboque”

A questão em torno da Estrada de Goiás, com a insegurança provocada pelos ataques de índios “bravios”, estava resolvida: Antônio Pires de Campos assentou seus “índios amansados” e resolveu ficar na região do “Novo Sul”, como a Igreja a denominou. O lugar escolhido por Pires de Campos foi a barra do Rio das Abelhas, onde fundou a Aldeia de Santana do Rio das Velhas – o primeiro aldeamento de então. Era 1750.

Catadores de ouro percorriam todo o sertão em sua busca, pois cada bacia fluvial era esperançosa fonte de que minas “brotassem” no jogo das bateias. Vila Rica, Sabará, São João d’El Rei, dentre tantas localidades nas divisas ao leste de Minas Gerais com Goiás, tinham todas intensa atividade. Por isso, dirigindo-se para o oeste, garimpeiros adentravam para o interior do país. Foi assim que foram descobertas as minas de Pitangui e de Tamanduá, donde, ao subir e descer as serras mais para o sertão do “Novo Sul”, a “terra dos Araxás”, dos Kayapó e quilombolas, Feliciano Cardoso Camargo, vindo de Tamanduá, descobriu importante jazida e fundou o povoado de Tabuleiro. Era o ano de 1737, e Tabuleiro se localizava nas cabeceiras do Rio das Abelhas (também chamado “das Velhas” ou “Araguari”). Esta população foi quase toda dizimada pelos Kayapó. Alguns conseguiram fugir, dentre eles Feliciano Cardoso; este, mais tarde, fundou nova povoação de garimpeiros: a de Nossa Senhora do Desterro do Rio das Abelhas. Em 1754 construiu uma capela no que passaria a se chamara Arraial e, depois, Vila do Desemboque. Esta foi a primeira sede de Julgado e de Freguesia<sup>51</sup> de todo o Novo Sul. Mais tarde seria chamado de “Farinha Podre” e “Triângulo Mineiro”. Do Desemboque partiriam todas as expedições para as mais diferentes localidades, fazendo assim surgir várias povoações<sup>52</sup>. Após os anos de 1790 a vila foi pouco a pouco perdendo importância, com o desaparecimento do ouro.

<sup>51</sup> “Julgado” era a autoridade política; “freguesia”, a religiosa.

### 2.3. – De Sertão da Farinha Podre a Uberaba

Foi lento e progressivo o processo de ocupação da área que, mais tarde, seria chamada de Uberaba. De acordo com pesquisa manuscrita do historiador Pedro Coutinho (2003), eis a sucessão de fatos que culminaram no surgimento da Freguesia de Uberaba, desmembrada do Desemboque.

- ✓ Lanhoso: o primeiro homem branco a morar na área foi Antônio da Silva Lanhoso<sup>53</sup>, que recebeu uma sesmaria ao longo da Estrada do Anhangüera, em 1727. Como tantos outros, recebera tal porção de terra por parte do governo paulista, que o fez para que as fazendas assim surgidas fossem apoio para os viajantes. Mais tarde, em 1750, houve uma ordem do governador de Goiás para que se implantasse a “Aldeia do Lanhoso”, o que não vingou. Entretanto, ali foram assentadas algumas famílias indígenas.
- ✓ Aldeia do Uberaba Falso<sup>54</sup>: era um aldeamento indígena localizado à barra do Córrego da Lage, datado de 1748, quando Pires de Campos trouxe alguns “índios amansados<sup>55</sup>”.
- ✓ Arraial da Capelinha: por volta de 1799 começaram a chegar os primeiros colonos às terras que mais tarde dariam origem a Uberaba. José Gonçalves Pimenta, em 1803, recebeu sesmaria e, logo em 1806, a transferiu para José Francisco Azevedo. Este viria, ainda aquele ano, para a região, mas retornou para o Desemboque, por medo dos índios e dos quilombolas. Voltaria somente em 1812, dando início a uma povoação em sua sesmaria. Construiu ali uma capela dedicada a Santo Antônio e São Sebastião, benzida em 28 de dezembro daquele ano pelo padre José de Moraes, da paróquia de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque. O casal senhor Tristão de Castro Guimarães e dona Frutuosa Rodrigues Pires, segundo o costume, doaram um patrimônio<sup>56</sup> para a capela recém-dedicada. A partir daí, o povoado passa a ser “arraial”, recebendo os nomes de Arraial da Capelinha, Arraial do Azevedo e, depois, Uberaba Primitiva. Em 1816 a povoação hospedou o barão Guilherme de Eschiwege, ilustre geólogo a serviço de Dom João VI, que viera conferir os limites das terras que Goiás havia passado para Minas. No ano seguinte, a povoação se extinguiu, após um ataque de índios. O capelão, Padre Fortunato José de Miranda, ficou ferido, vindo a falecer no Desemboque. A população,

<sup>52</sup> Eis a origem de importantes cidades do Triângulo Mineiro: Araxá, Uberaba, Uberlândia, Prata, dentre tantas outras. Pode-se dizer que a Vila do Desemboque foi como que a “mãe” de todas elas.

<sup>53</sup> O local, na verdade, ficava junto a um córrego a 09 Km da cidade, que corre paralelo à atual BR 050, margem direita; hoje é chamado “córrego do Lanhoso”.

<sup>54</sup> O nome de Uberaba Falso se refere ao fato de a aldeia ter sido instalada onde o córrego deságua, isto é, no rio Uberaba “falso”, já que o “verdadeiro” era o que hoje se denomina “Uberabinha”, em Uberlândia. Esta cidade foi chamada, por muitos anos, de “São Pedro do Uberabinha”.

<sup>55</sup> Muitos desses índios foram contatados pelos portugueses, que os “civilizaram”.

<sup>56</sup> A área de um Patrimônio era de uma légua quadrada.

com medo de novas investidas, abandonou o local e se transferiu, com seus santos, para as proximidades da fazenda do Major Eustáquio, junto à Estrada do Anhangüera e à segurança dos “índios mansos”. Este “Major”, o Capitão Antônio Eustáquio da Silva e Oliveira, estava como regente do “Sertão da Farinha Podre”<sup>57</sup> desde 1807. Fizera duas importantes “entradas”, sendo a primeira em 1810 e a segunda em 1812. Neste início do século XIX, o fabuloso período de abundância do ouro de Minas Gerais entrou em decadência e os mineradores, alucinados por riquezas, passaram a buscar novos pontos de exploração. Foram descobertas algumas jazidas isoladas nas regiões do Sertão da Farinha Podre, o suficiente para atrair muitos deles e disparar uma pequena corrida do ouro. Depois que esgotaram as jazidas do Desemboque, esses homens tiveram que procurar novas atividades para sobreviver. Foram organizadas, então, expedições de povoamento para buscar terras férteis no interior.

A entrada de 1810 deu origem a uma nova povoação<sup>58</sup> e à construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora do Monte do Carmo. A segunda, que seguiu rumo ao Arraial da Capelinha, se fixou cerca de um quilômetro acima da “Aldeia do Uberaba Falso”; o capitão construiu aí a sede de sua fazenda, em lugar com abundância de água. Como uma das funções dele era a expulsão de índios bravos e quilombolas, compreende-se porque a população temerosa da “Uberaba Primitiva” procurara ficar perto da fazenda do capitão Eustáquio, ou melhor, de sua “Chácara Boa Vista”<sup>59</sup>. Católicos que eram, uma das primeiras providências foi marcar a presença cristã naquele ambiente. Num período em que a Igreja Católica estava unida ao Estado, a bênção dada a uma igreja oficializava o nome de Arraial, e seu nome passou a ser “Capela de Santo Antônio e São Sebastião do Arraial da Farinha Podre”. Segundo o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, que passou pelo arraial em 1819, a nova capela<sup>60</sup>, que resolveram construir, *era muito pequena, baixa, sem ornamentação, como foram sem dívida os primeiros oratórios dos portugueses que descobriram o Brasil*. E, à maneira de profecia, disse ainda:

*Quando a região for menos despovoada, os moradores de outras regiões virão comprar ali os produtos que hoje têm pouca saída, e tudo leva a crer que a fertilidade das terras da Farinha Podre lhe assegure no futuro uma grande prosperidade.*

E é ainda Saint-Hilaire quem, descrevendo a cidade, diz que

<sup>57</sup> Este nome foi dado pela bandeira de 1807.

<sup>58</sup> A atual cidade do Prata.

<sup>59</sup> Segundo relato do historiador Pedro dos Reis Coutinho, esse povoamento foi o embrião do que viria a ser a praça Rui Barbosa. A casa do Major Eustáquio, ao redor da qual surgiram tantas outras, foi demolida para que no local fosse edificado o Chaves Palace Hotel. Durante vários anos fora ocupada pelo português Borges Sampaio e, mais tarde, pela Notre Dame de Paris, tradicional loja da cidade.

<sup>60</sup> Pedro dos Reis Coutinho informa que esta capela fora construída onde hoje é a Escola Estadual Minas Gerais.

*Farinha Podre está situada no meio de campos, em um largo vale regado por um pequeno córrego. A povoação, que se compõe de umas 30 casas, dispersas sem ordem dos dois lados do ribeiro, todas, sem exceção, foram construídas recentemente, algumas até não estavam ainda acabadas e algumas são grandes para a região e bem construídas. Depois da fundação desse povoado, que ficava a mais de meia légua da Estrada de São Paulo, as caravanas abandonaram o antigo caminho e hoje passam pela própria povoação, onde encontram mais facilidade para renovar suas provisões.*

Na verdade, esse desvio da estrada foi um meio que o Major Eustáquio encontrou, entre tantos outros, para favorecer o crescimento do Arraial. De acordo com Eliane Rezende (1991, p.32), foi ele e o Vigário Antônio José da Silva que “abriram um porto novo na barra do Ribeirão da Ponte Alta, no Rio grande, o que encurtou a distância entre esta freguesia e a vila de Franca (15 léguas)”.

Segundo o relato feito por Louis D’Alincourt em 1823, lembrando que quando estivera em Uberaba em 1818 o arraial crescera bastante e era

*[...] um prazer verificar como essa povoação cresceu de 1818 a 1823. A população de toda a paróquia se eleva a 2.000 indivíduos, em idade de confessar; faz-se em Farinha Podre um comércio considerável; abrem-se ruas; as casas são em número bastante maior e quase todas cobertas de telhas; os sítios e fazendas multiplicam-se na vizinhança; muitas famílias de Minas aqui se têm vindo estabelecer.*  
(D’ALINCOURT, 1975, p.75)

Foi nesse período que houve a mudança de arraial para freguesia, termo este de origem eclesiástica que se referia à atuação de um vigário. A presença de um padre, numa sociedade essencialmente religiosa, era também a garantia de que as diversas relações entre os habitantes literalmente passariam por suas mãos: praticamente funcionário do Estado, era ele que, além de presidir às funções religiosas, fazia o registro dos nascimentos, batizados, casamentos e óbitos, organizava a escola e resolvia as disputas e contendas. Segundo a carta que Felipe Pinheiro da Silva endereçou ao padre Hermógenes no dia 22 de março de 1820, o Sargento-mor Eustáquio, chefe do lugar, por entender dessa forma,

*[...] pouco antes da Cinza de 1820, foi ao Rio de Janeiro, munido de empenhos do General de Vila Rica e, dentro de um mês, alcançou um decreto de Sua Majestade, que houve por bem criar nova freguesia no Sertão da Farinha Podre de Santo Antônio de Uberaba, cujo decreto foi cumprido pela Mesa da Consciência no dia 10 do corrente. Igualmente alcançou dois avisos dirigidos ao Bispo para este nomear dois vigários, um para a dita freguesia que é o padre Antônio José da Silva, e outro para outra freguesia que também quer fazer.*

Assim, pelo Alvará do Rei Dom João VI, expedido a 02 de março daquele ano, foi criada a Freguesia de Santo Antônio e São Sebastião do Uberaba, agora desanexada da Matriz de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque. Acontecida a emancipação, veio o período de desenvolvimento, em que a própria movimentação urbana foi impulsionando a busca e criação de novos recursos. Pouco a pouco Uberaba foi-se firmando como entreposto da relação entre o sertão e o litoral, devido à sua estratégica localização<sup>61</sup>.

Lourenço (2002, pp.83-90) apresenta este processo de ocupação e povoamento das "terras mais a oeste", antes mesmo da anexação da Farinha Podre a Minas. Relata que toda a colonização geralista do Sertão da Farinha Podre se fez "estruturada em parentelas".

Em 1832 morreu o Major Eustáquio, justamente quando, ao lado de fazendeiros importantes do lugar, tentava conseguir a criação da Câmara local. Seu irmão, o Capitão Domingos da Silva Oliveira, assumiu a liderança. Foram motivados sobretudo pelo fato de a vizinha Vila de Araxá ter sido desmembrada de Paracatu por ato do governo da Regência em 31 de outubro de 1831. Organizados em suas pretensões políticas, os uberabenses conseguiram elevar o Arraial de Santo Antônio e São Sebastião de Uberaba à categoria de Vila de Santo Antônio de Uberaba, o que foi oficializado pela Lei Provincial nº 28, do dia 22 de fevereiro de 1836.

Como município independente, a Câmara pode ser instalada em 07 de janeiro de 1837. Sob a chefia do Capitão Domingos, o movimento que reivindicou a criação da Vila conseguiu, em seis meses, atender a todas as exigências para que a instalação acontecesse efetivamente. Eram elas: construção de um sobrado, onde funcionasse a Câmara Municipal e uma cadeia bem reforçada; alugar prédios para Escola Secundária<sup>62</sup> e agência de correios. Os primeiros vereadores eleitos foram os seguintes: Capitão Domingos da Silva Oliveira, juiz de órfãos e fazendeiro; Alexandre José da Silveira, construtor e fazendeiro; Miguel Eugênio de Araújo, fazendeiro; Joaquim Pereira Urzedo e Manoel Rodrigues da Cunha, grandes fazendeiros; João Joaquim da Silva Guimarães, poeta e prosador, irmão do Vigário Silva; Padre Francisco Ferreira da Rocha, chefe do Garimpo de Diamantes do Rio Uberaba, em Conceição das Alagoas.

No período de 1846 a 1856, vários homens chegaram e atuaram em Uberaba, onde deixaram sua marca. Aqui serão destacados três deles, pela importância de suas iniciativas: Antônio Borges Sampaio, Dr. Henrique Raymundo Des Gennettes e o Frei Eugênio Maria de Gênova.

Antônio Borges Sampaio, jovem português, chegou em 1847. Comerciante de sal, casou-se com a irmã do Barão da Ponte Alta, grande proprietário local. Exerceu inúmeras funções na

<sup>61</sup> Conferir, mais à frente (pág. 60), de que maneira Uberaba tornou-se "boca do sertão".  
<sup>62</sup> A existência de tal grau de ensino era obrigatória numa Vila, ao passo que os Arraiais possuíam apenas escola primária.

sociedade uberabense: foi visitador das aulas públicas, inspetor, delegado de instrução pública, diretor da Escola Normal, Curador de Órfãos, Promotor Público, advogado por provisão real, delegado de polícia, tenente coronel e cirurgião da Guarda Nacional, vereador e agente executivo, agente dos correios, comissário do censo de Uberaba, eleitor, jurado, farmacêutico, encarregado do Regulador Público, meteorologista, organizador do abastecimento das tropas na Guerra do Paraguai, noticiarista de jornais e cronista da história de Uberaba.

O doutor Henrique Des Gennettes, médico francês, além de exercer a medicina, foi também fazendeiro, delegado, advogado, vereador, agente executivo; foi ele quem fundou a primeira Escola Secundária na cidade, em 1854, e fundou a primeira imprensa dos sertões, ao imprimir "O Parahiba", em 1873.

O Frei Eugênio, padre italiano, chegou em 1856. Missionário, foi o idealizador e construtor do melhor cemitério da época, ampliou a igreja matriz, construiu a Santa Casa de Misericórdia e projetou uma ponte sobre o Rio Grande, o sistema de abastecimento de água e o sistema de esgoto da cidade.

Pela Lei Provincial nº 759, de 02 de maio de 1856, por sua importância alcançada no cenário regional, a Vila de Santo Antônio de Uberaba tornou-se sede de município e obteve a elevação à categoria de cidade de Uberaba. Poucas eram as populações brasileiras que tinham tal título. Segundo nos informa Hildebrando Pontes, a população uberabense

*[...] aumentou e o comércio nos três últimos anos quadruplicou a venda do sal cuja importação subia a 135 mil sacas ou alqueires. Daí porque forçosamente a pequena cidade de então teria que progredir e já, 1858, a praça regurgitava de capitais fornecidos pelos Bancos Rurais Hipotecários criados para auxiliar as transações comerciais do interior.* (PONTES, 1978. p.92)

De acordo com Luis Augusto Bustamante Lourenço (2002), a posição geográfica de Uberaba permitiu à cidade tornar-se um importantíssimo núcleo de intermediação comercial entre o interior, totalmente agropastoril, e o Rio de Janeiro e São Paulo, os dois maiores centros urbanos. De fato, Uberaba liderou uma verdadeira "rede mercantil" (LOURENÇO, 2002, p.226), apresentando-se como um dos principais centros urbanos do oeste brasileiro, superando em importância muitas capitais da província, "inclusive a capital de Goiás". A título de exemplo, o comércio de sal e gado, essencial naquele período, necessariamente deveria incluir Uberaba, por sua "situação de *intersecção*" (LOURENÇO, 2002, p.239) entre duas "cidades primazes", Rio de Janeiro e São Paulo, e três grandes regiões: Triângulo, Goiás e Mato Grosso. Na página seguinte temos a apresentação da figura proposta por Bustamante para uma melhor visualização de Uberaba como (uma) "boca do sertão".

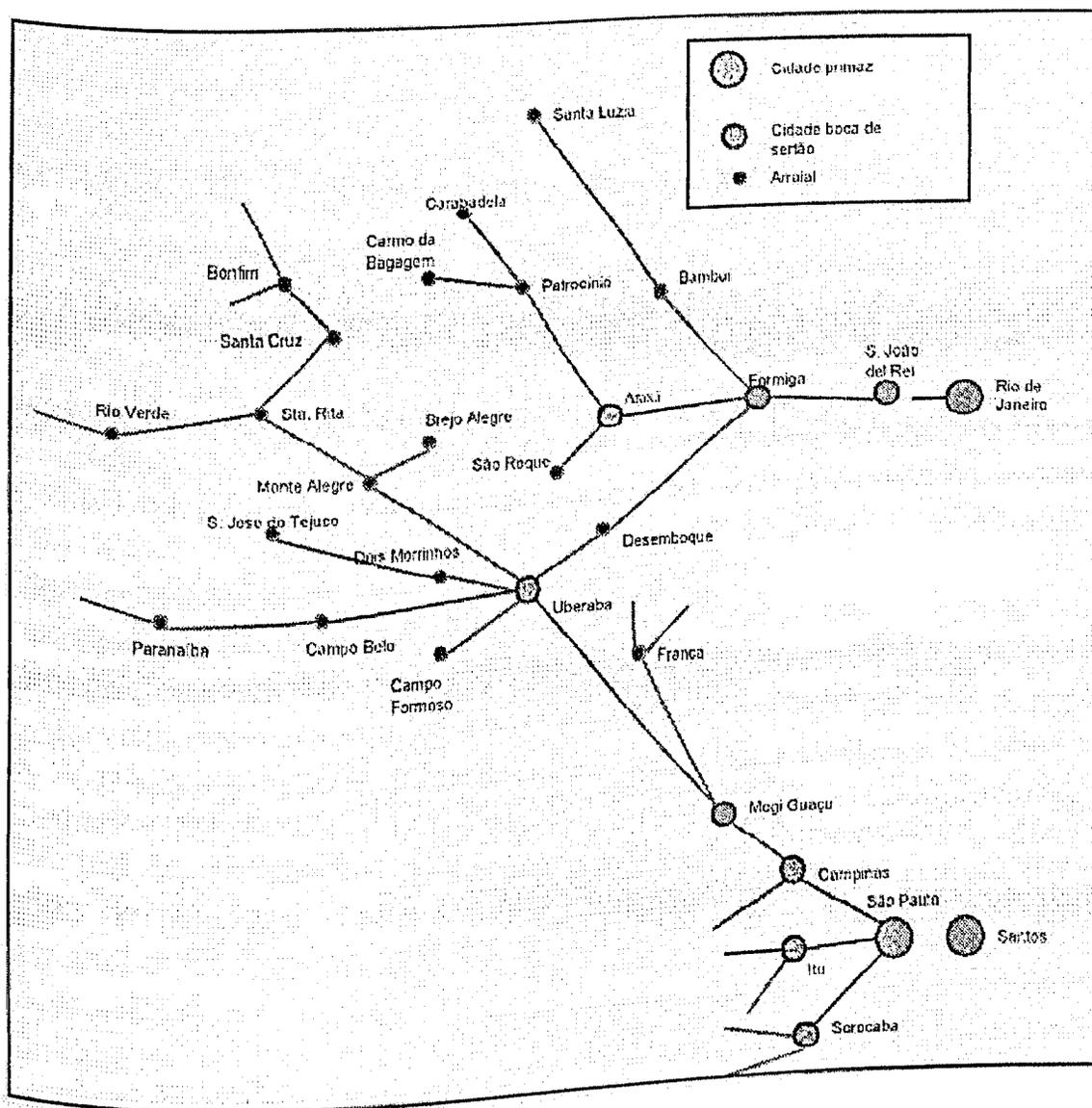


Figura 09: Uberaba "boca do sertão", nos anos 1840.  
 Fonte: (LOURENÇO, 2002, p.239)

Cidade com características rurais, a pecuária sempre ocupou posição de vantagem em relação ao comércio em Uberaba. Nas palavras de Eliane Rezende (1991, p.60), *A fazenda superou a cidade e a ruralização tornou-se a característica sócio-econômica marcante do município*. No período de 1860 a 1910, Uberaba teve, entretanto, o seu período de apogeu comercial. Pode-se afirmar que contribuiu para isto o fato de a cidade ter-se transformado em ponto de passagem das tropas do Corpo Expedicionário Brasileiro que, passando por ela, dirigiam-se ao Paraguai, durante a guerra de 1865 a 1870. As tropas chegaram a acampar-se por 47 dias em torno na cidade. Na verdade,

*Reuniram-se na cidade as tropas que vieram do Rio de Janeiro sob o comando de Manoel Pedro Drago, com as que vieram de Ouro Preto comandadas pelo Cel. Pedro Antonio da Fonseca Galvão (1900 a 2000 homens). Os comandantes e oficiais ocuparam as salas e cômodos do edifício da Câmara Municipal, as tropas*

*acamparam no lugar denominado Cachimbo, nas imediações da cidade.* (TAUNAY, 1942, p.72)

Rezende (1991, p.63) diz que, a partir da guerra, Uberaba torna-se verdadeiro centro urbano comercial, “embora sua aparência ainda permanecesse provinciana e o município mantivesse traços eminentemente rurais”. Quanto à experiência de acolher tropas, tornou-se forte na cidade a valorização da pertença à Guarda Nacional que, segundo Jeanne Berrance Castro, *apud* Eliana Rezende (1991, p.66), era “uma instituição criada com intuitos conservadores e não-revolucionários. Corporação para-militar, a Guarda Nacional foi atuar como reforço do poder civil, tornando-se o sustentáculo do governo instaurado a 07 de abril de 1831. Era a Nação em Armas.” De acordo com Rezende (1991, p.68), num livro de Atas do Comando Superior da Guarda Nacional em Uberaba consta a abertura do livro no dia 22 de junho de 1861, sob o comando do Cel. João Quintino Teixeira, e a última reunião como realizada no dia 06 de janeiro de 1880, sob comando do Cel. Antônio Borges Sampaio. Dentre os vários critérios para pertencer aos quadros da Guarda Nacional constam sobretudo os de caráter econômico, de tal forma que “o serviço ativo recaía sobre a classe mais humilde” e que

*Aos elementos da reserva cabia a manutenção do status quo, ligando aqueles homens à defesa da propriedade particular e à preservação da ordem estabelecida. Só prestavam serviços em circunstâncias extraordinárias.* (REZENDE, 1991, p.69)

Tais “elementos da reserva” eram as “altas autoridades, senadores, deputados, membros dos conselhos gerais, vereadores, grandes fazendeiros, ricos comerciantes e profissionais liberais”. A Guarda Nacional, que pouco a pouco ficou sendo apenas uma referência de status pessoal no seio de uma sociedade, foi perdendo sua importância e justificativa, sendo gradativa e praticamente anulada.

O auge do desenvolvimento comercial de Uberaba se deu em 1889, com a chegada dos trilhos da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, inaugurando o tráfego de passageiros e mercadorias no dia 23 de abril daquele ano (REZENDE, 1991, p.80). Não somente produtos industrializados, mas também o gado era transportado de trem até Campinas e, de lá, para São Paulo e Rio de Janeiro. Coutinho (2000, p.37) diz que “grande afluxo de migrantes e imigrantes fez a população crescer”.

Pouco tempo depois, como a Estrada de Ferro prosseguiu em direção a Uberabinha (1895) e Araguari (1896), avançando pelo sertão, iniciou-se o processo de declínio da cidade. Além disso, outra ferrovia uniu São Paulo ao Mato Grosso e uma rodovia uniu Barretos a Bebedouro, piorando ainda mais a situação. Os dois principais jornais da cidade, poucos anos depois, trouxeram as seguintes afirmações em suas páginas:

*O comércio da praça de Uberabense tão florescente outrora, tem diminuído sensivelmente, e assim continuará, se não desenvolvermos indústrias...*

(Correio Católico – 08/09/1901)

*[...] de 05 anos a nossa parte, a nossa bela Uberaba, retrógrada a olhos vistos, (vem) caminhando com incrível velocidade para um aniquilamento fatal, se medidas eficazes não vierem embaraçar este desfecho para o qual o governo do Estado tão pouco tem contribuído.*

(Gazeta de Uberaba, nº 3059 – 16/10/1907)

Rezende (1991, p.88) diz que, acrescida aos problemas de cunho econômico, a conturbada história de Uberaba conheceu também a divisão política quando viu esta “dividir-se nos partidos Republicano Mineiro – ‘araras’ e no Partido Republicano Municipal – ‘pacholas’”. E foi neste período que o governo de Minas Gerais “suprimiu várias instituições de peso: fechou o Instituto Zootécnico, a Escola Normal”, além de transferir o Batalhão da Polícia sediado na cidade.

O que evitou a derrocada total e definitiva de cidade foi o investimento que ricos comerciantes e fazendeiros fizeram no gado zebu que, desde 1888 procuraram a melhoria do gado crioulo e caracu. Quando o zebu, importado da Índia, começou a ganhar o mercado, paulatinamente foi sendo apurada sua raça, ficando “melhor que o zebu de lá” (COUTINHO, 2000, p.37). Rezende (1991, p.90) diz que a “consolidação da nova era econômica aconteceu no ano de 1906, quando se realizou uma exposição de gado zebu na fazenda Cassu de propriedade do Sr. Cel. José Caetano Borges”. O jornal *Lavoura e Comércio*, de 20/05/1906, p. 3, traz a seguinte matéria:

*No dia 17/05/1906 foram expostas 1.114 reses, do mais alto padrão zebuino. Às 10 horas foi servido um almoço requintado para mais de 150 pessoas e às 13 horas uma farta mesa de doces. A exposição terminou às 5 horas da tarde e a noite, realizou-se um baile em comemoração ao evento.*

A análise dos resultados da criação do gado zebu em Uberaba faz afirmar que esta atividade

*[...] promoveu uma elevação da vida econômica do município mas trouxe consigo reflexos negativos no tocante à vida social, se se atentar para o fato de que o surto de urbanização declinou e a vida cultural empobreceu.*

(REZENDE, 1991, p.91)

## 2.4. – As primeiras escolas

Desde bem cedo em sua história Uberaba pôde testemunhar várias iniciativas no campo educacional<sup>63</sup>. A primeira experiência data do período em que a “princesa do Sertão” era ainda um Arraial. Iniciativa da primeira professora primária foi Dona Eufrásia Gonçalves Pimenta que,

*[...] por volta de 1815, fundou, em território deste município, a primeira escola de instrução primária particular, ensinando ler, bordar, fazer crivo, rendas e tecumes a muitas moças do primitivo Arraial de Santo Antônio e São Sebastião da Farinha Podre.*  
(COUTINHO, 2000, p.49)

Conforme costume da época, de o Estado confiar aos eclesiásticos o cuidado pela instrução, podemos depreender que após a criação da Freguesia, no ano de 1820, a alfabetização das crianças deve ter ocorrido pela iniciativa dos padres que aqui residiam. Além disso, professores particulares ofereciam seus préstimos para a formação das crianças e dos jovens da população. O fato é que já na década de 1830 Uberaba tinha um professor público primário. Coutinho (2000, p.50) informa que este professor foi “Joaquim Marques Rodrigues, de quem pouca coisa se sabe”.

Quem nos oferece a melhor e mais densa informação a respeito dessas iniciativas é o historiador e poeta uberabense, Gabriel Toti. Em um artigo comemorativo ao cinquentenário de instalação do Colégio Diocesano (O Diocesano... 1953, nº 15, pp. 4-10), ele traz alguns dados que serão aqui apontados, pois assinalam bem o que pretendemos evidenciar. O autor diz que

*[...] já em 1854 fundava-se um colégio secundário no mesmo local onde hoje está o Colégio Diocesano de Uberaba, em um sobrado denominado Cuiabá, construção do mais tarde Barão de Itaberaba, pelo Dr. Fernando Vaz de Melo, auxiliado pelos Prof. Wenceslau Pereira de Oliveira e Dr. Henrique Raimundo des Ginettes, alguns anos depois fundador da imprensa em Uberaba.*

Toti aponta que não foi longa a vida deste estabelecimento de ensino, como foi breve também a tentativa do Dr. des Ginettes de fundar outro colégio “em um sobrado especialmente construído para esse fim”, contando com os mesmos professores do Colégio Cuiabá. O médico francês transferiu-se para Goiás em 1875. Dois anos mais tarde, em outubro de 1877, foi fundado o Liceu Uberabense, pelo Prof. César Augusto Ribeiro; os professores desta escola foram Miguel Pereira Coutinho e o Frei Germano d’Anecy, frade capuchinho. “Em

<sup>63</sup> Não tocaremos, no presente trabalho, da movimentação cultural havida na cidade, que chegou a ter, além de jornais e revistas, a Livraria Século XX, que era também “Casa Publicadora”; vários professores de música, além de grêmios literários, concertos de piano e bandas de música. Outra questão, que não será aqui contemplada, mas que aponta para pesquisas futuras, é a educação feminina na cidade, formação claramente dedicada a preparar a mulher para posições secundárias.

conseqüência de um caso político<sup>64</sup>, este liceu transferiu-se para a cidade de Franca em 1880. No prédio onde estava o Liceu Uberabense o Capitão Joaquim Antônio da Silva fundou o “Colégio Piedade”, que durou apenas dois anos. Em 5 de setembro de 1881 o Prof. Antonio “Colégio Piedade”, que durou apenas dois anos. Em 5 de setembro de 1881 o Prof. Antonio Silvério Pereira “instala o segundo Liceu Uberabense”. No ano de 1889 “o sr. Paulo Frederico Bartes inaugura o Colégio Uberabense”, que num curto espaço de tempo mudou duas vezes de diretor e de local. É ainda Gabriel Toti quem diz que

*Vendo o benemérito farmacêutico Francisco Sebastião da Costa que periclitava a continuação do colégio por falta de um prédio, promove entre seus amigos e outros uberabenses a fundação de uma sociedade por ações com este propósito, e em 1893 encarrega ao seu enteado Dr. Gregório José da Silva, da construção do prédio, que ainda existe.*

No ano de 1895 foi inaugurado o Instituto Zootécnico de Uberaba por Pandiá Calógeras, estabelecimento de ensino superior destinado a formar engenheiros agrônomos. Esta escola teve entre seus professores “um dos grandes expoentes do mundo científico – Mauricio Draenert” (REZENDE, 1991, p.105). Em seguida, a mesma autora acrescenta que, uma vez mais, “interesses políticos controlaram o desenvolvimento cultural. Em 1898, formando apenas uma única turma, o estabelecimento foi fechado”.

Por parte da Igreja, pode-se afirmar que a educação sempre esteve no horizonte de suas preocupações. Todo o trabalho educativo era confiado às congregações religiosas que, a partir das orientações de seus fundadores, dedicavam-se a esta missão. Na prática, as congregações masculinas se encarregavam da formação dos meninos, enquanto que as congregações femininas educavam as meninas. Em Uberaba, no ano de 1885, foi fundado o Colégio Nossa Senhora das Dores, das Irmãs Dominicanas de Monteils<sup>65</sup>.

A seguir serão apresentados alguns dados a respeito da iniciativa do bispo de Uberaba, Dom Eduardo Duarte Silva, no campo educacional, no contexto mais amplo da relação entre a Igreja e a República nascente.

## 2.5. – O papel de Dom Eduardo, bispo de Uberaba, na vinda dos “Irmãos das Escolas” para Uberaba.

Para compreendermos todo o processo que desembocou na vinda dos Irmãos Maristas para Uberaba, devemos ter a visão mais ampla possível de todo o cenário da mudança do governo monárquico para o regime republicano. Proclamada a República em 1889, o que se

<sup>64</sup> O autor não esclarece que “caso político” foi este.  
<sup>65</sup> Houve uma dissertação de mestrado em educação com um estudo sobre este colégio, defendida no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFU - Universidade Federal de Uberlândia, em 2003. O título foi “Por trás dos muros escolares: luzes e sombras na educação feminina (Colégio Nossa Senhora das Dores - Uberaba - 1940-1960). Autora: Geovana Ferreira de Melo; Orientador: Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho.

pôde considerar “novo” foi de ordem política, pois bem pouco se alterou o contexto em termos sócio-econômicos na nação. De acordo com Riolando Azzi (1996, p.30), durante toda a primeira fase da vida republicana foram os senhores da terra que “continuaram a ter uma ação preponderante no governo do país”, fato este comprovado pela “alternância no poder entre diversos presidentes do Estado de São Paulo e de Minas Gerais”<sup>66</sup>, isto é, a representação dos interesses dos cafeicultores paulistas e dos mineiros criadores de gado.

Esta nova ordem seria passageira ou viera para ficar? Na prática, foi esta a questão que dividiu o país em dois grupos: os monarquistas, para os quais o regime republicano duraria muito pouco tempo e, por isso, urgia a volta às instituições próprias do Império; e os republicanos, que viam a nova ordem como irreversível, sendo necessário investir em sua consolidação.

Com respeito à relação entre Igreja e Estado, o que havia, antes da proclamação da república, era a mais estreita ligação entre as duas instâncias de poder, de tal modo que a Igreja poderia ser comparada a um braço estendido do poder monárquico. Isso era o reflexo de toda uma história de um acordo ideologicamente bem firmado entre os poderes “religioso” e “temporal”. De fato, a Igreja católica era a religião oficial desde o período colonial até o Brasil Império. Azzi lembra que

*Um dos primeiros atos da República nascente foi o decreto de separação entre Igreja e Estado. Como consequência, determinou-se a laicização dos cemitérios, o casamento civil e o estabelecimento do ensino leigo nas escolas públicas, medidas já adotadas nos modernos Estados liberais. A hierarquia católica, porém, não estava preparada para essas transformações de natureza política e social.* (AZZI, 1996, p.32)

Em fins do século XIX e início do século XX, grandes foram os atritos entre a Igreja e as demais correntes de pensamento e instituições. Os bispos católicos, como que tomados de surpresa, em sua maioria foram grandes críticos do pensamento liberal e da urbanização que se estabelecia por todos os cantos do país. Grande foi a dificuldade que encontraram para agir num contexto em que não tinham mais os privilégios e o papel de exclusividade no direito de propagar suas crenças e ideais, como que única formadora da consciência brasileira. O que tinham no horizonte de seus desejos seria a volta daqueles tempos em que, por defender a origem divina do poder político, a Igreja continuaria ainda a sentar-se lado a lado com o monarca e demais autoridades, quanto à condução dos destinos da nação. Tal posição assim conservadora<sup>67</sup> foi uma marca da atitude da Igreja neste período. Azzi traz um exemplo disso ao falar que

<sup>66</sup> Riolando Azzi lembra a popular designação desta fase como a “república do café com leite”.  
<sup>67</sup> Pode-se denominar tal posição de ultramontanista, no sentido de que o que os católicos pretendiam era fazer valer a figura e autoridade do papa, chefe maior de uma fé que se considerava no direito de dizer “a última palavra” em todos os campos, inclusive nas questões de caráter social e político. Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o ultramontanismo é “1. Doutrina e política dos católicos franceses (e outros) que buscavam inspiração

*O hino dos congregados marianos expressa bem essa postura de resistência à sociedade moderna, atribuindo às forças demoníacas o esforço de superação da tradicional sociedade sacralizada: "O averno ruga, enfurecido, Altar e Trono quer destruídos". Dai a necessidade de que os cristãos, como "soldados do Senhor", cerrassem fileiras em defesa dos privilégios eclesiásticos.*

(AZZI, 1996, p.34)

A seguir, o mesmo autor cita dois grandes representantes do clero brasileiro que tinham uma posição mais aberta quanto a esta nova ordem instaurada: o bispo D. Antônio de Macedo Costa, arcebispo da Bahia, que, "embora conservador, era muito inteligente e bastante sensível às mudanças políticas"; e o padre Júlio Maria, que propunha que a Igreja, ao invés de ficar na lamentação pela perda de seus privilégios nos tempos da Coroa, "devia aproveitar a nova situação para desvincular-se do poder político e implantar suas bases nas camadas populares, aderindo plenamente à República". Dom Macedo via o momento como oportuno para que a Igreja alcançasse de vez a sua liberdade em face do Estado, enquanto que o padre Júlio Maria via o momento como oportuno para a aproximação da Igreja junto ao povo. Foram posições quase que excepcionais nas primeiras décadas da República, que não tiveram o alcance que pretendiam: o bispo faleceu relativamente cedo, em 1891; e o apelo do padre não foi atendido, porque muito maior e mais forte era o grupo dos católicos monarquistas e conservadores.

No embate que a Igreja travou contra a República ela centrou foco nos aspectos que considerava grandes males que se abateram sobre o povo brasileiro: de acordo com os bispos, "o casamento civil havia introduzido a licenciosidade moral em nível familiar, enquanto a laicização do ensino público trouxera como consequência a perda da fé por parte da juventude". Na verdade, chegaram a declarar que a República leiga estava fadada a desaparecer, pois "a religião continuava sendo o fundamento da sociedade brasileira". No fundo, havia como que um grande ressentimento por parte dos católicos, inconformados com a extinção do regime de Padroado, em que o privilégio e hegemonia da Igreja foram abalados em sua base. E, na insistência em sua posição, pelo menos nas primeiras décadas da República, ela revelou um perigoso anacronismo.

Azzi diz que "essa análise ideológica estava bem distante da situação real", pois, com a liberdade advinda pela República ela pode reorganizar suas estruturas e restabelecer seus vínculos com a Santa Sé, pode criar várias dioceses e ter bispos nomeados diretamente pelo Papa, sem nenhuma interferência do poder civil (AZZI, 1996, p.35). Com a criação e desenvolvimento das dioceses, aumentaram também os seminários para a formação de novos padres. A partir da liberdade de culto, decretada pelo novo regime, várias congregações

---

e apoio além dos montes, i. e., na Cúria Romana. 2. Sistema dos que defendem a autoridade absoluta do Papa em matéria de fé e disciplina."

religiosas masculinas e femininas entraram no país, sobretudo as que se ocupavam da educação. Riolando Azzi traz, à mesma página, uma síntese do que ocorreu nesse período, quanto ao novo “acordo” feito pela Igreja e quanto ao real alcance de seu trabalho no campo educacional:

*Não tendo mais o apoio econômico do Estado, a Igreja passou a contar com a colaboração da antiga classe senhorial e também da nova burguesia emergente para levar avante suas obras e organizações. Foram os filhos dessas famílias que mais se beneficiaram pela ação educativa desenvolvida nos colégios, cuja renda possibilitava também a expansão dos institutos religiosos no país. As camadas pobres passaram a ser atendidas em menor escala<sup>68</sup>, através de obras de caráter assistencial.*

(AZZI, 1996, p.35)

A República nasce no Brasil empunhando a bandeira do liberalismo. Assim, além de valorizar e abrir espaço para que outras confissões religiosas entrassem no país e investissem na educação, propôs e defendeu a necessidade e urgência do ensino público leigo. Seria este o grande passo dado pelos liberais que, identificando ensino confessional católico com jesuitismos, ficaria livre do que era “considerado na época o grande espantalho” Campo minado em que muitas eram as acusações de ambos os lados,

*[...] enquanto os liberais consideravam o ensino como uma força de transformação social, os clérigos continuavam defendendo a escola católica como um meio para a manutenção da ordem estabelecida e da sociedade tradicional.*

(AZZI, 1996, p.36)

Tão logo foi proclamada a República, a educação tornou-se como que o ponto de honra para os liberais que, a fim de conseguir realizar as amplas reformas, propuseram leis que desembocaram num grande centralismo. Azzi faz uma análise do “estatuto de equiparação”, artifício utilizado pelo governo federal para oficializar os estabelecimentos de ensino secundário no país, a partir de um padrão que servisse para todas as escolas; na prática, pretendeu que houvesse uma verdadeira uniformização neste campo. De acordo com o decreto nº 981, da Reforma Benjamin Constant, de 1890,

*Quando qualquer dos Estados da República houver organizado estabelecimentos de ensino secundário integral, segundo o plano do Ginásio Nacional, darão os seus cursos de madureza os mesmos direitos a esta matrícula nos cursos superiores.* (AZZI, 1996, p.41)

O referido “Ginásio Nacional” era o Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, “destinado a servir como modelo de ensino” desde os tempos do Império.

<sup>68</sup> Era comum encontrar, sobretudo nas escolas católicas femininas, garotas mantidas por padrinhos e outras que freqüentavam as aulas à base da troca do estudo pelo trabalho que desenvolviam. Eram “as martinhas”, assim chamadas em referência a Marta, irmã de Lázaro, que seria muito apegada aos afazeres domésticos.

A Igreja, insistindo em que somente ela poderia fornecer uma educação que fosse de acordo com a vontade de Deus e as necessidades humanas, passou a convidar várias congregações religiosas a assumirem escolas pelo país afora, particularmente para conter o avanço da rede escolar protestante. Riolando Azzi diz que os religiosos, em atendimento às solicitações dos bispos, multiplicaram suas casas de educação, “mesmo em detrimento de outras atividades típicas de sua fundação”. O autor diz, a seguir, que

*Houve dessa forma muita improvisação. Assim sendo, a multiplicação dos colégios católicos significou, por vezes, diminuição da qualidade do ensino. Não obstante, na perspectiva da hierarquia católica, o elemento fundamental que estava em jogo era a preservação da fé, e nem sempre a formação cultural.*  
(AZZI, 1996, p.38)

É nesse contexto que podemos compreender a atuação de Dom Eduardo Duarte Silva, o primeiro bispo de Uberaba. De acordo com Coutinho (2000, p.53), Eduardo nasceu em Santa Catarina, no dia 27 de janeiro de 1852; era filho de Carlos Duarte Silva, cônsul brasileiro na Espanha, e bisneto paterno do Conselheiro Diogo Duarte Silva. Foi aluno dos lazaristas e dos jesuítas na cidade de Desterro, atual Florianópolis, ingressando mais tarde no Seminário Diocesano São José do Rio Comprido, no Rio de Janeiro. Em 1868 foi para Roma, prosseguindo seus estudos no Colégio Pio Latino Americano e depois na Universidade Gregoriana, onde obteve o título de doutor em filosofia e teologia. Ordenado sacerdote em 19 de dezembro de 1874, retornou ao Brasil, onde exerceu por três anos as funções de coadjutor paroquial e capelão do Hospital do Menino Deus e do Asilo de Órfãs, em Florianópolis. Após a morte do pai, passou a residir no Rio de Janeiro com a família, onde ficou 13 anos; recebeu o título de cônego em 1878 e, também, pelas mãos de Dom Pedro II, a comenda da Ordem de Cristo. Em 1890, estando em viagem de descanso em Roma e sendo recebido em audiência pelo Papa Leão XIII, recebeu deste o pedido para que aceitasse o governo da diocese de Goiás, que estava vacante. Após certa relutância, aceitou o pedido e recebeu, das mãos do próprio Papa, “na mesma hora, três tomos do Pontifical Romano e a Cruz Peitoral”. Tomou posse de sua diocese em 29 de setembro de 1891, aos 39 anos de idade. Reorganizou o Seminário Episcopal, aumentando o número de alunos de 08 para 80, e abriu um externato no próprio Seminário, a fim de atender a vários jovens que careciam de oportunidade de estudo. Azzi (1996, p.56) nos informa que tão logo chega a Goiás, Dom Eduardo “procurou impor os padrões tridentinos”. Sua pouca sensibilidade para com a devoção popular granjeou muitas antipatias, sobretudo por ter entrado em conflito com as irmandades que promoviam as romarias de Nossa Senhora da Abadia do Muquém, do Divino Padre Eterno em Barro Preto e de Nossa Senhora de Água Suja do Triângulo Mineiro<sup>69</sup>.

<sup>69</sup> Até o ano de 2003, todos estes locais têm mantido suas datas de festa em homenagem a seus padroeiros.

De acordo com o pensamento da hierarquia católica, a Igreja era uma "Sociedade Perfeita" e todas as orientações e determinações dos bispos, em consonância com o Romano Pontífice, deveriam ser acatadas. No caso do povo simples dos interiores do Brasil, carente de uma catequese ou doutrinação que lhes fizesse sua fé a mais "ortodoxa" possível, na prática eles eram desconsiderados e criticados - quando não punidos - na sua expressão religiosa.

O ano de 1893 é particularmente importante neste trabalho, pois refere-se ao **primeiro convite para que os maristas viessem ao Brasil:**

*Dom Eduardo viajou outra vez para a Europa. Nessa oportunidade obteve a vinda dos padres redentoristas e lançou um pedido também para conseguir os religiosos maristas para sua diocese.*  
(AZZI, 1996, 56)

A esse respeito, Coutinho acrescenta à informação o dado que o bispo de Uberaba estava na França, para tratamento de saúde. E que,

*[...] preocupado com a educação e a catequese em sua vasta diocese, foi, por sugestão de um padre Dominicano que o acompanhava [...] até Saint Genis-Laval, sede administrativa da Congregação dos Irmãos Maristas, solicitar ao Irmão Teofânio (Frère Théophane Durant), então no exercício do cargo de Superior Geral, uma equipe de religiosos professores para sua diocese.*  
(COUTINHO, 2000, pp.29-30)

Alegando falta de pessoal o Superior Marista não pôde atender ao pedido do bispo goiano. Dois anos depois, em 1895, Dom Eduardo voltou a insistir no mesmo pedido, desta vez por carta. Mais uma vez não foi atendido, pois não havia Irmãos suficientes. Coutinho (2000, pp.30-31) cita a resposta do Irmão Teofânio, que aqui reproduzimos:

*V.J.M.J. Saint Genis-Laval, 26 de abril de 1895.  
A sua Excelência o Sr. Bispo de Goiás (Brasil)  
Excelência.*

*Recebi vossa carta com data de 4 de março, pela qual me lembrais vossa visita à nossa Casa-Mãe, e a esperança que tendes de ver logo Irmãos de nosso Instituto fundar uma casa de educação em vossa diocese.*

*Eu teria grande satisfação, Excelência, se pudesse enviar imediatamente os Irmãos que me solicitais, pois há muito bem a ser feito na vossa diocese, e os Irmãos Maristas ficariam contestes de poder colaborar, da melhor maneira possível, com vosso zelo apostólico. Mas, com grande pena para mim, estou absolutamente impossibilitado, por falta de pessoal, de satisfazer vosso desejo, neste ano.*

*Eu não ousaria mesmo dar-vos esperança nem fazer-vos promessa para o próximo ano porque, apesar de minha vontade, devo levar em conta as leis do meu país, que estão, infelizmente, longe de favorecer as vocações religiosas.*

*Diante do exposto, se me permitis, Excelência, relembro a palavra do Evangelho, e vos peço que rogueis ao Senhor da Messe que nos envie operários.  
Dignai-vos receber minhas saudações.*

*Irmão Teofânio.*

Segundo Riolando Azzi, no dia 10 de agosto de 1896 Dom Eduardo transferiu sua residência episcopal para Uberaba, pelos vários desentendimentos políticos e religiosos em terras goianas. "Com a saúde abalada e com crises de neurastenia", ele retornou para a Europa "pela quarta vez, onde permaneceu por um ano". (AZZI, 1996, p.56). Dom Eduardo deu então prosseguimento à sua ação apostólica, com destaque para o atendimento de 54 vagas paroquiais, sob responsabilidade de alguns "padres zelosos trazidos da Europa" (COUTINHO, 2000, p.55). Entre esses padres estavam Redentoristas, Franciscanos, Eremitas de Santo Agostinho e Agostinianos Recoletos; somando-se aos frades e padres Dominicanos, que já estavam na diocese, esses outros religiosos puderam atender melhor às demandas religiosas dos diocesanos de Uberaba e toda região sob responsabilidade de Dom Eduardo. O atendimento no campo educacional, porém, continuava a grande lacuna de seu múnus pastoral<sup>70</sup>.

Sinal de sua preocupação e efetivo cuidado para com a educação dos jovens, cuja carência era realidade que saltava às vistas, Dom Eduardo,

*[...] para sanar esse problema, fundou o Colégio Diocesano do Sagrado Coração em Uberaba, que repassou aos Irmãos Maristas; confiou a administração da Igreja de N. Sra. D'Abadia aos padres Recoletos, a fim de manterem ali não somente o culto religioso, mas ainda uma escola para meninos pobres; fundou um colégio para meninas, em Sacramento, e outro em Uberlândia, que entregou às Irmãs Missionárias do Egito; criou dois outros colégios para meninas, em Bela Vista e Porto Nacional, em Goiás, confiando-os às Irmãs Dominicanas.*

(AZZI, 1996, p.56)

Uma das tentativas do bispo foi a de chamar religiosos espanhóis; e a forma de conseguir-se faz notar pela informação que temos: eram "todos fugitivos da revolução nas Filipinas" (AZZI, 1996, p.56).

Em 1901 houve várias reuniões do episcopado da Província do Norte na Bahia. Dom Eduardo participou dessas Conferências, disposto a renunciar ao governo da diocese. Ao retornar para Uberaba, porém, deparando com a construção do palácio episcopal, animou-se e desde então iniciou as articulações para que fosse erigido um bispado no Triângulo Mineiro, "o que veio a ocorrer a 29 de setembro de 1907<sup>71</sup>"; D. Eduardo foi transferido de Goiás como

<sup>70</sup> Esta expressão refere-se ao trabalho do bispo enquanto pastor e, por extensão, aos padres enquanto seus colaboradores.

<sup>71</sup> Coutinho diz (2000, p.55) que "esse auspicioso acontecimento" só chegou a ser "divulgado na Nunciatura Apostólica do Brasil em 10 de abril do ano seguinte".

primeiro bispo de Uberaba”, permanecendo na função até 7 de março de 1923. Voltando ao Rio de Janeiro, após sua renúncia, aí faleceu no dia 16 de outubro de 1924.

## 2.6. A transferência de Congonhas do Campo para Uberaba

Desde 1897, porém, os Irmãos Maristas já estavam em solo brasileiro, por eles, como por todos os religiosos europeus, considerado terra de missão. Retomamos o texto com que encerramos o primeiro capítulo, tratando das dificuldades do início das atividades da Congregação em Congonhas do Campo, em 1º de dezembro daquele ano. Na citação feita, o autor, referindo-se aos novos Irmãos, disse que “Nossos futuros jovens, ao encontrar um confortável ninho, não saberão o quanto custou aos primeiros Irmãos prepará-lo”. Pois bem, o fato é que, já no início de 1901, foi enviado para o Brasil, com visitador residente, o Ir. Adorátor. Veio para fortalecer a obra marista no Brasil, para o que os superiores da Congregação tinham lhe dotado de plenos poderes de decisão<sup>72</sup>. Num balanço sobre a situação da obra no Brasil, em janeiro de 1903, Adorátor assim se refere a Congonhas do Campo:

*[...] 8 irmãos e 70 pensionistas. Essa casa que já se pensava em fechar, está nesse momento bastante próspera. Será que deixarão viver? O mau estado das finanças não permite ter muitas esperanças. Enquanto aguardam uma decisão, os irmãos continuam cumprindo o seu dever, e as práticas religiosas são estimadas pelos alunos.* (AZZI, 1996, p.66)

As dificuldades financeiras não permitiram a continuidade da presença dos Irmãos em Congonhas, pois já em 1904 sentiram-se forçados a retirar-se de lá. O próprio bispo Dom Silvério reconheceu tais dificuldades, desde as que tinham sua origem no péssimo tino administrativo do diretor do Santuário, o padre Veloso, até os insistentes pedidos que os Irmãos recebiam para abrir escolas em outras localidades, de bispos que ofereciam melhores condições de desenvolvimento para a Congregação. Azzi reproduz uma carta de Dom Silvério Gomes Pimenta, endereçada ao Irmão Visitador, no dia 09 de janeiro de 1903:

*Meu caro Irmão Adorátor:  
Vossas cartas, como a do irmão Frumêncio, muito me têm consolado e cada vez mais aumentaram o meu amor e o meu pesar por ver a quase impossibilidade de levar avante o colégio de Congonhas, para o qual os irmãos têm feito sacrifícios que só eu posso avaliar.*

<sup>72</sup> O Irmão Adorátor (Antoine Benoît Goutheron), nascido em 24 de maio de 1855, em Beaubéry, na França, será o primeiro Provincial do Brasil Central, de 1908 a 1811 e de 1814 a 1918.

*O padre Júlio Engrácia me escreveu que tem esperança que os irmãos possam continuar, mas vejo que é quase impossível. Nestas circunstâncias, a promessa de V. Revma de dar a todo tempo irmãos para esta diocese, é um bálsamo para meu coração rasgado, quase esmagado por tantas amarguras, como nunca pensei que eu pudesse sofrer e resistir. Graças a Deus tenho resistido, e espero ainda maiores sofrimentos. Se o irmão achar que convém a fundação de um colégio em Franca, eu estimo, porque desejo ver os irmãos bem espalhados no Brasil, e cada nova casa é para mim motivo de contentamento.* (AZZI, 1996, p.68)

Na verdade, segundo nos informa Coutinho, desde 1899 os Irmãos começaram sua expansão pelo Brasil (COUTINHO, 2000, pp.33-34): no dia 10 de abril daquele ano iniciaram seus trabalhos no Colégio Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo; em 11 de fevereiro de 1902, em propriedade doada “por uma pessoa amiga que se interessou pela obra marista”, o Irmão Adorátor instalou o Colégio Nossa Senhora da Glória, também em São Paulo; em 1º de fevereiro de 1902 já haviam assumido o Colégio Diocesano São José do Rio Comprido, no Rio de Janeiro, Capital Federal. E, como as condições oferecidas por Franca e Uberaba foram bem mais adequadas, bem melhores que as que os Irmãos tinham experimentado em Congonhas, partiram também para estas cidades. A convite do Vigário de Franca, o Irmão Adorátor abriu ali uma Escola Paroquial em 4 de março de 1902 (SAADI, 2002). Na viagem para a fundação da escola em Franca, Adorátor e Mário Amâncio estiveram em Uberaba, onde se encontraram com Dom Eduardo, no dia 27 de janeiro. No ano seguinte assumiram o Colégio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus, na “Princesa do Sertão”. Coutinho narra um curioso episódio que teria acontecido em 1901, quando Dom Eduardo, que estava em São Paulo, ocasionalmente se encontrou com um religioso, vestido como os que havia visto em Saint Genis-Laval, quando lá estivera em 1893. E teria travado com ele o seguinte diálogo, pelo que podemos entender porque o Irmão Visitador logo se apressaria em contactar o prelado:

*- Você é um religioso francês? – Sim, Excelência. – Um Irmão Marista de Saint Genis-Laval? – Sim, Senhor. – E vocês estão aqui no Brasil? – Sim, Senhor. – Desde quando? – Há dois anos, Excelência. – E onde? – Aqui mesmo em São Paulo. – Como podem estar em São Paulo e ainda não em Uberaba, para onde os pedi e onde os espero há oito anos?* (COUTINHO, 2000, p.38)

Tamanha determinação do bispo não poderia, mesmo, ficar sem um posicionamento por parte dos Irmãos, sobretudo do Irmão Adorátor, responsável maior pelos destinos da Congregação no Brasil.

Percebe-se que em Uberaba houve um processo de escolarização, misto de ação conjunta entre poder público, lideranças políticas e econômicas e, inegavelmente, representantes da hierarquia católica. Por diversas vezes a tentativa em oferecer escola a crianças e jovens foi

atrapalhada por divergências políticas. A Igreja de Uberaba, sobretudo através da iniciativa de seu bispo, Dom Eduardo Duarte Silva, de certa forma tomou dianteira no sentido de apresentar-se como a instituição que mais investiu nesta área, no final do século XIX e início do século XX. Era, assim, uma forma de fazer valer seu ideário formativo, em face da República nascente.

## 2.7. – Considerações Parciais

A contextualização histórico-geográfica apresentada neste capítulo permite afirmar que toda a região “a oeste das Minas” (LOURENÇO, 2002) foi pouco a pouco sendo ocupada por europeus ou descendentes seus interessados em enriquecer, inicialmente pela extração de ouro e diamante, para depois tentar consegui-lo pela criação de gado. Pequenas roças plantadas tinham por objetivo a subsistência das fazendas e pequenos arraiais que iam surgindo ao longo da estrada do Anhangüera (ou dos Goyases).

O povoamento da região se deu com o “amansamento” ou eliminação dos “índios” que a habitavam. Desemboque, que inicialmente desempenhou papel fundamental neste processo de domínio da região, com o esgotamento de suas jazidas perdeu posição pelas muitas incursões feitas em busca de terras férteis, pois a criação de gado passou a ser a alternativa encontrada.

Uberaba surgiu, na verdade, como resultado de um longo processo de ocupação de uma região de passagem que necessitava de pontos de parada para descanso de homens e animais. Seu desenvolvimento foi obra de vários homens interessados em afirmar seu poder e prestígio, além da busca quase “natural” de enriquecimento. Deve-se entender, entretanto, que a urbanização se fazia mais como uma referência sócio-religiosa para os muitos fazendeiros do que uma superação do modo de vida rural. Desde modo, a pecuária sempre se destacou em relação ao comércio. Mesmo durante seu apogeu comercial, Uberaba foi comandada pelos diversos coronéis, ou seja, por fazendeiros que conseguiam tal título e nele se apoiavam para ocupar posição de destaque e – sobretudo – de decisão política na cidade.

As iniciativas no campo educacional foram diversas e de curta duração, desde 1815 até o período abrangido por este trabalho. Diversos homens e algumas mulheres<sup>73</sup> fundaram estabelecimentos de ensino que com muita dificuldade conseguiam manter, repassando-os ou simplesmente fechando suas portas. Não houve em Uberaba iniciativas de caráter público, partindo das autoridades municipais, nem mesmo em pleno período da nascente República (1889). Estas se restringiam a simples colaboração com aqueles que se lançavam a esta tarefa. Por iniciativa da Igreja, o Colégio Nossa Senhora das Dores, das Irmãs Dominicanas, foi criado em 1885 para a educação de meninas e moças. Quanto ao Colégio Diocesano de Uberaba, foi

<sup>73</sup> Coube a Dona Eufrásia Gonçalves Pimenta, como vimos (p. 65), a primeira iniciativa educacional na “Princesa do Sertão”.

criado por Dom Eduardo Duarte da Silva, fruto de sua preocupação com a educação da juventude. Este colégio foi repassado aos Irmãos Maristas, após entendimentos com Ir Adorátor, na ocasião Visitador Apostólico do Instituto no Brasil.

Pelo que se pode depreender, a transferência dos Irmãos Maristas de Congonhas para Uberaba não teve nenhuma participação civil, sendo de caráter puramente eclesiástico. De fato, tudo dependeu das negociações entre Dom Eduardo e Ir. Adorátor.

A "queda de braços" entre a Igreja e a República não se manifestou em Uberaba, no período contemplado pelo presente estudo. Possivelmente a presença de um bispo alinhado com a antiga monarquia – pois que recebera de Dom Pedro II o título de conde – era aceita pelas autoridades e poderes locais, já que não houve voz discordante que apresentasse dificuldades para que a Igreja propusesse seu ensino.

O Irmão José de Andrade Júnior (cf. pág. 92 deste trabalho), responsável pelos Anais do Colégio, não faz nenhuma menção a conflitos neste período, embora para realizar sua obra ele tivesse feito minuciosa pesquisa na imprensa local e em anotações dos antigos reitores. Mesmo a "querela" em torno do Pe. Vaz, que "deixou a batina", fato que levou parte da imprensa a não veicular informações sobre o Colégio, tratou-se mais de certa mágoa de cunho familiar que de motivos de cunho ideológico.

Este capítulo se encerra de certa forma autorizando a seguinte afirmação: se não houve nenhuma colaboração direta, formal e específica do poder civil para a vinda da Congregação Marista para Uberaba, tampouco houve qualquer tipo de reação contrária.

\* \* \*

No próximo capítulo será apresentado o desenvolvimento do Colégio Diocesano, escola marista em Uberaba, no período de 1903 a 1916, objeto do presente estudo: desde sua estrutura física, os saberes propostos, a disciplina seguida e a educação religiosa, dentre outros elementos.

## CAPÍTULO 3

### O Colégio Marista Diocesano de Uberaba entre 1903 e 1916

Este capítulo investiga os elementos relacionados à implantação e desenvolvimento do Colégio Marista Diocesano: infra-estrutura; relação com a sociedade e a legislação vigente; mestres; alunos; saberes propostos; prática disciplinar; educação religiosa, dentre outros. O período se refere aos primeiros tempos da Instituição escolar confessional, assumida e dirigida pelos Irmãos Maristas<sup>74</sup>.

#### 3.1. Os primeiros tempos

No final do século XIX houve em Uberaba várias iniciativas particulares em estabelecer ali escolas de boa qualidade. Divergências entre tais empreendedores e aqueles que se lhes opunham foram a razão porque todas essas escolas tiveram curtíssima duração. Brigas e defesas intransigentes de interesses os mais variados, entre os partidos e grupos uberabenses, foram o contexto que os Irmãos Maristas encontraram por ocasião de sua transferência para a cidade. Somente no caso das Irmãs Dominicanas é que se notava uma permanência mais tranqüila. Religiosas de origem francesa, em 1885 elas chegaram ao Brasil, rumando diretamente para Uberaba e abrindo sua Casa de Ensino naquele mesmo ano.

O então *Collegio*<sup>75</sup> *Diocesano do Sagrado Coração de Jesus*, fundado em 1899 por Dom Eduardo Duarte Silva, sempre dirigido por padres diocesanos e religiosos, "viveu com alguma dificuldade até fim de 1902", segundo os Anais. Nesse mesmo texto, é dito que o externato foi

[...] dirigido pelo Pe. Caledônio Mateus de S. José, agostiniano recoleto, da comunidade da "Abadia" [...] com a ajuda de Mons. Inácio Xavier da Silva, Pe. Pedro Ludovico da Sta. Cruz, Pe. Augusto da Rocha Maia e Pe. Manuel de Macedo.  
(ANAIS, 1968, p. 3)

Após os acertos necessários para a vinda da Congregação Marista, Irmão Adorator, que tinha o cargo de Visitador, acompanhou a primeira comunidade que haveria de estabelecer-se em

<sup>74</sup> Como foi dito anteriormente (pág. 2), este texto segue a periodização proposta por Pedro dos Reis Coutinho, apoiado nas razões por ele apresentadas para tal.

Uberaba: os Irmãos Gondulfo, diretor, Honório (Honoré-Eugène), Afonso (Exupérantius), Ambrósio (Ambroise-Firmin) e Libório (Marie Liboire). Partindo de São Paulo, às 5 horas da manhã do dia 03 de dezembro de 1902, tiveram que pernoitar em Franca - SP, após um dia "longo, calmo e poeirento" (ANAIS, 1968, p. 3).



Figura 10: Grupo dos Fundadores - 1903: Irmãos Gondulfo e Exuperantius (na frente, da esquerda para a direita); e atrás, no mesmo sentido, Irmãos Mário Libório, Ambrósio Firmino e Honório Eugênio. Fonte: Anais (1968)

Prosseguindo viagem logo pela manhã do dia seguinte, Ir. Adorator e Ir. Gondulfo chegaram em Uberaba às 17 horas, onde foram acolhidos pelos padres dominicanos. No dia 05 de dezembro foram recebidos por Dom Eduardo, a fim de tomarem as providências necessárias. Com os Religiosos dominicanos e com o próprio bispo, os Irmãos Maristas sentiram-se como em casa, pois foram acolhidos no convento de franceses e estavam para se estabelecer numa diocese em que o bispo local tivera formação européia e passara alguns anos em contato direto com aquela cultura. Esta será uma marca a fazer-se notar na educação que a Igreja local, através dos Maristas, iria imprimir no correr dos anos: uma "europeização" do ensino, o que dará uma estrutura ao edifício educacional brasileiro, carente de recursos e de iniciativas que respondessem à grande lacuna até então.

Três dias depois de terem chegado a Uberaba, os Irmãos e Dom Eduardo assinaram o contrato, aqui apresentado em seu original.

<sup>75</sup> Encontramos, também, a nomenclatura "Externato do Sagrado Coração de Jesus", "Collegio Uberabense" e, mais tarde, "Gymnasio do Sagrado Coração de Jesus" e "Gymnasio Diocesano Municipal".

Contrato

Entre Monsenhor D. Eduardo de S. Vitorino de Souza, habitante de Uberaba, e Sr. Adorator, representando o Superior General dos Irmãos Maristas residente a St. Geris-Evaul (Rhône), France, e em nome do Contrato seguinte

- 1º O Sr. Superior se obriga a fornecer imediatamente cinco Irmãos de seu Instituto para a direção do Colégio do Sacerdote de Jesus.
- 2º O Sr. Superior se obriga a aumentar o número, sem prazo, seguindo os besoins do Colégio.

Nous soussigné D. Eduardo de S. Vitorino  
 Virey. Misa de engagem

1º O contrato do Colégio com Sr. Superior, incluindo o estado de prosperidade.

2º O Sr. Superior se obriga a abandonar todos os direitos sobre o dito Colégio assim que sobre o mobiliário e as dependências ao Sr. Superior e Irmãos Maristas do Instituto para a direção do Colégio.

3º O Sr. Superior se obriga a pagar aos Irmãos individualmente, para pagar de aluguel e de mobiliário a soma de seis contos.

4º O Sr. Superior se obriga a pagar a cada Sr. de S. Geris 10000 francos, assim como também a fornecer o Colégio com Irmãos para a direção do Colégio de S. Geris.

Os Irmãos dirigiram o Colégio com toda liberdade, e seguindo as melhores regras a eles cabíveis.

feito a Uberaba a 8 de Maio de 1862  
 Eduardo de S. Vitorino  
 Sr. Superior



Figuras 11 e 11a: Fac-simile do Contrato assinado entre Dom Eduardo e Ir. Adorator.  
 Fonte: acervo do CEM - Centro de Estudos Maristas - Belo Horizonte.

### *Contrato*

*Entre D. Eduardo Duarte Silva, Bispo de Goiás, residente em Uberaba, e o Ir. Adorator, representante do Superior Geral dos Irmãos Maristas, residente em Saint-Genis Laval (Rhône), France, que teve lugar o contrato seguinte:*

- 1- O Irmão Superior se compromete a fornecer imediatamente para dirigir o Colégio do Sagrado Coração cinco Irmãos de seu Instituto.*
- 2- Ele se compromete a aumentar este número, e isto gratuitamente, quando as necessidades do colégio exigirem.*

*O Senhor Bispo se compromete:*

- 1- A transferir o Colégio do Sagrado Coração em perfeito estado de conservação..*
- 2- A transferir todos os seus direitos de propriedade sobre o dito Colégio, assim como sobre o mobiliário e dependências, em proveito dos Irmãos Maristas, a partir do momento em que assumirem a direção do Colégio.*
- 3- A pagar aos Irmãos, imediatamente, para as despesas de viagem e instalação, a quantia de Seis Contos de Réis.*
- 4- A pagar, no fim do ano, mais Um Conto de Réis, como suplemento às primeiras despesas.*
- 5- A assegurar gratuitamente, por um padre de sua diocese, o serviço de capelão do Colégio do Sagrado Coração.*
- 6- A permitir que os Irmãos dirijam o Colégio com toda liberdade, aplicando os métodos de seu Instituto.*

*Feito em Uberaba, aos 8 de dezembro de 1902.*

*Dom Eduardo, Bispo de Goiás  
Ir. Adorator, Visitador dos Irmãos Maristas*



Figura 12: Dom Eduardo, bispo de Uberaba, fundador do Colégio Diocesano de Uberaba.  
Fonte: Anais (1968)

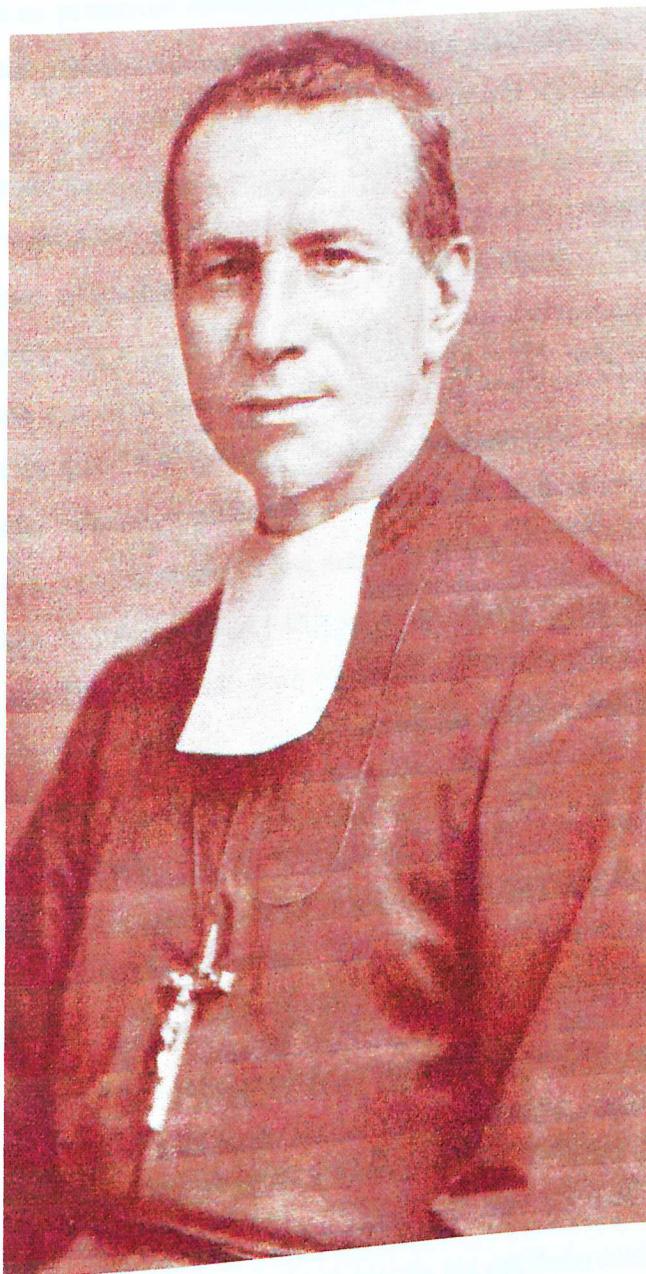


Figura 13: Irmão Adorátor, visitador do Instituto Marista e Primeiro Provincial do Brasil Central. Fonte: Anais (1968)

No dia 19 de dezembro de 1902, os primeiros 5 Irmãos professores, acompanhados do Ir. Adorator, chegaram a Uberaba, para gosto de Dom Eduardo, que tanto se empenhara para isto. Segundo a pequena Estatística apontada pelos Anais (1968, p. 3a), no dia 12 de janeiro de 1903 o novo Estabelecimento, além dos Irmãos, "já contava com 30 alunos internos e 80 alunos externos". Em setembro daquele ano chegariam mais dois Irmãos, Mateus e Luís, vindos diretamente da França.

### 3.2. Infra-estrutura: ambientes e organização do Colégio Marista Diocesano

Desde os primeiros entendimentos os Irmãos Maristas sempre se preocuparam em providenciar o melhor ambiente possível para estruturar suas escolas. Assim sendo, desde os primeiros entendimentos entre Dom Eduardo, Ir. Adorator e Ir. Gondulfo, acertos esses firmados no “Contrato” celebrado entre ambas as partes, percebe-se a preocupação de fazer com que todo o conjunto escolar fosse cada vez mais de acordo com seu ideário educativo.

De acordo com Magalhães (s.d., p.25), o sentido histórico do Colégio Diocesano de Uberaba pode ser conferido a partir da organização do espaço, elemento fundamental para que pessoas ali se instalem e o saber possa circular entre professores e alunos. Éster Buffa e Paolo Nosella (2000), para os quais o trabalho é categoria fundamental, propõem que a compreensão de qualquer instituição educativa se inicie pela busca de sua origem, criação, construção e instalação, isto é, que o começo se dê por sua estrutura física.

Com o aumento de matrículas, a partir de 1905, houve a necessidade de uma ampliação do prédio, que já se mostrava limitado para acolher a todos. O que pode ser feito, então, foi a construção de um barracão comprido, com cobertura de zinco, para instalação da cozinha, do refeitório e de alguns cômodos de serviços. Por brincadeira, os próprios Irmãos denominaram essa construção de “Alfândega”, devido à sua aparência. Pois foi neste local, o maior espaço disponível no Colégio, que em 1907 realizou-se a formatura da primeira turma de bacharelados, cujo paraninfo era o Conde de Afonso Celso.

No ano de 1916, no documento Vingt Ans de Brésil, retomando anotações feitas do início do século, o Ir. Adorator registra que o prédio que lhes fora oferecido

*[...] está longe de ter sua construção acabada. Nenhuma sala tem forro. Os olhos vão do chão ao telhado sem encontrar obstáculos. Trata-se de um local pobre que, sem falar da sua insuficiência absoluta do ponto de vista de dormitórios, tem mais a aparência de um vasto galpão do que de um estabelecimento escolar. Em 1905, o Sr. Costa se apresentou dizendo ter empregado na construção mais de 20 Contos de Réis de sua fortuna pessoal, valor que esperava ser reembolsado. O Sr. Bispo nos transmitiu esta reivindicação, dizendo ser procedente. Os Irmãos então entraram em negociação com o Sr. Costa que, ao final, concordou em receber 10 Contos de Réis, divididos em Um Conto por ano. Esta dívida foi paga religiosamente pelos Irmãos e ninguém mais contestou a propriedade deles sobre o Ginásio do Sagrado Coração de Jesus.* (VAB<sup>76</sup>, 1916, p.

226)

Uma das primeiras providências, ao lado do pagamento da dívida contraída e paga “religiosamente”, foi a ampliação do espaço físico. O mesmo autor de Vingt Ans de Brésil narra

<sup>76</sup> VAB... assim se fará a abreviação de Vingt Ans de Brésil, daqui por diante.

que o Ginásio, tal como foi recebido do bispo Dom Eduardo, não chegava a 2 hectares. Necessitava, portanto, ser aumentado. Os Irmãos entram em negociação com um certo senhor Tiradentes, vizinho da escola, que se dispôs a vender um terreno de sua propriedade, de cerca de 10 hectares, por Um Conto de Réis. Tal terreno era confrontante com o jardim e os pátios do Ginásio e tinha, portanto, um “valor inestimável”; foi desta maneira que os Irmãos aumentaram, já na ocasião, a alameda central em mais 300 metros. Alguns anos mais tarde o próprio Ir. Adorator, Visitador, disse que, a cada visita,

*[...] quando vejo a amplitude dos pátios de recreio, as belas alamedas retilíneas plantadas de árvores, a principal de 500 metros, eu agradeço a Deus haver possibilitado a aquisição. O que fizemos, então, não seria possível fazer depois. Os primeiros Irmãos que tomaram posse do Colégio tiveram a inteligência de fazer imediatamente as belas plantações de mangueiras que dão frutos e sombra muito apreciados. Quem viu a propriedade na chegada dos Irmãos e vê hoje (1908) só tem que admirar seu trabalho e bom gosto.* (VAB, 1916, p. 441)

Melhoria significativa aconteceu no breve período de maio de 1909 a dezembro de 1910. Chegou a Uberaba, vindo de Mendes, R.J., o Ir. Frumêncio; vinha com a missão de construir um bloco de edifício complementar ao Ginásio Diocesano. Ele tinha condições para tal, pois ajudara na construção de um colégio na França. Trouxe com ele um mestre de obras com larga experiência, de tal modo que entregou, com pouco menos de dois anos, uma construção com três pavimentos, com 45 metros de comprimento por 12 metros de altura. Grande foi a alegria quando, a 27 de dezembro de 1910, os Irmãos puderam substituir a “Alfândega” pelo “Pavilhão Frumentius”. Tal edifício se impunha numa cidade que carecia de construções maiores.



Figura 14: o "Pavilhão Frumentius e a Alameda das Mangueiras. A construção do edifício, que durou de 1909 a 1910, cederá lugar à Capela do Colégio, em 1957. Fonte: Anais (1968)

Apresentando seu comentário a respeito de tal construção, Ir. Adorator afirma que

*[...] de toda a cidade é o edifício que mais chama atenção. [...] a nova construção confere um ares de grandiosidade e se impõe aos visitantes pelo seu belo aspecto.*<sup>77</sup> (VAB p.445)

Os Anais registram o “Relatório de Visita” feito pelo engenheiro Dr. Francisco Palmério, a pedido do Ir. José Borges, novo reitor a partir de 1910. De acordo com Palmério, sua impressão, como profissional, era a melhor possível, “excelente na extensão da palavra”,

*[...] e faltariamos ao cumprimento de um imperioso e justiceiro dever se deixássemos de registra-la, tornado-a pública, para que os de fora fiquem sabendo que Uberaba possui um estabelecimento de instrução primária e secundária digno dos nossos foros de civilização, e que representa um padrão de glória para os seus fundadores, revmos. Irmãos Maristas e para todos aqueles que se esforçaram para eleva-lo no conceito público, especialmente para sua excia. Revma., o nosso amado e preclaro bispo D. Eduardo Duarte Silva, a que se deve inquestionavelmente a glória de ter empreendido a sua realização, tornando-a por isto além de tantos e tantos benefícios prodigalizados ao Triângulo Mineiro e ao Estado de Goiás e que serviram para hipotecar-lhe a imorredoura gratidão dos seus diocesanos, - digno da mais elevada benemerência por parte de todos aqueles que, com amor e dedicação, propugnam pelo nosso progredir e pela perfeita e sã e educação de nossa mocidade.* (ANAIS, 1968, p.59a-60)

Percebe-se, nas palavras engajadas do engenheiro, que, para além da objetividade técnico-profissional, havia uma percepção da importância que se dava a uma construção de tal porte. Reconhecia ele a operosidade e a clareza de objetivos que tanto a diocese de Uberaba, na pessoa do bispo, quanto a Congregação Marista, representada pelo diretor, tinham ao empreender obra de tal envergadura.

De fato, o estabelecimento impressionava a tantos quantos puderam percorrê-lo em seu conjunto: dois edifícios bem articulados. O do antigo seminário episcopal era destinado às aulas dos alunos maiores, do curso primário e do ginásial, e abrigava gabinetes e laboratórios de ciência naturais, física e química, além dos refeitórios. O novo era um “elegante e sólido sobrado de três pavimentos, construído com todas as exigências técnicas e higiênicas”. O primeiro pavimento era destinado às aulas dos alunos menores. Suas salas eram separadas por paredes envidraçadas e corrediças, que podiam rapidamente ser transformadas em um amplo salão para festas e solenidades; no fundo, à esquerda, havia um teatro próprio para as representações dos alunos. No segundo pavimento havia o dormitório dos alunos maiores; no terceiro, o dos menores. Cada dormitório era um vasto salão que ocupava toda a largura e

<sup>77</sup> *[...] c'est la maison de la ville qui fait le plus d'effect. [...] la nouvelle construction donne au Gymnase un cachet grandiose et elle s'impose à l'admiration des visiteurs, par son bel aspect.*

comprimento do edifício. Eram salões altos, bem iluminados e arejados. As camas eram bem dispostas e cada uma possuía uma cômoda para roupas e material de higiene pessoal.

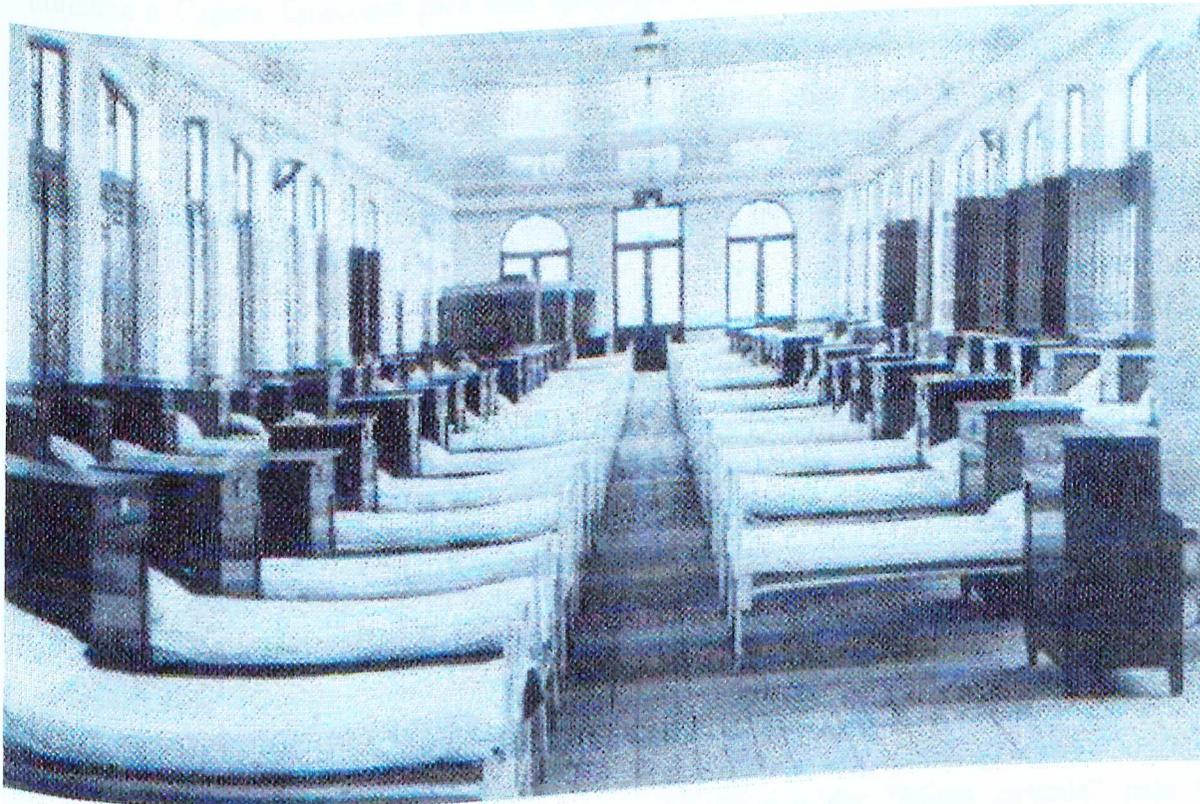


Figura 15: Dormitório "dos maiores", que impressiona pela limpeza, ordem e luminosidade. Ambiente agradável e que favorecia certo controle de tudo o que se passava ali.  
Fonte: Anais (1968)

Próximo a este edifício ficavam as instalações sanitárias, “em número suficiente para atender às necessidades dos alunos”. Além das construções havia um privilegiado espaço aberto, verdadeiro parque, e a grande alameda, quase a perder de vista à entrada principal do estabelecimento. Junto a um pomar de frutas e verduras havia ainda várias áreas para o recreio dos alunos, e para os diversos exercícios esportivos, ginásticos e militares. (ANAIS, 1968, p. 60-61)

O Inspetor regional para o ano de 1912, Alberto de Costa Mattos, no Termo de Visitas que registrou, deixou um testemunho do quanto ficou impressionado com o que encontrou na “Capital do Triângulo”:

*Todas as salas de aulas, espaçosas e higiênicas, estão mobiliadas convenientemente e providas de todos os recursos necessários ao ensino das diversas disciplinas, como mapas parietais, globos, sólidos geométricos, etc. A biblioteca se recomenda pelas excelentes obras de consulta, tanto de ciências como de línguas e literatura e também pelas boas coleções de livros didáticos, perfeitamente recomendáveis do ensino moderno.*

(TERMO DE VISITAS, 14 de maio de 1912, p. 3)

Os Anais nos informam (1968, p.61a) que, desde sua fundação, o Ginásio de Uberaba utilizava a Capela Episcopal para suas cerimônias religiosas. Esta capela, ao lado do antigo prédio, por vezes se tornara pequena pelo número de alunos, professores e pais que deveria acolher. “Urgia construir uma capela privativa do Ginásio”. Com certeza, tal privacidade evitaria a multiplicação dos (inevitáveis) contatos com a população. A narrativa, extraída do jornal Correio Católico, dá bem o tom e significado que deram à conquista desse espaço religioso.

*A 18 do corrente, sábado, dia consagrado pela Igreja à Virgem Maria Nossa (sic!) foi um dia festejado, santo, inolvidável. [...] Dia santo porque operou-se no Ginásio uma maravilha, um prodígio, um mistério: Jesus Hóstia, o Jesus da Eucaristia, dignou-se baixar das alturas do céu à humilde capela, que o Irmão Borges mandou preparar num salão do Ginásio Diocesano. Em poucos dias de trabalho, a sala tornou-se um templo; a mão hábil do pintor tinha habilmente decorado as paredes [...] Sete horas da manhã estão tocando o sino e imediatamente a capela é invadida por inúmeros jovens que cheios de fé e amor vão assistir à primeira missa, rezada pelo Ex.mo. Sr. D. Eduardo.*

Toda uma série de atividades religiosas marcou o dia: “Missa cantada” pelo frei Martinho, logo após a missa “de comunhão”, rezada pelo bispo. É que, de acordo com as normas da Igreja Católica no período, só se podia aproximar da “mesa de comunhão” uma vez ao dia. Ao meio-dia houve a solene fixação dos quadros da Via Sacra, com a participação especial dos menores. À tarde, bênção do Santíssimo<sup>78</sup> e oração do terço. Em seguida, houve uma pequena palestra de frei Martinho, o capelão, em acolhida aos alunos, em nome do corpo docente. Para encerrar, cantaram todos o *Veni Creator Spiritus*, tradicional cântico católico em que se invoca o Espírito de Deus, fonte de toda luz, inteligência e sabedoria.

### 3.3. Os Mestres, Religiosos Educadores

Viñao Frago, Justino Magalhães (1998), Buffa e Nosella (2000) apontam unânimes que o entendimento de determinada instituição escolar somente pode ser alcançado pela consideração dos docentes que ali atuam, bem como sua formação recebida. A esse respeito, a consideração dos Irmãos Maristas, religiosos educadores, bem como o processo de sua formação, oferecem luzes para a compreensão dos saberes que veiculavam aos seus alunos.

A cada final de ano os Irmãos se reuniam em Mendes para o Retiro e para tomarem ciência das substituições e comunicações mais importantes. Aconteciam também reuniões de

<sup>78</sup> Celebração especial e bênção com uma grande hóstia, consagrada especialmente para a cerimônia.

formação, para que os Irmãos se preparassem mais e melhor para o exercício pedagógico. As substituições eram comuns e, no caso dos diretores, ou iriam dirigir uma outra escola ou, se fossem assumir alguma outra função, normalmente não seria na mesma “casa”.

Desde o início, estava assim estruturada a “presença marista” numa localidade: junto ao colégio mantido pelos Irmãos, os quais deveriam assumir o ensino, havia uma “Comunidade Marista”, espécie de convento para a vida própria desses religiosos. Deste modo, além da vida da escola, havia todo um ritmo próprio para o tratamento do que fosse específico da Congregação.

### 3.3.1. Irmãos Diretores

No período coberto por nossa pesquisa, o Ginásio Marista Diocesano de Uberaba teve os seguintes diretores: Ir. Gondulfo, no ano de 1903; Ir. João Paulino, de 1904 a 1909; Ir. José Borges, de 1910 a 1915; e o Ir. Mário Amâncio, em 1916.

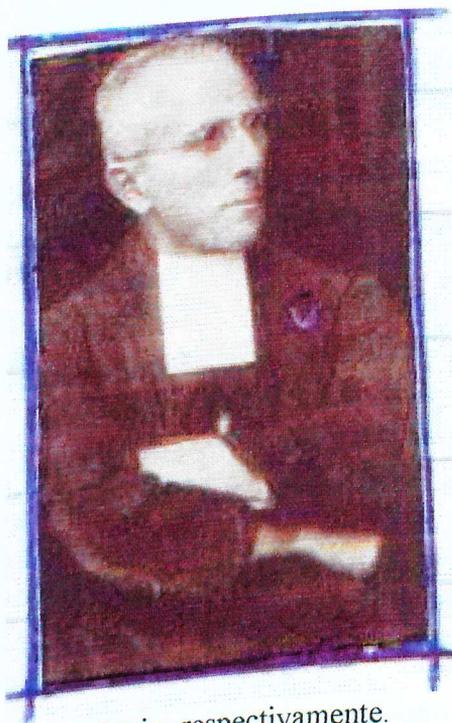
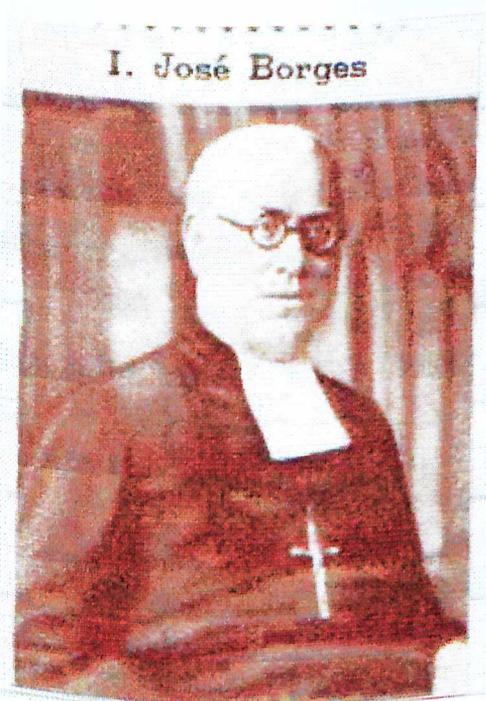


Figura 16 (e) e 17 (d): Irmãos José Borges e Mário Amâncio, respectivamente.

Fonte: Anais (1968)

Ir. Gondulfo está presente na foto dos primeiros Irmãos. Quanto ao Ir. João Paulino, embora os Anais teçam elogios à sua pessoa e ação, ele não tem sua foto ali afixada. Seria, talvez, porque esse Irmão deixou a Congregação ao final de seu mandato? O Ir. Gondulfo, que ficou apenas no primeiro ano da chegada dos Irmãos a Uberaba, teve por mérito estabelecer as bases da obra marista na cidade. Com os outros quatro companheiros, acrescidos mais dois ao

final do ano, foi o responsável pela educação de 30 alunos internos e 80 externos (ANAIS, 1968, p.3a). No ano seguinte seriam substituídos por outros Irmãos, indo para outras localidades. Ir. Gondulfo foi para Santos, nova fundação, em 1904

O Ir. João Paulino conseguiu, nos cinco anos em que esteve à frente do colégio, apresentar uma “extraordinária e magnífica prosperidade” (ANAIS, 1968, p 4), aumentando os cursos na escola, ampliando suas instalações, e conseguindo – em 14 de junho de 1906 - a equiparação definitiva ao Ginásio Nacional Pedro II. Em sua gestão, várias foram as festas de formatura a que presidiu, além de ter fundado uma escola para pobres – o Externato Nossa Senhora de Lourdes. Os Anais (1968, p.38a) registram parte do artigo a seu respeito, veiculado pela Gazeta de Uberaba em 8 de dezembro de 1907 – nº 3104:

**Ir. Paulino**

*O respeitável educador João Paulino nasceu em Lyon, França, aos 17 de maio de 1876. Foi professor do Colégio de Santa Maria, de Dijon, naquela culta república. É diplomado em engenharia civil pela Escola Central de Paris. Tem o diploma de brevet superior, ou professor do ensino secundário, títulos esses que o habilitam ao magistério superior. A esforços seus, do Ex.mo. Sr. Bispo d. Eduardo e do povo em geral, desta cidade, deve-se o estabelecimento do Ginásio Diocesano, que foi equiparado ao Nacional em 16 de abril de 1904 e confirmada a equiparação em 4 de junho de 1906.* (ANAIS, 1968, p. 38a)

Este Irmão, que tanto havia criticado a um padre (Francisco Vaz) por este deixar o ministério, afastou-se também de seus votos religiosos. Nas palavras do redator dos Anais (1968, p.56a), este fato motivou a nota que trazia: “melancolicamente vai se escoando esse famigerado 1909, que tantos dissabores amargou”. Eis a descrição do mesmo acontecimento, na pena do Ir. Adorator:

*[...] recordamo-nos disso, em face do sr. Vaz, que abandonara o sacerdócio, (que o Ir. Paulino) mostrou-se extremamente indignado. Não permitiu que galgasse os degraus da portaria do seu colégio, e seu gesto foi aplaudido. Dois anos apenas haviam decorrido e os dois podiam dar-se a mão como irmãos no mesmo escândalo e como associados à mesma desonra.”*<sup>79</sup> (VAB, 1916, p. 53)

No início de 1910, logo após o Retiro de Mendes, como de costume entre os Maristas, houve a nomeação do Ir. José Borges (Joseph Borgia). Os Anais, abrindo o primeiro dia do ano, falam em “sábado risonho”, prenúncio de um ano que se apresentava “auspicioso”; que “as querelas estão terminadas, uma nova ordem se estabelece”, e que um diretor, “apto intelectual, ética e socialmente falando, toma o leme da barca marista”. Uma estruturação diferente se

<sup>79</sup> [...] nous nous en souvenons, en face du défroqué Vaz, s'est montré plein d'ignation. Il ne lui a pas permis de franchir le seuil de son Collège, et son gest a été applaudi. Deux ans à peine se sont écoulés, et il peuvent se donner la main comme frères dans le scandale et comme associés aux mêmes hontes

anunciava para o Colégio Diocesano. Quando os Anais anotam o 15 de fevereiro, dizem com certo alívio e quase em tom de celebração:

*Como se nada houvesse ocorrido precedentemente, realizaram-se as matrículas para o novo ano e foram elas abundantes. [...] Nessa 3ª feira, afluíram os alunos e, sem nenhum contratempo, começaram as aulas de 1910.*  
(ANAI, 1968, p.57a)

O Ir. José Borges, logo nos primeiros dias do ano, expediu uma carta-circular esclarecendo aos pais a respeito das “mínimas alterações no Ginásio Diocesano que timbrava em continuar na rota brilhante até então percorrida”. Com muito tato, toma posição diante de uma questão que certamente está como pano de fundo na saída do diretor que o precedera: no conflito entre história pessoal e os caminhos da Instituição, o religioso educador que agora chegara indica que as opções tomadas por um de seus confrades não haveria de lançar por terra todo um edifício até então construído. E conclui, em sua carta:

*Em vista dos animadores resultados e dos belos triunfos colhidos nas várias Escolas Superiores pelos nossos antigos alunos, pensamos que esta casa não desmerecerá da grande confiança que as distintas famílias depositaram nela até esta data, confiança que desvanece e anima a prosseguir na obra importantíssima do preparo físico, intelectual e moral da mocidade.*

*Peço-vos aceitar os mais efusivos cumprimentos, deste que preza de ser de V. S. o mais humilde crº obrº*

*Irmão José Borges*

Desde o início, como que a equilibrar dotes de inteligência e sensibilidade, e manifestando entender a importância de fazer-se presente na vida da sociedade, particularmente na relação com os pais, o novo Diretor foi conquistando pouco a pouco a simpatia de todos. É neste sentido que podemos entender o espírito do sarau que os professores e alunos fizeram em sua homenagem.

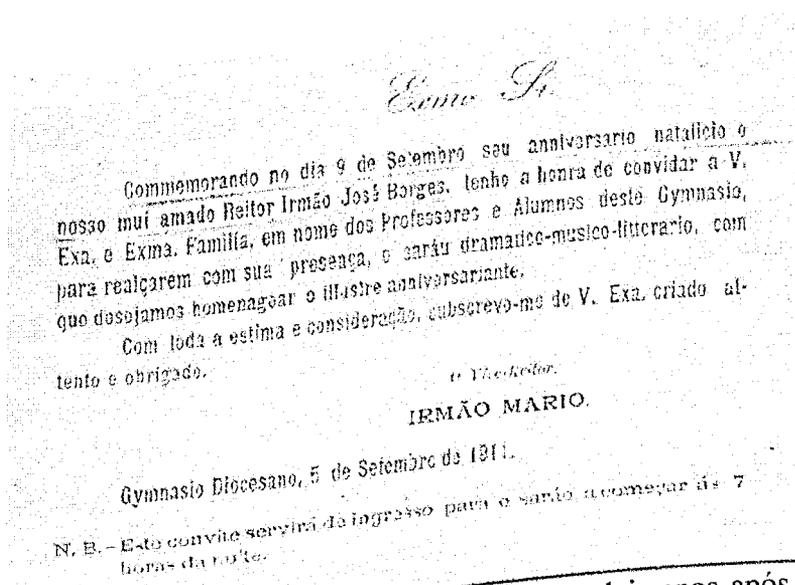


Figura 18: Convite para festa em homenagem ao Ir. José Borges, dois anos após sua chegada.  
Fonte: Anais (1968)

Logo abaixo apresentamos o Programa do "Soirée" oferecido, no qual o homenageado recebe uma música composta em seu nome, na peça principal apresentada, o que todos apreciavam no Reitor: a coragem.



Figura 19: Sarau oferecido em homenagem ao Ir. José Borges em 9 de setembro de 1911.  
Fonte: Anais (1968)

O Ir. Mário Amâncio, vice-reitor, homem de muita humildade e certa timidez, foi chamado a substituir o Ir. José Borges no início de 1916; ficou durante aquele ano na direção. A escola estava totalmente estruturada, e sua passagem pelo Ginásio Diocesano poderia ser considerada exatamente assim: como fase de transição para uma nova etapa que, segundo Coutinho (2000, p.99), seria a “fase do desenvolvimento”.

### 3.3.2. Outros Irmãos

Desde o início da fundação, os Maristas sempre se estruturaram como “Comunidade de Irmãos”, de tal modo que sempre se agrupavam em torno de pelo menos umas quatro ou cinco pessoas. Dependendo do tamanho da obra a ser dirigida, a comunidade teria um maior número de religiosos. No caso do Colégio Diocesano de Uberaba, os Anais registram em todo início de ano a “Liste des Placements”, indicando em média de 15 religiosos, vários deles ficando na

cidade por mais de 10 anos na comunidade, exercendo as mais variadas funções. Esta lista era definida sempre por ocasião do Retiro Anual dos Maristas, em Mendes.

A título de exemplo, citaremos o Ir. Vilberto (Marie Wilbert), professor de física do colégio, que a partir de 1913 destacou-se sobremaneira em nível local e regional. No dia 11 de outubro daquele ano foi inaugurado e colocado sob seus cuidados o Posto Meteorológico de Uberaba. Segundo a revista "Echos do Diocesano"<sup>80</sup> (1913, 3º ano, p.40), o Ir. Vilberto, ajudado pelo Ir. Clodoveu (Clovis Elie), deveria controlar vários aparelhos, alguns deles de elevado valor científico. Tomou posse de suas responsabilidades diante de várias personalidades políticas. O próprio Ir. Adorator, agora Provincial da Província do Brasil Central, noticia as funções públicas recebidas pelo Ir. Mário Vilberto "diante da elite das pessoas cultas da cidade", e que por sua competência seria nomeado Inspetor regional. E faz o seguinte elogio:

*O Ir. Mário Vilberto deu a Uberaba uma dezena de anos de sua vida. Trata-se de um dos antigos. Ele não é de fazer barulho, ele aparenta docilidade tanto na linguagem como na conduta. Deus o dotou de aptidão para a matemática. Seus coirmãos são unânimes em reconhecê-lo, mas ele tem a sabedoria de não fazer alarde desses dons. É um precioso auxiliar do Ir. Diretor, que pode contar com ele para o trabalho que for. Os alunos maiores o apreciam muito. [Ele] criou um curso de Agrimensura que atende às necessidades da região. Os alunos que o seguem recebem um diploma reconhecido pelo Estado.* (VAB... 1916, p. 458)



Figura 20: o Ir. Mário Vilberto com um grupo de alunos do curso de Agrimensura, no ano de 1913. Fonte: CEM - Centro de Estudos Maristas - BH.

O Colégio de Uberaba forneceu à Congregação Marista três Irmãos saídos de suas salas de aula. De acordo com os Anais (1968, p. 5-7), José Antônio de Carvalho Batalha, nascido em Coruripe (AL) em 1892, partiu de Uberaba para Mendes em 25 de agosto de 1904, tendo feito

<sup>80</sup> Daqui para frente apresentada por "ÉCHOS...".

profissão religiosa em 21 de dezembro de 1913. O segundo (ANAIS, 1968, p. 29a), Ir. José de Andrade Júnior, nascido em Uberaba em 1892, seguiu para sua formação em Mendes na madrugada de 28 de março de 1907. Fez seus votos perpétuos em 21 de dezembro de 1913. O terceiro Irmão (ANAIS, 1968, p.48), Aldmar de Mello Rattes, era natural de Bagagem (atualmente Estrela do Sul, MG), nascido em 1895. Foi aluno marista em Uberaba no período de 1906 a 1908 e “teve a sorte de ser levado para Mendes pelo estimadíssimo Ir. Adorator a 4 de julho de 1908.” Tendo feito profissão perpétua no dia 2 de janeiro de 1917, passou a chamar-se Ir. Andrônico.

### 3.3.3. Demais docentes colaboradores

Desde o início de suas atividade em Uberaba, sob direção dos Irmãos Maristas, o Colégio Diocesano sempre contou com a colaboração de diversos educadores leigos, eclesiásticos e militares. Uma das razões seria a própria dificuldade com a língua nacional. Os Anais nos informam (1968, p. 20; 28a e 30) que “havia também professores de fora”, e cita Atanásio Saltão, “excelente professor de Português”; George de Chirée, professor de ginástica; Carlos Maria do Nascimento, professor de música; o Dr. Pedro Cavalcante (ANAIS, 1968, p. 64), professor de Literatura e instrutor militar; e o Mons. Inácio Xavier da Silva, na literatura, que era professor de Literatura e instrutor militar. O Livro de Visitas do Senhor Delegado do antigo grupo de professores do Ginásio Diocesano. O Livro de Visitas do Senhor Delegado Fiscal, datado de 3 de novembro de 1909, traz a seguinte notação:

*Procedendo à visita geral deste estabelecimento, visitei a aula de Literatura Nacional, regida pelo Dr. Pedro Cavalcante de Albuquerque. Assisti à aludida aula em todo o seu exercício e dela tive muito boa impressão pelo modo com que o professor lecionou a matéria em objetivo, revelando-se um competente.*

*Para constar lanço neste livro a minha impressão.*

*Uberaba, 3 de novembro de 1909.*

*O Delegado Fiscal,  
Felício Buarque*

No ano de 1915 os Anais (1968, p. 91a) mencionam o enterro do “malogrado tenente Francisco Lannes Bernardes, instrutor militar do Ginásio, onde se bacharelou em 1910”. Enterrado no dia 08 de setembro, foi substituído já no dia 16 de outubro pelo tenente Ebroino Dias Uruguai. Pode-se inferir do fato de o instrutor militar ter sido imediatamente substituído o cuidado que os Irmãos tinham em fazer com que tal instrução, importante e esperada pela sociedade local, não sofresse paralisação.

### 3.4. Os alunos

Justino (1999) e Éster (1996) falam, respectivamente, em “público” e “clientela”, referindo-se aos alunos. Com efeito, a razão de ser de qualquer instituição educativa não está, propriamente, nela mesma: são os seus alunos a justificativa maior de sua existência e ação. Tais alunos, porém, devem ser considerados a partir de sua realidade social, de seus valores, de sua visão de mundo, da classe a que pertence.



Figura 21: Grupo de alunos em 1903. Fonte: Anais (1968)

Quando, no dia 03 de fevereiro de 1903, os Irmãos iniciaram as aulas no Ginásio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus, puderam contar com 86 alunos matriculados: 24 internos, 8 semi-internos e 54 externos, sendo 50 os matriculados no curso secundário e 36 no primário. Já em abril eram 120 e, no final do ano, quase 150.

Conforme podemos conferir no Livro de Matrículas, os alunos vinham de toda a região do Triângulo Mineiro, Norte de São Paulo, Goiás, Mato Grosso e vários outros Estados do país. De acordo com as CIRCULAIRES (1916, v.10, p.568), “havia alunos que viajavam a cavalo um a dois meses, de suas casas ao Colégio”. Frequentes eram os atrasos, pois, sendo estação das chuvas, era muito difícil o deslocamento dos alunos de suas casas até Uberaba, pois algumas ficavam distantes e ligadas por péssimas estradas. Por isso os atrasos eram entendidos e

suportados, com as matrículas podendo ser feitas até abril (ANAIS, 1968, p. 20; 41). Neste sentido, podemos inferir a importância que a vinda dos Irmãos Maristas representou para aquela região, desprovida que era de boas escolas.

Digno de nota o fato que se deu em 1908 quando, por ser elevado o número de matriculados, os dormitórios foram insuficientes e, a fim de não se recusarem inscrições, os Irmãos pediram aos “da cidade” para dormirem nas suas residências. Eram quase 300 os inscritos (ANAIS, 1968, p.41a). Desde o início, esta era a possibilidade de matricular-se no Ginásio: estudar e hospedar-se em suas dependências, como *interno*; estudar e tomar refeições na Escola, passando ali o dia todo, como *semi-interno*; ou, como *externo*, somente estudar. Por isso, quando os diretores se dirigiam aos responsáveis pelos alunos, era comum encontrar comunicações que se destinavam “aos senhores pais de família, tutores e correspondentes” (ANAIS, 1968, p.41), justamente para abranger as várias situações dos alunos matriculados: “Ficam assim avisados todos os interessados.”

No caso de alunos que tinham bolsa, isto é, que dependessem de alguém que custeasse seus estudos, ou assim fosse determinado, seu enxoval também deveria ser apresentado no ato da matrícula, como os demais. Encontramos nos Anais a seguinte nota da Gazeta de Uberaba do dia 26 de fevereiro de 1904:

#### COLÉGIO DIOCESANO

*O sr. Ministro do Interior declarou ao delegado fiscal do governo junto ao Colégio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus, nesta cidade, para os devidos fins, que aquele ministério resolveu que sejam admitidos no referido estabelecimento de ensino, como alunos gratuitos, se houver vaga e satisfizerem as exigências regulamentares, os alunos Manuel Antônio de Carvalho Batalha, Francisco Lannes Bernardes e Deolindo Ferreira do Amaral, o primeiro como interno e os últimos como externos.*

(ANAIS, 1968, p.11)

Quando se matriculavam, os alunos novatos faziam os exames de admissão e os antigos, se fosse o caso, os de 2ª época; cada um recebia um exemplar do Regulamento Interno do Colégio; e os alunos internos deveriam deixar com o Irmão encarregado vários objetos de uso pessoal, conforme podemos conferir pela seguinte lista de enxoval:

As aulas do Collegio abrem-se no dia 3 de Fevereiro e encerram-se a 30 de Novembro.

Os exames de admissão, como os de 2ª. epocha verificar-se-hão no mez de Fevereiro.

E' dado a cada alumno um exemplar do *Regulamento Interno do Collegio*.

#### ENXOVAL PARA OS ALUMNOS INTERNOS

- |                                    |   |
|------------------------------------|---|
| 1 cobertor de lã.                  | 3 gravatas.   |
| 2 colchas brancas.                 | 1 par de botinas pretas ou amarellas.                       |
| 4 lençoes tendo 2m. sobre 1 m. 50. | 2 pares para recreio.                                       |
| 4 fronhas tendo 0m.60 sobre 0m.40  | 1 par de chinellos.   |
| 8 camisas brancas.                 | 1 talher e copo.  |
| 2 camizolas de dormir.             | 6 guardanapos.  |
| 6 veroulas.                        | 4 toalhas de rosto.   |
| 3 ternos de brim.                  | 2 toalhas de banho.   |
| 1 terno de casemira cor escura     | Escovas para roupas, dentes e sapatos.                      |
| 1 farda amarella de brim kaki.     | Pentes, thesourinhas e o que fôr necessario para a hygiene. |
| para exercicios militares.         |   |
| 2 saacos para roupa servida.       |   |
| 10 pares de meias.                 |   |
| 10 lenços.                         |   |

Estes objectos serão marcados com o numero da matricula O Collegio pode encarregar-se da lavagem de roupas pela quantia de 8\$000 mensaes.

O Collegio não se responsabiliza pela fiscalisação de roupas cuja lavagem fôr confiada a pessoas fóra do estabelecimento.

O REITOR

*Amão José Borges.*

Figura 22: Enxoval para alunos. Fonte: Anais (1968)

A vida escolar dos alunos, bem como as orientações que deveriam ser dadas, tudo era dito com clareza para que o Colégio pudesse inserir-se na vida da sociedade local e para que não fosse visto como espécie de fortaleza intransponível. Era, sem dúvida, uma instituição que primava pela privacidade, de tal maneira que somente com a autorização do Diretor os alunos poderiam ter contato com pessoas que não pertenciam ao estabelecimento. Não se dificultava, porém, o acesso dos pais vindos de fora para visitarem seus filhos. E era por ocasião do encerramento das aulas, sobretudo, que se fazia questão da presença do público externo (ANAIS, 1968, p.10), com comunicação aos pais ou à sociedade de modo geral, através dos jornais.

No Ginásio, de modo especial em se tratando dos internos, havia entre professores e alunos um tratamento que poderia ser sustentado por certo “espírito de família”, de tal modo que alguns alunos e professores marcaram a vida do estabelecimento, visto muitas vezes como espécie de extensão da própria casa. Um aluno que ficou na história do Diocesano foi, certamente, Zacharias Borges de Oliveira, o “Borgico” (ANAIS, 1968, p.86a e 87). Uberabense, foi aluno do Ginásio a partir de 1904, concluindo o bacharelado em 1908, sendo na ocasião premiado com medalha de honra por seu “procedimento e seus esforços”.



Figura 23: Zacharias Borges de Oliveira, o "Borgico".  
Fonte: Anais (1968)

No ano seguinte, doente, foi levado por sua família para a Europa, para tratar-se. Faleceu na Suíça em 22 de agosto de 1914. A ele se refere o Ir. Adorator no *Vingt Ans* (1916, p.460), cuja vida considera "Une histoire édifiante". "Borgico" é apresentado como um exemplo de "brilhante aluno", elogiado seu caráter, seu espírito religioso e sua cultura. Percebemos, nesta atitude um tanto familiar do Irmão, que valoriza um dos "membros da família", a expressão de uma espécie de "Pedagogia do Herói". Ao fazer isto, os Irmãos apresentavam para os demais alunos um modelo de vida intelectual e procedimento cristão, enquanto apresentavam de forma bem concreta um dos mais caros aspectos da pedagogia do Instituto: o *Espírito de família*.

A festa de formatura da 1ª Turma de Bacharéis, em dezembro de 1907, foi abrilhantada pela sinfonia tocada pela Corporação Musical União Uberabense e apresentação de uma grande "soirée" (sarau) dramático-musical-literária pelos alunos.

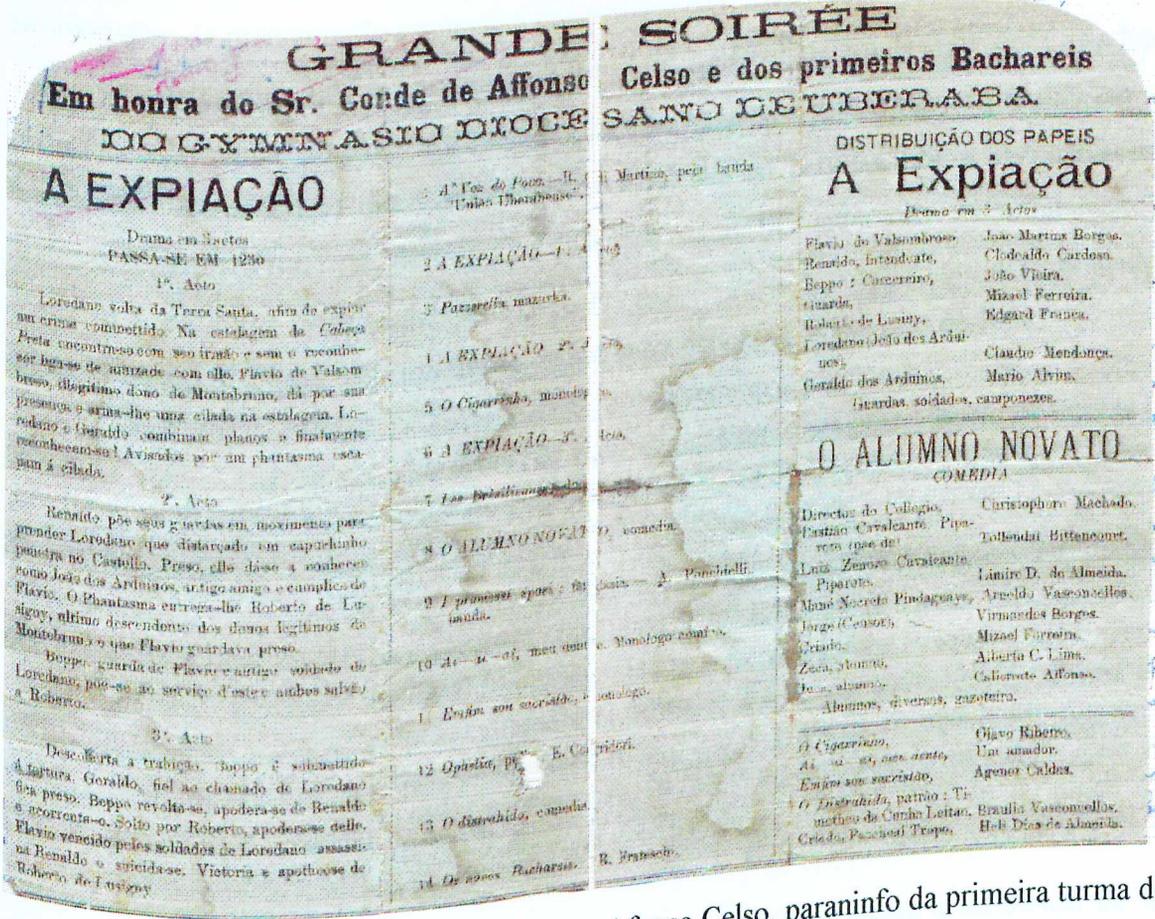


Figura 24: Soirée em homenagem ao Conde Afonso Celso, paraninfo da primeira turma de Bacharéis - em 1907. Fonte: Anais (1968)

Percebemos, bem articulados no Programa, a alternância de drama, música e comédia; além disso, a citação dos atores das peças revelam uma "pedagogia da emulação", cara aos Maristas, pedagogia esta que valoriza os talentos e desenvolve no aluno a auto-estima.

### 3.5. A imediata busca da Equiparação ao Ginásio Nacional e a relação com a Legislação Educacional

A busca da equiparação ao Ginásio Nacional, pelo Colégio Diocesano, é um dos aspectos fundamentais de uma questão bem mais complexa: a escolarização. De fato, Estado e Igreja procuravam, cada qual com seus objetivos específicos, tomar a escola sob sua responsabilidade. Esta, como meio para conseguir evangelizar, imprimir valores às novas gerações, em vista de fazer valer seus princípios no conjunto todo da sociedade; o Estado, para afirmar que educação era reconhecida como de capital importância – embora sem destinar a ela os recursos devidos. Noutras palavras, a Igreja procurava na educação um instrumento para cristianização dos pagãos (os “bárbaros”); o Estado, por sua vez, como meio de civilizá-los. A educação, portanto, revelava-se como alvo da preocupação e empenho dos poderes civil e religioso.

Desde o começo de sua presença no Brasil, os Irmãos trataram de conhecer e se adaptar à realidade educacional do país. Adaptar-se e superar as muitas deficiências do ensino em terras brasileiras. Do conjunto das Cartas Circulares escritas no período, isto é, comunicações de diversos superiores maristas, destacam-se duas que passamos a apresentar. A primeira, sobre o ensino e a estrutura educacional no Brasil, foi escrita pelo Ir. Júlio Andrônico, fundador da missão Marista no Brasil. Eis um trecho de sua carta datada de 1º de maio de 1899:

*[...] a instrução aqui é, como em toda parte, muito avançada como programa e muito atrasada como resultados obtidos. A instrução primária compreende a leitura, a escrita, as quatro operações e um pouco de história, geografia e gramática; assim, aos dez anos, a criança começa seus estudos secundários, após três ou mais anos de primário. Quanto ao ensino secundário, ele se dá em parte com autores franceses, ainda não traduzidos, como Langlebert, nas ciências físicas e naturais, e F.I.C., na matemática. Como língua viva apenas uma é necessária, o francês, as outras são facultativas. As aulas começam às 10 horas da manhã e terminam às 3 da tarde, com meia hora de recreio ao meio-dia. Não se dá aulas às 5<sup>as</sup> feiras.*  
(CIRCULAIRES... 1916. v.9, p. 426)

Embora a República nascente procurasse cortar definitivamente a influência da Igreja Católica no campo educacional, não conseguiu porém implantar no país uma educação que tivesse os elementos próprios da cultura nacional. A título de exemplo, a Reforma Benjamin Constant (COUTINHO, 2000, p. 61), posta em prática, restringia-se a “meras cópias de modelos de outros países”. De fato é o que se pode depreender do texto citado acima. A outra citação das Circulares é da lavra do próprio Ir. Adorator em 1901. Responsável imediato pela implantação da obra marista em Uberaba e em várias outras localidades do país, ele escreveu:

*A Equiparação, no Brasil, é uma questão capital. É um direito que tem o colégio que a possui, de emitir aos seus alunos os diplomas*

com o mesmo valor dos colégios do Estado. Os próprios professores, sob a supervisão de um Fiscal nomeado pelo governo, avaliam os alunos. Sem a equiparação, o colégio é mal classificado diante da sociedade. (CIRCULAIRES... 1916. v.10, p. 188)

Fica patente, diante do que foi exposto, que uma grande preocupação dos colégios de iniciativa particular e os religiosos, de um modo geral, buscavam na equiparação como que a justificativa legal para sua existência. O Estado brasileiro, apesar de não ter estruturado ainda o ensino em todo o seu território, propunha o ensino do Ginásio Pedro II, do Rio de Janeiro, como modelo a ser seguido pelos demais.

No ano seguinte à chegada dos Irmãos em Uberaba, os Irmãos conseguiram que fosse nomeado um Delegado Fiscal do Governo para o Colégio. Para o cargo foi apontado o Padre Francisco Vaz da Costa. Desse modo, já na página que abre o “Livro de Visitas do Senhor Delegado Fiscal – Collegio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus” são encontrados os termos da visitas semanais iniciadas pelo Pe. Vaz. O Livro de Matrículas de 1904 faz explícita menção do fato e conquista alcançada.

Matrícula	Nomes dos Alunos	Naturalidade	Afiliação	Data de Matrícula	Assinatura do Pai ou Responsável	Número do Secretário
Abre-se a 1.ª de Maio de 1904, data da equiparação do Colégio diocesano do Sagrado Coração de Jesus ao Ginásio Nacional, a Matricula dos Alunos no 1.º ano do curso ginasial.						
1	Atahabal de Vasconcellos	Uberaba	Mus	10 de Maio de 1904	Assimiliano de Souza	
2	Alfredo de Oliveira				Salathiel de A.	
3	Alfonso de Oliveira				Antonio de Souza	
4	Arcelino Ignacio de Souza				Alfredo Vasconcellos	
5	Aracilio de Vasconcellos					
6	Carlos Ignacio de Oliveira					
7	Eulides de Paula Machado					
8	Henrique Rodolpho de Souza	Uberaba	Mus	10 de Maio de 1904	Assimiliano de Souza	
9	Hylderico Martins de Souza	Uberaba	Mus	10 de Maio de 1904	Assimiliano de Souza	
10	João Antonio de Oliveira Machado	Uberaba	Mus	10 de Maio de 1904	Assimiliano de Souza	
11	João de Souza Barboza	Uberaba	Mus	10 de Maio de 1904	Assimiliano de Souza	
12	João Rodrigues de Castro	Uberaba	Mus	10 de Maio de 1904	Assimiliano de Souza	
13	Joaquim Pereira Garcia					
14	Jose Amaro de Oliveira					
15	Jose Carlos Rodrigues de Souza					
16	Roberto de Souza de Souza	Uberaba	Mus	10 de Maio de 1904	Assimiliano de Souza	
17	Ally Calceagno de Oliveira					
18	Marcelo Vaz da Costa	Uberaba	Mus	10 de Maio de 1904	Assimiliano de Souza	

Figura 25: Livro de Matrículas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, página 2.  
 Fonte: Anais (1968)

A menção de que o Ginásio Diocesano de Uberaba estava equiparado do Ginásio Nacional sinaliza que a direção do Colégio estava preocupada em marcar a cidade com um ensino de qualidade e que, como tal, fosse reconhecido pela sociedade e autoridades locais.

Os Anais (1968, p.21a) registram a grande euforia com que foi recebido o telegrama procedente do Rio de Janeiro, avisando que o Colégio Diocesano havia sido equiparado, agora em definitivo, ao Ginásio Nacional. Bandeirolas, discursos e foguetório marcaram o dia 5 de junho de 1906<sup>81</sup>. A Gazeta de Uberaba, do dia 14 daquele mês, traz a seguinte matéria:

#### *COLÉGIO DIOCESANO*

*Damos em seguida os termos do Decreto n. 6062, de 4 do corrente mês, que concede ao Colégio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus, em Uberaba, Estado de Minas Gerais, os privilégios e garantias de que goza o GINÁSIO NACIONAL.*

*O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, atendendo às informações prestadas pelo delegado fiscal do governo sobre os programas de ensino e o modo por que são executados nos Colégio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus, em Uberaba, Estado de Minas Gerais, resolve, de acordo com o art. 367 do Código dos Institutos Oficiais do Ensino Superior e Secundário, aprovado pelo Dec. 3890, de 1 de Janeiro de 1901, conceder ao dito estabelecimento de instrução, na conformidade do art. 361, do aludido código, os privilégios e garantias de que goza o Ginásio Nacional.*

*Rio de Janeiro, 4 de junho de 1906,  
18º da República.*

- *Francisco de Paula Rodrigues Alves*
- *Felix Gaspar de Barros e Almeida*

<sup>81</sup> Na página seguinte será apresentada a comemoração realizada no Colégio, poucos dias após a Equiparação.

**GYMNASIO DIOCESANO**  
10 DE JUNHO DE 1906

**SESSÃO MUSICO-LITTERARIA**

Oferecida aos Exmos. paes dos alumnos e amigos do Gymnasio  
EM REGOISIO DA EQUIPARAÇÃO DEFINITIVA DO COLLEGIO

---

**PROGRAMMA**

I. O Estandarte—Allegro	Banda.	IV. La Mort de Jeanne d'Arc. C. Delavigne. B. P.	
II. Peças diversas	X Y Z.	V. Valsa á 4 mãos (piano)	Antonio Augusto. Antonio Ricardo.
III. 1.º Acto do		VI. 2.º acto da Comedia	Norberto Ferreira
<b>ADVOGADO PATELINO</b>		VII. Poesia	
comedia em 2 actos, traduzida pelos alumnos quintanistas : B. Pucci e Z. Borges		VIII. Trecho de musica.	
PERSONAGENS :		IX. <b>O MEDROSO E O AFOITO</b>	
Patelino	Benlanger Pucci.	Farça em um acto	
Guilherme, negociante	Melchades Vilhena.	O Medroso	Braulio Vasconcellos
Cordeiro, pastor	Quirino Pucci.	O Afoito	Norberto Ferreira.
Bertholino, juiz	Claudio Mendonga.	Vende de Maluqueira	Olegario Vaz.
Malandrim	Braulio de Vasconcellos	Victor, filho do Conde	Virmandes M. Borges.
Valerio	Arthur Machado Junior.	Bernardo, creudo	José Plastino.
Bedeguins	Clarkson M. e Rodolpho V.	X. Hymno final.	
Camponozes	Enrico Terra e José Plastino.		

AO MEIO DIA LEVANTAR DO PANNO

Este programma serve de ingresso

Figura 26: Programa da Festa pela Equiparação - 10 de junho de 1906. Fonte: Anais (1968)

Espécie de "marca registrada" dos Irmãos Maristas, a promoção da festa pela equiparação tinha o objetivo de divertir, dando assim a nota prazerosa da conquista. Por isso as peças musicais, as poesias e a comédia apresentadas; mas, além disso, eles pretendiam também manifestar a dimensão pedagógico-pastoral na peça "O medroso e o afoito", no sentido de que esta possuía o objetivo de transmitir valores. Esta dimensão, por sua vez, manifesta-se como uma tentativa de conciliar os objetivos pedagógicos às intenções formadoras e de cunho evangelizador.

Quando da promulgação da Lei Orgânica do Ensino, a chamada "Reforma Rivadávia", os Maristas a viram como tal: uma reforma do sistema educacional do país. Interessante a forma como é feito o comentário a respeito de tal lei, e praticamente a respeito da maneira como deveriam ser feitas todas as leis – em especial na relação com as instituições educativas:

*Foi neste mês promulgada a "Lei Orgânica do Ensino", [...] Esta lei derruba, aniquila, constrói, edifica à vista, sem ter em conta que um*

*sistema que tem por base os escombros de um outro, contém em seus alicerces o mal que há de causar-lhe, cedo ou tarde, uma irremediável decadência. Sobretudo num país novo, onde não imperam as tradições do passado, deviam os legisladores atender ao fato de estarem as instituições num período de desabrochamento que não pode deixar de ter seus pontos fracos e suas lastimáveis lacunas; porém, curam-se os males com os remédios adequados e... não se mata o indivíduo para livrá-lo de sua doença.*

(ANAIS, 1968, p.63)

Uma das razões para a crítica do Irmão se encontra no fato de que, possivelmente devido a escolas menos sérias, a Reforma Rivadávia cessava com a "regalia" que o Diocesano conseguira, sempre sob a fiscalização de um Delegado Fiscal do governo, de fornecer a seus Bacharéis um diploma que "abria as portas de qualquer Faculdade existente" (ANAIS, 1968, p.5a). Pouco tempo depois, em maio de 1913, em vista dos "novos dispositivos legais", a direção do Colégio busca novamente tal "regalia". Os Anais (1968, p.81a) registram que a digna Edilidade de Uberaba anuiu aos desejos do Colégio, novamente equiparado ao Ginásio Nacional pelo Decreto nº 6066, de 1º de maio de 1903.

### 3.6. Estrutura de funcionamento: horários, disciplinas, preços, etc.

Para fazer acontecer sua proposta educativa, o Ginásio Diocesano de Uberaba estava estruturado de forma a levar professores e alunos a uma tranquilidade quanto à ocupação do tempo e do espaço disponíveis. Com regras claras e bem definidas, havia um Regulamento (ANAIS, 1968, p. 29) que contemplava vários aspectos da vida cotidiana, das aulas diárias àquelas oferecidas à parte do horário normal, como ginástica e esgrima; regulava também a disciplina e os preços a pagar, de acordo com as várias situações do alunado, bem como os horários e demais aspectos ligados ao andamento da instituição. Dava, enfim, o tom e o ritmo da vida de todos, docentes e discentes. Na citação feita acima, trata-se de um texto jornalístico da Gazeta de Uberaba do dia 10 de fevereiro de 1907. Na matéria, o Diretor Irmão Paulino fornece vários dados relativos ao Colégio: fala das matrículas e da abertura das aulas, das tais "aulas à parte" e apresenta modificações no Regulamento. Interessante a forma como conclama os pais (dos externos) a participarem da vida escolar de seus filhos:

*Para evitar despesas inúteis e exageradas que muitas vezes notei, o Ginásio fornecerá tudo quanto for necessário – cadernos, papel, tintas, penas, caneta, lápis, etc. – fora os livros e objetos de desenho, pagando cada aluno 3\$000 mensalmente.*

*Para facilitar os estudos e evitar dupla viagem aos nossos alunos externos, o Regulamento será modificado do modo seguinte:*

1. O estudo para os alunos internos e semi-internos será das 7 às 9:1/4 da manhã.

2. Os alunos externos deverão estar no Ginásio todos os dias às 9 horas e 40 minutos para a aula de ginástica.
3. As aulas propriamente ditas começarão às 10:1/2 e acabarão às 5 horas da tarde.

*Tendo em vista o máximo aproveitamento dos nossos trabalhos escolares, rogo encarecidamente às Exmas. Famílias que nos dispensem o seu valiosíssimo concurso no sentido de conseguirmos que os nossos alunos externos preparem e estudem convenientemente em suas casas as lições que lhes forem diariamente passadas. A diferença sensível que foi notada, nos exames desse ano, entre os internos e os externos, provém em geral da falta de aplicação destes últimos num ponto tão importante.*

Não conseguimos ter acesso ao texto completo do Regulamento, o qual não se preservou senão um exemplar em Roma. A Professora Fátima apresenta em sua pesquisa a primeira página do “Estatuto”, em que é definida a finalidade do Colégio Sagrado Coração de Jesus:

*O Colégio Sagrado Coração de Jesus, fundado pelo bispo de Goiás e dirigido pelos Irmãos Maristas, tem por finalidade garantir o ensino gradual e completo das humanidades e, ao mesmo tempo, dar educação religiosa de acordo com os princípios da Igreja Católica.*  
(MENEZES, 2000, p. 164)

Fátima acrescenta, a respeito da estrutura do Colégio, que ele ficava sob a responsabilidade de um diretor e de um vice-diretor, auxiliados por um secretário, um ecônomo e outros auxiliares, de acordo com a necessidade. Era o diretor, exclusivamente, quem nomeava a todos os funcionários e professores. E havia um conselho da Congregação de professores e funcionários que se reunia ao final de cada mês, a fim de resolver questões importantes relativas à direção do estabelecimento.

De acordo com Fátima (2000, p.166 e 165), todo o Estatuto era praticamente uma cópia daquele seguido pelo Ginásio Nacional. Como neste havia duas espécies de ensino, o primário e o secundário (ou “ginasial”), assim também era no “Ginásio Uberabense”. O curso primário se destinava à preparação dos alunos para os estudos “ginasiais”, tendo por isso caráter propedêutico. Abrangia as seguintes disciplinas: catecismo, alfabeto, leitura, caligrafia, ditado, língua portuguesa, aritmética, geografia e história do Brasil, matérias estas constantes do programa de exames de admissão ao primeiro ano do Curso Ginasial – como no Ginásio Pedro II. A revista Echos do Diocesano informa que o ciclo ginasial, com duração de cinco anos, tinha as seguintes matérias:

*1º ano ginasial:  
Instrução Religiosa, 2 horas por semana em cada curso  
Português, 6 horas por semana – Literatura, Gramática, Redação e  
Ortografia.  
Francês, 5 horas por semana.  
Inglês, 5 horas por semana.*

*Aritmética, 5 horas por semana.*  
*Geografia, 5 horas por semana.*  
*Cartografia e Desenho, 2 horas por semana.*  
*Caligrafia*

*2º ano ginásial:*

*Português, 6 horas por semana – Gramática, Antologia, Composições.*  
*Francês, 5 horas por semana.*  
*Matemática, Aritmética e Álgebra, 6 horas por semana.*  
*Inglês, 5 horas por semana..*  
*Geografia, 5 horas por semana.*  
*Desenho, 2 horas por semana.*

*3º ano ginásial:*

*Português, Gramática e Redação, 3 horas por semana.*  
*Francês, 3 horas por semana.*  
*Inglês, 3 horas por semana.*  
*Matemática, 8 horas por semana.*  
*Corografia e Cosmografia, 2 horas por semana.*  
*Latim, 5 horas por semana.*  
*História do Brasil, 3 horas por semana.*  
*Nota importante: os alunos aprovados nessas disciplinas estarão habilitados a entrar nas Escolas seguintes: Farmácia, Odontologia, Agricultura, Comércio e nas Administrações de Correios, Telégrafos, Finanças, Estatística, Estradas de Ferro, Bancos, etc.*

*4º ano ginásial:*

*Português, 2 horas semanais.*  
*Francês, 2 horas semanais.*  
*Inglês, 2 horas semanais.*  
*Latim, 4 horas semanais.*  
*Matemática, Geometria e Trigonometria, 4 horas semanais.*  
*Física, Mecânica, Gravidade, Hidrostática, Gases, Acústica, Óptica, 3 horas semanais.*  
*Química, 3 horas semanais.*  
*História Universal, 3 horas semanais.*  
*História Natural, Zoologia, Botânica, Mineralogia, Geologia, 3 horas semanais.*  
*Contabilidade e Escrituração Mercantil, 2 horas semanais.*

*5º ano ginásial:*

*Português e Literatura, 3 horas semanais.*  
*Francês, 2 horas semanais.*  
*Inglês, 2 horas semanais.*  
*Latim, 4 horas semanais.*  
*Matemática, 2 horas semanais.*  
*Física, Calor, Eletricidade Estática, Magnetismo, Eletricidade, Dinâmica, 4 horas semanais.*  
*Química, 4 horas semanais.*  
*História Natural, Anatomia, Fisiologia animal, Funções de Nutrição, Funções de Relação, Noções Sumárias de Paleontologia,*

*Anatomia e Fisiologia Vegetal, Nutrição, Reprodução, 4 horas semanais.*

*Higiene, 1 hora semanal.*

*Filosofia, Psicologia, Lógica, 3 horas semanais.*

*História Universal, 3 horas semanais.*

*O programa do curso primário ou preliminar é estritamente aquele publicado pela Secretaria do Interior do Estado de Minas Gerais e aplicado nos Grupos Escolares.*

*Aos estudantes que cursarem as disciplinas do Curso Ginásial será conferido o Diploma de Bacharel em Ciências e Letras.*

(ÉCHOS, 1913, p.61-65)

Fátima apresenta em sua pesquisa uma tabela de Disciplinas e número de aulas divididas por curso, nos seis anos – diferentemente dos cinco anos apontados pela revista Échos. No entanto, nos Anais encontramos referências que confirmam a existência do “6º ano” (ANAIS, 1968, p.19, 37). De qualquer modo, percebe-se com clareza o cuidado em aumentar gradativamente o número de aulas, tanto na transcrição da Échos quanto da tabela de Fátima:

DISCIPLINAS	Número de Cursos Hebdomadários					
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano
Português	3	3	2	2	0	0
Francês	4	3	2	1	0	1
Geografia	3	3	2	1	0	0
Desenho	3	3	3	2	0	2
Aritmética	4	3	0	0	0	2
Álgebra	0	3	4	4	0	2
Geometria	0	0	4	4	0	2
Trigonometria	0	0	0	4	1	1
Inglês	0	3	3	2	3	2
Alemão	0	0	0	3	3	1
Latim	0	0	2	3	3	2
Grego	0	0	0	3	3	0
Hist. Universal	0	0	0	0	0	3
Hist. do Brasil	0	0	0	0	3	0
Mecânica e Astronomia	0	0	0	0	4	3
Fís. e Química	0	0	0	0	2	5
Hist. Natural	0	0	0	0	2	2
Literatura	0	0	0	0	0	3
Lógica	0	0	0	0	0	3
Total: Horário Hebdomadário	17	18	18	23	24	26

Figura 27: Tabela de disciplinas. Fonte: Menezes (2000)

Salta às vistas o caráter de cultura geral e de saber enciclopédico impressos no programa acima. A importância dada às línguas clássicas e modernas revela a importância dada à comunicação com as demais nações desenvolvidas, mas como que mascara certa dependência ou

mesmo tendência a certo complexo de inferioridade. O fato de a História do Brasil aparecer somente no último ano é um indício de que, nação nova, muito pouco se teria a tratar do que até então tinha acontecido no cenário nacional. Como o Ginásio visava à preparação para os Cursos superiores, tal programa pesado só poderia ser cumprido por escolas que acolhessem os filhos das elites, que podiam pagar os altos custos, além de dispor do tempo necessário para assimilar tanto conteúdo. Uma escola dual, portanto, pois enquanto as classes dirigentes podiam manter algumas poucas com tamanho grau de exigência, as classes populares somente tinham acesso a escolas gratuitas. (Este tema voltará no item 3.11).

Uma iniciativa que, logo no início das atividades em Uberaba, marcou de modo muito positivo a ação educativa marista na cidade foi a “Exposição escolástica” (ANAIS, 1968, p.18a e 19) promovida pelo diretor Ir. Paulino, que incluía trabalhos divididos em várias seções: desenhos, pinturas, cartografia, desenho de proporções, cadernos de matemáticas, de línguas, além de vários desenhos geométricos, perspectiva e caricaturas. Esta atividade mereceu elogios em matéria da Gazeta de Uberaba do dia 23 de dezembro daquele ano de 1905.

Uma outra menção a ser feita refere-se ao estudo das línguas, que também desde o início mereceu admiração por parte dos que participavam dos muitos eventos do Colégio. Com efeito, nas muitas ocasiões em que os alunos tinham contato com o público, seus discursos eram apresentados nas várias línguas por eles estudadas. Assim, dirigiam-se aos seus interlocutores e ouvintes num bom e corretíssimo português, em francês, alemão, inglês e latim (ANAIS, 1968, p.17a, 18, 68, 78 e 78a).

No final do ano de 1911, após contatos com o Governo do Estado, introduziu-se no Ginásio a Cadeira de Agrimensura no 3º Ano do Curso secundário, de acordo com o seguinte programa: 1ª parte, Agrimensura, com 3 horas por semana; 2ª parte, Zootecnia; 3ª parte, Agrimensura. Esta informação, constante dos Anais (1968, p.73a), nos remete à questão do processo avaliativo, sobretudo os constantes exames a que se submetiam os ginásianos.

Segundo a anotação dos Anais (1968, p.85a), que reproduzem o resultado dos exames do 5º ano ginásial e do Curso de Agrimensura, pode-se perceber bem a estrutura curricular proposta naquele ano de 1913. Para o 5º ano havia as seguintes disciplinas: Moral, Literatura, Filosofia, Inglês, Latim, História Universal, Física, Química e História Natural. E os que pretendiam tornar-se agrimensores estudavam Agrimensura, Planimetria, Nivelamento, Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria, Física, Química, História Natural, Português e Francês.

Os que prestavam exames iam pouco a pouco se acostumando com uma pedagogia que aplicava notas e premiava os que obtivessem sucesso (Anais, 1968, p.18, 18a e 20), dando medalhas de prata e colocando-as, através das autoridades presentes, no peito dos que se sobressaíam, ou publicando seus nomes nos jornais locais, como na edição da Gazeta de Uberaba, do dia 30 de dezembro de 1905. Tal modelo incluía a distinção comum entre

“aprovados” e “inabilitados”, sendo que nas listas publicadas somente constavam o nome dos primeiros, apontando apenas o número dos que não haviam conseguido lograr êxito nos exames.

Neste sentido podemos entender o espírito da matéria paga publicada na Gazeta do Triângulo, em “A Pedidos”, por iniciativa do reitor, Ir. José Borges:

*Desejando esta Diretoria promover e fomentar o amor à Agricultura e ao solo pátrio, criou neste estabelecimento uma Escola de Agricultura e uma Escola de Comércio, etc. [...] Anuncia também a reabertura das aulas e fornece os resultados obtidos pelo Ginásio Diocesano desde 1907: Bacharelados: 52 - Admitidos em Medicina 24 - na Engenharia 14 - na Escola de Direito 11 - Escola de Guerra 6 - Esc. de Farmácia 28 - Em Agricultura 8 - Escola de Eletricidade 2 - Em Odontologia 8 - no Professorado Público 3 - na Administração Federal 4 - Peritos Agrimensores 5 - Total 113.*

(ANAIS, 1968, p.86)

Além do sucesso apresentado à população local, regional e mesmo diante das ricas e desenvolvidas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, o reconhecimento do valor do ensino ministrado pelos Maristas em Uberaba teve reconhecimento na culta Bélgica. País de língua francesa, sua Universidade de Louvaina abriu suas portas ao ingresso dos que tivessem terminado seu curso secundário no Diocesano. Os Anais transcrevem um artigo do “Lavoura e Comercio”, sem data, apresentado como um estudo sobre a origem, a organização e o funcionamento daquela célebre Universidade belga. Após falar das conquistas acadêmicas de lá, fruto da seriedade do estudo que propunha, conclui:

*[...] É, portanto, um motivo de justa alegria e de grande honra para esta terra, ver que o Ginásio Diocesano de Uberaba mereceu da Universidade de Louvaina, donde saíram tantos sábios ilustres, a distinção suprema a que pode aspirar um estabelecimento secundário, a de facilitar a seus discentes o caminho dos estudos superiores, assegurando às famílias todas as garantias de seriedade nos estudos, de modicidade nos gastos e de completa formação moral e intelectual.*

*Em Louvaina o estudo é dado em língua francesa, o que não constitui nenhuma dificuldade para os moços educados em nosso (grifo nosso) Ginásio.*

(ANAIS, 1968, p.75)

Pouco a pouco o Ginásio de Uberaba foi sendo visto e considerado como “coisa nossa”. Num sentido mais positivo, vê-se que havia certo orgulho da sociedade em afirmar possuir um estabelecimento educacional de tão elevado nível. Tal consideração, porém, revela sentido de posse sobre uma Instituição que foi fundada prioritariamente para os pobres e órfãos franceses, vítimas da Revolução Francesa. No Brasil, a Escola Marista vem por iniciativa de bispos

católicos e com o investimento das classes dirigentes da nação, que custeavam a implantação e manutenção dessas obras.

Categoria cara a Antonio Viñao (1995), o tempo é elemento imprescindível para uma compreensão mais precisa da cultura e organização escolares. Com efeito, o tempo escolar adquire, pelo modo como é ordenado, o sentido de regulador e catalisador de toda a vida que se desenrola no espaço escolar: todos, direta ou indiretamente ligados ao cotidiano da escola, são tocados pelos "ritmos e tempos escolares" (VIÑAO, 1995, p.72).

Os Irmãos Maristas, que se propunham ensinar crianças e jovens, ordenavam de tal modo o tempo que tudo era previsto. Assim, além do acompanhamento e do controle exercidos sobre os alunos, a importância dada ao ensino religioso formal - leia-se: catequese - no conjunto das diversas disciplinas, indica que era preciso "reservar tempo" para tratar do conhecimento das verdades da fé, da doutrina e da prática das virtudes cristãs.

### **3.7. Um currículo humanista, um ensino confessional: os saberes propostos**

Para Justino Magalhães (1999), Ester Buffa e Paolo Nosella (1996), os saberes, isto é, todo o currículo que circula nas escolas é indicativo do modelo pedagógico adotado, revelando assim as crenças mais sutis do fazer cotidiano em sala de aula.

Quando o Padre Champagnat pensou numa Congregação de "Irmãos Ensinantes", quis unir o exercício pedagógico à missão religiosa, evangelizadora. Foi assim desde as origens. E isso de tal maneira que os Irmãos não fossem somente bons professores ou bons catequistas, mas que soubessem aliar a competência do ensinar as matérias ditas "profanas" ao anúncio de sua fé, visando formar cristãos exemplares e cidadãos virtuosos.

Ao pisarem em solo brasileiro, os Maristas sabiam bem a que vinham e estavam dispostos a usarem todos os seus recursos humanos, religiosos, científicos e técnicos no cumprimento de sua missão educativa. Tinham consciência de que estavam neste país atendendo ao chamado de várias vozes de bispos brasileiros, interessados em marcar suas dioceses com um ensino de qualidade e que, de modo especial, formasse gerações e gerações de homens que pudessem edificar a nação de acordo com os princípios da Igreja. Era, assim, uma forma palpável pela qual o ensino católico poderia firmar-se e afirmar-se como proposta majoritária na formação dos corações e das mentes jovens.

Nos Anais encontramos uma página antológica, capaz de ilustrar qual o sentido que o próprio bispo Dom Eduardo dava ao Ginásio e ao ensino que ali se deveria ministrar, bem como a postura daqueles que o frequentassem. No discurso por ele feito quando foi paraninfo da turma de formandos de 1912:

*Que é o Ginásio? É, meus filhos, a casa de Deus! Salomão disse que a Sabedoria eterna construiu uma casa cujos esteios são a piedade e a ciência; nela ergueu uma cátedra, em que preparou um banquete misterioso para o qual convidou a mocidade. Pois essa casa é o Colégio [...] Sendo o ginásio, como vos disse, o viveiro em que Deus vos colocou, que é preciso para ser-se um bom colegial? Três coisas, meus estudantes. A primeira é que esteja em paz com Deus, em estado de graça, sem pecado na consciência. A segunda, que se tenha verdadeiro amor. A terceira, enfim, que se deixe guiar pelos seus mestres, no que toca à instrução, e pelo seu confessor no que diz respeito à consciência e se lhe obedece cegamente.*

(ANAIS, 1968, p. 75a e 76)

Pode-se perceber, nas palavras de Dom Eduardo, uma "teologização da pedagogia", isto é, todo o processo educacional é visto a partir de uma visão religiosa. A base de toda a estrutura do "Templo Ginásio" seria o próprio ser divino que, em sua sabedoria, a edificou sobre a piedade e a ciência; a piedade, na linguagem mística cristã, é a relação filial que se estabelece entre a pessoa e Deus mesmo - como um pai e seu filho; a ciência é o conhecimento que, de uma "cátedra", a Sabedoria divina serve um "banquete misterioso" para a mocidade. Desta perspectiva religiosa, percebemo-lo pela palestra do bispo, brota também a identidade do "bom colegial": quem está "em paz com Deus" é aquele que não tem "pecado na consciência" - isto conduz como que naturalmente o jovem católico a uma prática da confissão, a fim de obter o necessário perdão junto a um sacerdote, representante de tudo o que a Igreja propõe aos seus fiéis; o "verdadeiro amor" é uma proposta sedutora, num contexto em que, tanto na família quanto na própria escola, a autoridade adulta e a seriedade exigida parecem simples imposição; além disso, o amor (para com todos) conduz a uma atitude essencial ao processo, indicada no terceiro item apontado pelo bispo: o acatamento e obediência à palavra do mestre, quanto ao que se referir à sala de aula, e - agora explicitando o sentido do primeiro conselho dado ao "bom colegial" - confiança total da própria conduta ao confessor.

O Irmão José Borges (ANAIS, 1968, p.58), no início do ano letivo de 1910, terminara sua Carta-circular dizendo confiar que as famílias continuariam a confiar no trabalho desenvolvido pelo Colégio, em vista dos "animadores resultados e dos belos triunfos" alcançados pelos alunos maristas de Uberaba em várias Escolas Superiores. E que os Irmãos sentiam-se animados a "prosseguir na obra importantíssima do preparo físico, intelectual e moral da mocidade".

Nesta linha, o Coronel Ricardo Paranhos, ao fazer seu discurso de Paraninfo da turma concluinte do ano 1911, disse que um povo não necessita somente de instrução, para se impor ao respeito e à admiração dos demais; mas "precisa também da educação que forma o caráter" (ANAIS, 1968, p.72a).

Como expressão do pensamento corrente na sociedade de então, o Jornal Lavoura e Comércio, que se fizera representar pelo seu redator-chefe na festa de conclusão do final de

1913, noticiou o acontecimento, relatou a satisfação de Dom Eduardo em paranimfar os formandos, apresentou votos de "continuação dos triunfos" aos jovens e cumprimentou efusivamente os "proficientes educadores" por terem

*[...] entregueado à família e à sociedade mais um punhado de moços aptos para fazê-las felizes pelos sadios ensinamentos que receberam com a educação religiosa e com a instrução sabiamente dada.*

(ANAIS, 1968, 84 a 85a)

Todas as disciplinas, como todas as atividades propostas, eram em seu conjunto direcionadas para dar uma formação o mais abrangente possível. Desta maneira, não se estranhe que brotasse dos lábios dos sacerdotes que tinham contato com os alunos uma pregação que procurasse apontar para uma conseqüente síntese de toda a relação de ensino e aprendizagem. No dia da inauguração da Capela, 18 de fevereiro de 1911, o frei Jacinto encerrou as festividades com um pronunciamento que chega a ser lapidar, no sentido de percebermos a coerência entre tudo o que era apresentado aos alunos:

*Alunos estudiosos, sede homens de fé, de ciência e de consciência: de fé, pois a fé será para vós o farol deslumbrante que vos há de encaminhar na senda da justiça; de ciência, porque o vosso espírito está ansioso para saber a verdade dos fatos que vos circundam; de consciência, a fim de serdes homens honestos, fiéis cumpridores de vossos deveres para com Deus, a pátria e a sociedade.*

(ANAIS, 1968, p. 62 e 62a)

A partir de uma proposta assim, de que tais "alunos estudiosos" chegassem a ser "homens de fé, de ciência e de consciência", o Colégio Diocesano era estruturado de tal maneira que seu funcionamento cotidiano contribuísse para o alcance de seus objetivos.

Justino Magalhães (1998, p.61), quando tratou da instituição educativa como "complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional", afirmou que os vários elementos que a compõe, bem como os sujeitos nela envolvidos, estão intimamente relacionados, "são projetos arquitetados e desenvolvidos a partir de quadros sócio-culturais".

Os vários discursos veiculados no interior do Colégio Marista Diocesano, também aqueles que aconteciam no silêncio eloqüente dos símbolos e gestos, todos eles apontavam para uma fé a ser compreendida em seus fundamentos e praticada por aqueles que tivessem vontade e caráter bem formados, manifestando exemplar vida virtuosa: "bons cristãos e virtuosos cidadãos".

### 3.7.1. O regime disciplinar: a educação da vontade

Um dos aspectos fortes da pedagogia marista é a formação para a disciplina e ordem pessoais. Os Irmãos, eles próprios formados para seguir uma proposta de consagração religiosa,

desde o início se submetiam ao seguimento de regras (Regulae) bem definidas. Tais regras tinham em vista o bem do indivíduo e da comunidade a que ele pertencesse. Assim educados, os religiosos maristas procederiam na sua ação educativa.

Para conseguir o fim almejado na formação dos jovens ginasianos, era sobretudo na prevenção que os Irmãos dedicavam a maior parte de seu trabalho. A ocupação do tempo era uma forma de os religiosos professores se anteciparem aos problemas que pudessem surgir. Além disso, a importância dada à ordem em todos os momentos da vida escolar estava constantemente presente no Ginásio. De acordo com a Revista Echos, de 1911, o horário era estruturado de tal maneira que toda a vida da criança e do jovem era contemplada: saúde, formação intelectual e religiosa e formação de hábitos, educação para do senso de responsabilidade, enfim, tudo era previsto no quadro apresentado – com antecedência – para o ano de 1912:

*1º - Dias ordinários:*

5:30 hs – Levantar  
 6:15 hs – Oração da manhã, missa, café, recreio  
 7:15 hs – Estudo  
 8:30 hs – Estudo, ginástica e banhos  
 9:30 hs – Almoço e recreio  
 10:30 hs – Entrada às aulas  
 11:30 hs – Segunda aula  
 12:30 hs – Café e recreio  
 12:55 hs – Entrada às aulas – moral ou catecismo  
 13:30 hs – Terceira aula  
 14:25 hs – Intervalo  
 14:35 hs – Quarta aula  
 15:30 hs – Quinta aula  
 16:25 hs – Saída  
 16:30 hs – Jantar e recreio  
 18:00 hs – Estudo  
 19:30 hs – Oração da noite, chá e deitar para os menores  
 19:45 hs – Oração da noite, chá e deitar para os maiores

*2º - Domingos, dias santos e feriados:*

10:00 hs – Almoço e recreio  
 11:00 hs – Aulas de Desenho, Contabilidade e Escrituração  
 Mercantil  
 13:00 hs – Café e recreio  
 13:30 hs – Estudo  
 15:00 hs – Recreio  
 15:30 hs – Terço, bênção do Santíssimo  
 16:00 hs – Jantar

3° - *Quintas-feiras:*

7:00 hs - *Passeio*

10:00 hs - *Almoço*

11:30 hs - *Estudo*

13:00 hs - *Café e recreio*

13:30 hs - *Terço e lição de civilidade*

14:00 hs - *Aula*

15:00 hs - *Intervalo*

15:10 hs - *Aula*

16:10 hs - *Saída*

*Os outros pontos como nos dias ordinários.*

(ÉCHOS... 1911, 1° ano, p.71)

Logo a seguir, a mesma revista apresenta o Regulamento que organizava a vida interna da Escola e indicava como deveriam ser as diversas relações dos alunos, pais e ou responsáveis, bem como dava normas para visitantes e homens de negócio:

*Art. 1° - Os alunos internos não poderão dar nem receber cartas, nem bilhetes, pacotes, volumes, etc, sem a prévia autorização do reitor ou vice-reitor*

*Art. 2° - É absolutamente proibido levar consigo canivetes, facas, navalhas ou armas de fogo de qualquer espécie.*

*Art. 3° - Nenhum aluno deve guardar em seu particular dinheiro ou outros objetos de valor; se receberem alguma quantia para seu uso pessoal, devem deposita-la nas mãos do Irmão Procurador que lhes creditará as despesas que fizerem.*

*Art. 4° - Informa-se aos Srs. Negociantes que o Colégio não atende ao pagamento de objetos que os alunos mandem comprar, se a compra não foi autorizada por uma ordem escrita do Reitor ou Procurador.*

*Art. 5° - Os senhores pais, tutores, parentes ou correspondentes dos alunos internos poderão visitá-los aos domingos das 13 hs às 15:30 hs. Os Srs. que vierem do interior, poderão visitá-los em qualquer dia, fora do tempo das aulas.*

*Art. 6° - Aos alunos internos não é permitida a saída para a cidade senão três vezes no ano e ainda acompanhados pelos pais ou responsáveis, devendo recolher-se ao Colégio na hora determinada.*

*Art. 7° - Previne-se às Exmas. Famílias, que não será atendido nenhum pedido de saída se não estiver de acordo com o Art. 6°, mesmo sendo feito por amigos, conhecidos e parentes.*

*Art. 8° - Tendo o Colégio os serviços de médico e dentista perfeitamente organizados, não se concede licença para fazer consultas fora do estabelecimento.*

*Art. 9° - Até o 3° ano ginasial não há matérias facultativas, isto é, todos os alunos devem acompanhar integralmente todas as cadeiras, não sendo admitido num curso o aluno que não tiver cursado todas as disciplinas do curso precedente.*

*A Diretoria*

(ÉCHOS... 1911, 1° ano, p.72)

O cumprimento de tal regulamento proporcionava todo um clima de ordem no estabelecimento, de tal modo que os alunos mereciam os mais efusivos louvores, nas várias

ocasiões em que se apresentavam em público. Eram os “briosos ginasianos”, “merecedores dos mais entusiásticos aplausos do povo” (ANAIS, 1968, p.63a), que se comportavam com toda “generosidade e ardor para honrar a casa de ensino a que pertenciam”. Toda a estrutura humana, todos os recursos humanos e toda o conjunto arquitetônico do Colégio era pensado e organizado em vista de que tudo ocorresse de acordo com o ideal educativo dos Irmãos e demais educadores. Onde se reúnem adolescentes e jovens, porém...

Desde o começo, havia a permissão para saídas mensais aos domingos. Os Anais (1968, p.43), porém, apontam que “acúmulo de responsabilidades, perigos morais, etc., aconselhavam um arrocho: saída somente à quinta-feira”. Foi esta a nova regra, anunciada a 2 de abril de 1908; e era uma quinta-feira. Sobretudo os alunos maiores rejeitaram a medida sem pestanejar. Aparentemente, tudo corria de forma bem tranqüila. Ao chegar domingo, porém, vários alunos “endomingados” foram até o Diretor, Ir. João Paulino, reclamando para sair para a cidade. Como este respondeu pura e secamente um não, um deles passou a discutir e proferir “insolências”. O Diretor, sem mais, o expulsa do Colégio e ordena que os outros voltem para o pátio. Embora alguns acatassem a palavra, um grupo bem maior pretende resistir e pedir a readmissão do que fora expulso. O Ir. Diretor permanece irredutível, ordenando novamente que voltem para o pátio. Somente alguns “obstinados” permanecem e são levados para uma sala particular; seus pais ou responsáveis são chamados com urgência. Uma verdadeira tempestade! Já sem saber o que fazer, e mesmo sem refletir melhor ou conversar com algum dos seus colegas, o Ir. Diretor pede secretamente a intervenção da polícia. Três soldados bem armados se aproximam com se fossem combater uma revolução, um “motim” – segundo os Anais. Avistados por uma fresta da porta, logo alguém denuncia a presença dos “praças” e os alunos correm em direção à porta, para enfrentá-los. O Ir. Esdras consegue trancar a porta a tempo. Indignados, os jovens dizem que não são criminosos, que se sentiam humilhados e que não havia necessidade de tal intervenção. Enquanto o Ir. Mateus, com muito jeito, tentava acalmá-los dizendo que todos são de boa família, que podem ficar tranqüilos que nenhum soldado poria os pés ali... O que poderia desembocar numa possível tragédia termina com a expulsão de uns “três ou quatro dos mais perigosos.” Fruto da postura intransigente e autoritária do Irmão Diretor, sua maneira de tratar uma ação imatura dos adolescentes revela a dificuldade que ele tinha em dialogar, em tratar com equilíbrio uma situação de conflito. De certa forma, o incidente revela um modo legalista de tratar as questões disciplinares que surgiam; diante de regras claras, propostas verticalmente aos jovens, caberia a estes a obediência.

Semelhante dificuldade enfrentou, alguns anos mais tarde, outro Diretor, o Ir. Mário Amâncio. Reitor no Ginásio em 1916, último ano contemplado na presente pesquisa, Mário Amâncio recebeu um grupo de alunos, os quais pediram-lhe para assistirem a uma apresentação do Circo que estava na cidade naqueles dias. E aquele dia, 15 de agosto, era uma festa religiosa,

dedicada a Nossa Senhora da Abadia, Padroeira de Uberaba. Conforme o costume, várias atividades religiosas aconteciam naquele dia. E os alunos com uma proposta de assistirem a um espetáculo que não tinha nenhuma relação com o que era celebrado. Como o Ir. Mário não consentiu, os alunos “combinaram entre si um ato de insubordinação, resolvendo fugir à noite para assistirem a sessão. Quando voltaram, eis que depararam o Diretor e seus professores aguardando-os, com todas as luzes acesas. Os Irmãos haviam combinado de punir com a expulsão os “principais culpados”, perdendo sob condição os que tivessem se deixado arrastar... Os líderes são descobertos e notificados de sua expulsão. Os demais são enviados ao dormitório. O comentário feito a este acontecimento, no entanto, é revelador: “Tais fatos podem acontecer em qualquer parte; são, porém, bastante acabrunhadores para um Diretor, que vem de iniciar sua gestão.” A ótica com que as ações são vistas é a do adulto; a própria narrativa dos Anais se intitula “Um grande desgosto”.

Proposta excelente a de considerar a educação disciplinar como uma educação da vontade, o que remeteria à noção de autonomia, responsabilidade pelos próprios atos. O limite, entretanto, parece repousar no fato de que a disciplina exigida se resumia no cumprimento de regras exteriores, na aceitação de normas que eram elaboradas e proposta –imposta – de forma unilateral.

### 3.7.1.1. O cotidiano escolar, festas e atividades várias

Viñao Frago (1995) apresenta a cultura escolar como conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização. Tais aspectos referem-se tanto à “história cotidiana do fazer escolar”, incluindo aí as práticas e condutas, os modos de vida, hábitos e ritos”, quanto os objetos materiais, com suas funções e uso, a materialidade física e como se distribuem no espaço, como a simbologia que evocam. Por isso, considerar o cotidiano mais rotineiro do Colégio Diocesano, bem como suas festas e tantas outras atividades, é vigoroso auxílio na compreensão de sua cultura interna.

Conforme dito anteriormente, toda a vida e toda a dinâmica diária da vida escolar no Colégio Diocesano eram previstas, bastando para isto um cumprimento fiel, capaz de gerar um ritmo compassado de todo o planejamento da Instituição. O cotidiano ali vivido era tal que pode muito bem ser assinalado pela forma com que os Anais encerram o ano de 1915:

*Tal é a resenha de nossa vida colegial, pelo ano de 1915. Resumimos pelos termos seguintes: trabalho, ordem, progresso intelectual e moral. (ANAIS, 1968, p.92)*

São estas as palavras que alicerçam todo o fazer cotidiano no Ginásio do Sagrado Coração de Jesus, e podem ser notadas em todos os momentos: da sala de aula à capela, dos passeios aos campos de futebol, das visitas recebidas às festas de formatura e aos atos cívicos.

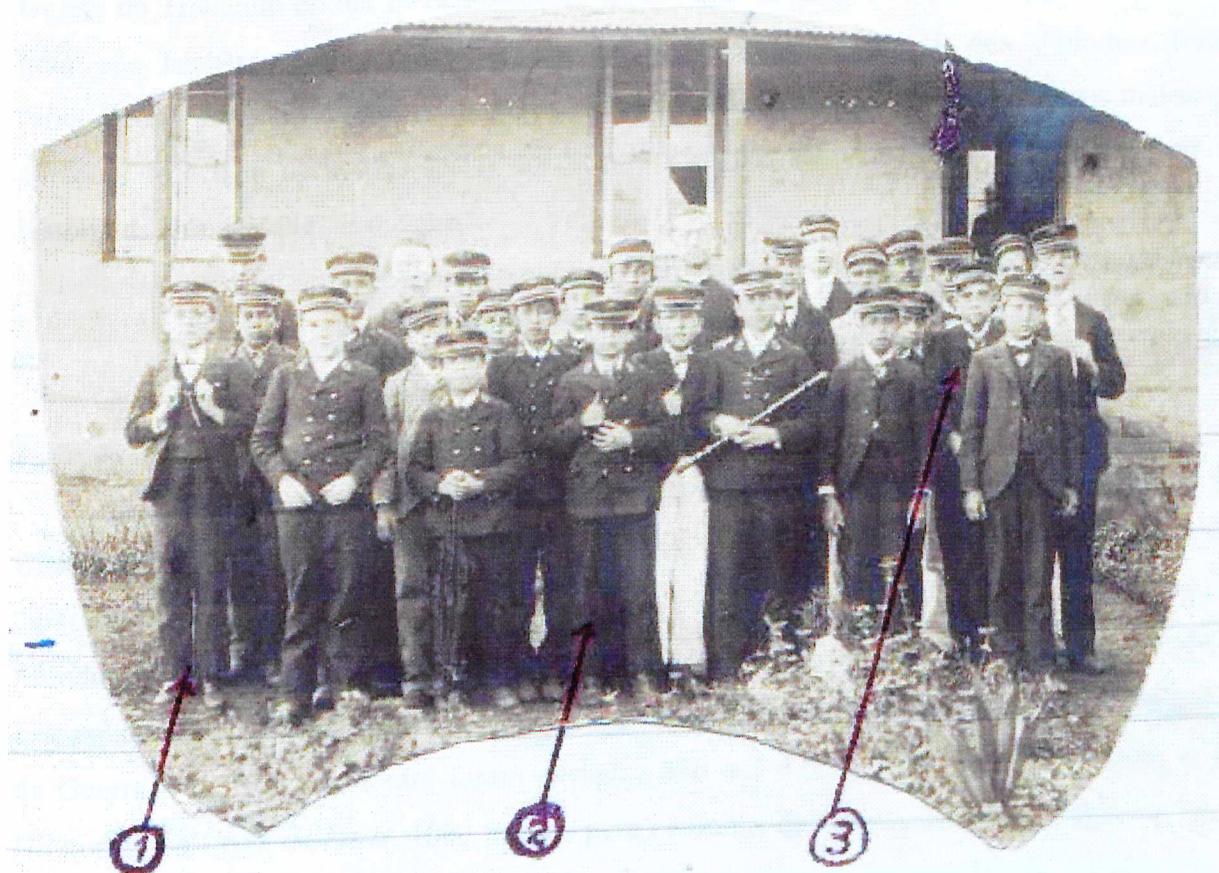


Figura 28: Foto batida na 1ª metade do ano de 1905. Fonte: Anais (1968) Estão presentes alunos de várias turmas, jovens que "virão a ser mais tarde personalidades mais ou menos célebres na vida social da cidade". E aponta alguns deles, e o que viriam a ser: 1-Norberto de Oliveira Ferreira, médico; 2-Artur B. Machado Júnior, "filho de abastado comerciante e chefe político"; 3-Boulangier Pucci, médico e prefeito da cidade.

### 3.7.2. As festas

Reflexo da vida marista, que essencialmente é a vivência de um ideal religioso, cujo "espírito de família" é uma de suas características principais, festejar foi uma constante na vida do Colégio Diocesano de Uberaba. Desde o início, a própria convivência alegre dos Irmãos entre si, com o bispo Dom Eduardo e os Frades Dominicanos, o conviver fraterno os animava a assumir cada vez mais a obra que recebiam na "Princesa do Sertão"<sup>82</sup>. Essa alegria se exteriorizava nas festas que promoviam, todas com o mesmo objetivo: para "honrar e louvar a virtude, recompensar e premiar o trabalho" (ANAIS, 1968, p.70a). Mesmo durante a guerra

<sup>82</sup> Antigo apelido da cidade de Uberaba, dos tempos de seu apogeu.

mundial, quando diante de seus dissabores se desaconselhava qualquer efusão de alegria que viesse a colocá-la no esquecimento, em 1914 a “festa íntima” promovida para a colação de grau se deu numa sobriedade que não deixou de assemelhar-se a uma solenidade. Só não houve, nesses tempos, a costumeira festa em comemoração ao aniversário do Diretor, 9 de setembro. A Gazeta do Triângulo do dia 19 de novembro de 1914, nº 250, diz a respeito daquela colação de grau aos bacharéis e agrimensores que as cerimônias de entrega dos diplomas foram “singulares”, pelo fato de os Irmãos Maristas, “filhos diletos da Europa”, terem “seus maleáveis corações se acham oprimidos (pela) dor e torturados por essa formidável guerra sem par na história da humanidade. E diz que,

*Mesmo despidas das brilhantes pompas costumeiras, o exmo. Irmão José Borges, digno reitor daquele estabelecimento de ensino, não se furtou ao desejo de assegurar às pessoas que gentilmente convidou a testemunhar a colação de grau aos seus educandos, mais de duas horas de agradável passatempo.*

Na cerimônia não faltou a ornamentação, os lugares de honra, a música – orquestra do Cine Triângulo, regida pelo maestro Renato Frateschi, os discursos, muitos aplausos e um “magnífico *lunch*, regado a cerveja e champagne”. No ano seguinte, ainda durante a Guerra Mundial (1915), o dia da Pátria teve a apresentação de um “sarau dramático-cômico-musical” pelos alunos, com cobrança de ingresso em favor dos flagelados da seca do nordeste e dos órfãos da Guerra. Ao Bispo do Ceará foram enviados 350 mil Réis, para as vítimas da seca; e, ao Diretor de *La Croix de Paris*, 1000 francos para os órfãos da Guerra, além de 50 francos “para um auxílio particular”. Normalmente, as festas cívicas, além da Independência, sempre foram comemoradas com muita solenidade: discursos, músicas, teatro, etc. (ANAIS, 1968, p.31, 35a, 48a...)

Aparentemente, a preparação para a festa poderia ser vista como um detalhe a mais. No entanto, podemos perceber, na decoração de um ambiente festivo, muitos elementos que revelam intenções, crenças e representações. Parece falar por si o fato de que, nas paredes do salão em que se realizou a primeira grande festa, por ocasião do regresso de Dom Eduardo de Roma, achavam-se escritos nos quatro ângulos: “Honra e Pátria”; “Ordem e Progresso”; “Labor omnia vincit” e “Viva Uberaba”, mensagens “de alta significação moral e cívica para os alunos.” (ANAIS, 1968, p.8).

Festa bem ao espírito familiar foi promovida em comemoração à entrada do 80º aluno interno, a pedido dos Irmãos e muito a gosto do Diretor, Ir. João Paulino (ANAIS, 1968, p.22). Outros momentos em que a intimidade do Colégio se manifestou podem ser percebidos desde o seu início quando, amantes da música, os Irmãos promoveram uma festa para a estréia da Banda de Música em 10 de junho de 1904 (ANAIS, 1968, p.7a). Um ano mais tarde, em junho de 1906, a mesma banda tocou comemorando a equiparação de Diocesano ao Ginásio Nacional Pedro II, o

que provocou "um grande regozijo popular". Esta Banda tocou em várias outras ocasiões festivas: inaugurações, festas de formatura, etc.

### 3.7.3. Música e Teatro

Elementos da maior importância no processo de formação intelectual e sobretudo moral-religiosa, a música e o teatro sempre acompanharam o dia-a-dia dos ginásios e seus professores. Música instrumental ou canto, banda ou orquestra, coral ou peças para solo, apresentações de drama ou comédia, todos esses recursos educativos eram utilizados em vista de uma formação a mais ampla possível. Tudo tinha a intenção de dirigir as atenções para valores morais ou religiosos, além de proporcionar aos alunos e seus convidados momentos de pura diversão (ANAIS, 1968, p.18, 47, 63a, 64, 69). E era normalmente à tarde que aconteciam os freqüentes "saraus".

Esta cultura dos "soirées", ao entrar em contato com a cultura popular, não a compreendeu e a considerou "esquisita". Um exemplo desta impossibilidade prática está na forma como foi comemorada a data de 13 de maio, data de libertação dos Escravos. Em 1912 aquela data "foi bastante assinalada". O relato é pontilhado de discriminação e menosprezo:

*Além da alvorada pela banda de música "Carlos Gomes", saíram à rua bandos fantasiados de "congos" e "moçambiques", e houve nos estabelecimentos de ensino sessões cívicas. (ANAIS, 1968, p. 77a)*

O relato continua dizendo que no Ginásio Diocesano houve uma "digna comemoração da lei Áurea". Alunos e professores, reunidos no salão nobre, sob a presidência de Monsenhor Inácio Xavier, vigário geral do bispado, que em 1888 contribuiu com seu voto de deputado federal, pelo Estado de Goiás, para o "triunfo da lei do resgate da raça preta". Dois jovens bacharelados se alternaram como oradores e o Mons. Inácio Xavier, usando da palavra, "retraçou rapidamente os benefícios advindos à nação brasileira pelo faustoso acontecimento". Mas o pensamento geral de todos, apesar de aplaudirem os "benefícios à nação", revelava permanecer o que a revista Echos do Diocesano diria, pouco tempo depois, que a visita dos congados era um "préstimo lembrando os mais esquisitos costumes dos negros do Congo Africano" (ÉCHOS... 1914-1915. 4º e 5º ano, p.9; ANAIS, 1968, p.90). Tamanha discriminação, por sua vez, parece afinal fazer eco à atitude dos Irmãos em relação aos negros, quando vieram para o Brasil, em 1897: o narrador da viagem, ao registrar a passagem do navio pela costa africana, em Dacar, onde fazia escala, fez o seguinte comentário sobre a população nativa: "Esta pobre gente é mesmo de uma raça inferior, como se estivesse sob a marca de uma maldição" (VAB, 1916, p.16).

A perspectiva era sempre a de europeus que deveriam, a partir de sua ótica, educar crianças e jovens de "um país novo, onde não imperam as tradições do passado" (ANAIS, 1968, p.68). Mesmo os brasileiros que tinham acesso à educação, era assim que pensavam. A Gazeta de Uberaba, de 8 de dezembro de 1907, nº 3104, fez um elogio aos maristas e aos "jovens líderes" que seriam os primeiros bacharéis em Ciências e Letras do Ginásio Diocesano. No entanto, a forma como o artigo se encerra é uma demonstração de que a educação, além de ser um verdadeiro privilégio para uns poucos, era como que um muro de separação entre "laureados" e "iletrados":

*Recebem investidura que os aparelha para novos prélios, dado que não queiram exercitar a sua atividade ainda no domínio da ciência pesquisando a "carta doutoral", verdadeiro condão mágico em um país como o nosso, onde tudo é aspereza dos iletrados.*

(ANAIS, 1968, p.35a)

#### 3.7.4. Esporte, lazer e saúde

Uma das grandes preocupações dos Irmãos, sobretudo em se tratando de alunos que estavam em regime de internato, era como mantê-los ocupados. Não somente em vista da disciplina, mas também com o objetivo de conservá-los saudáveis. Um simples rumor de doença infecto-contagiosa punha a todos alarmados. Na volta das férias de julho de 1911, entretanto, uma epidemia de varicela<sup>83</sup> assolava a cidade. Um simples caso que surgisse ameaçaria o funcionamento da escola. As providências foram tomadas: professores e alunos foram vacinados, além de recorrerem à proteção de Nossa Senhora do Rosário<sup>84</sup>. Ir. Adorator, referindo-se a este acontecimento, chama-o "Une merveilleusse protection": fala que o colégio recorreu à vacinação, mas atribui a cura à proteção de Maria<sup>85</sup> (VAB, 1916, p.452).

Outra forma de ocupar os alunos, e que marcou a vida de tantos deles e a do próprio estabelecimento foi a prática de esportes, sobretudo o futebol. Os Anais (1968, p.13a) apresentam uma matéria retirada dos artigos publicados no Correio Católico, de autoria de Arnaldo Rosa Prata. O autor, após pesquisa cuidadosa neste assunto de seu interesse, diz que o jogo de futebol foi implantado no Brasil Central pelos Maristas, justamente no Ginásio de Uberaba. No primeiro ano de sua presença na cidade, em setembro de 1903, os Irmãos Luís e Mateus, vindos de França, trouxeram a primeira bola "que apareceu aqui". O esporte que traziam era chamado de "jogo do balão". Logo no ano seguinte, uberabenses que estudavam em Itu e que vieram para o Diocesano trouxeram as primeiras noções certas do futebol inglês. Arnaldo prossegue dizendo que muitas partidas aconteceram, então, entre os alunos do colégio e

<sup>83</sup> Popularmente chamada de "catapora" ou "tatapora".

<sup>84</sup> Devoção dominicana praticada pelo Colégio, possivelmente pela influência dos padres de São Domingos, desde o início bastante ligados aos Maristas.

<sup>85</sup> "On ent recours à la vaccine; mais surtout à N. D. du T. S. Rosaire.

times da cidade. Já no ano de 1905 os ginásianos maristas organizaram uma associação de futebol, a que chamaram de "Clube de futebol". Por diversas vezes os Anais (1968, p.76a, 86a) apresentam comentários sobre partidas de futebol acontecidas no Ginásio, e que atraíram animada multidão. Uma partida de futebol era um evento de grandíssima importância na vida social de Uberaba: discursos, banda de música, cobertura jornalística e sempre um numeroso público. Eis como é apresentada a "Vida Esportiva" pelos Anais:

*Como na antiga Esparta e na culta Atenas, onde os jogos públicos eram consagrados pelos cantos dos poetas, que lhes dedicavam as melhores inspirações de sua lira, assim também em nossa progressista Uberaba foi saudado por aplausos unânimes o início de nossas festas esportivas. Os últimos encontros de nossos footballers foram presenciados por um povo imenso, ávido de assistir a empolgante batalha desses lutadores e adversários amigos, que em pleno campo sentem a brisa agradável acariciar-lhes o peito e o sol benéfico derramar sobre eles torrentes de força e de saúde.*

(ANAIS, 1968, 76a)

Nota-se a constante preocupação de aliar o esporte à cultura, à integração social e à saúde e alegria dos que o praticam.

Outro recurso pedagógico utilizado pelos Irmãos foram os constantes passeios promovidos às fazendas e cidades vizinhas, cinema e piqueniques, sempre com farta comida e bebida. Tais saídas, planejadas e realizadas na maior ordem possível, davam espécie de "ponto de equilíbrio" ao dia-a-dia carregado de seriedade nos estudos e na prática dos deveres religiosos (ANAIS, 1968, p.33a, 62a, 68a, 83).



Figura 29: Passeio a Conquista, Minas Gerais, em 1907. Fonte: Anais (1968) (Outro lugar que contou com a visita dos ginásianos maristas foi Uberabinha, a atual Uberlândia - MG.)

### 3.7.5. A educação religiosa

A Congregação Marista foi fundada para "tornar Jesus Cristo conhecido e amado", de acordo com seu Fundador, o Padre Marcelino Champagnat. A educação religiosa é como que a alma que animaria e daria o sentido de todo o corpo-escola. No cotidiano do Ginásio Diocesano de Uberaba, desde o início de sua fundação este princípio esteve presente. Já no "Contract" celebrado entre Dom Eduardo e Ir. Adorator havia o compromisso de o bispo providenciar um capelão que assistisse às funções religiosas da Escola e, sobretudo, à vida espiritual dos Irmãos. O Pe. Francisco Vaz da Costa assumiu tal função, até 1908, somada ao cargo de Delegado Fiscal junto ao Colégio. Dom Eduardo experimentou oferecer aos Maristas um padre português, "ave de arribação", que não tardou a desaparecer... A função caberia, afinal, aos dominicanos, devido à simpatia que reinava entre as duas comunidades religiosas. O Frei Martinho Bennett foi o responsável direto pela capelania, de 1908 a 1923 (ANAIS, 1968, p.3a, 61a-62).



Figura 30: O capelão Frei Martinho Benett, Dominicano.  
Fonte: Anais (1968)

Era sobretudo através das celebrações e festas dos santos que a vida religiosa do Colégio se firmava, em especial no sentido de apresentar aos jovens alguns modelos de "santidade de vida", o que equivaleria à vivência de valores próprios do "bom cristão e virtuoso cidadão". As principais celebrações, além da Páscoa (ANAIS, 1968, p.62a-63), eram as de Santo Tomás de Aquino (7 de março) e Santo Eduardo (13 de outubro), onomástico do bispo de Uberaba.

Um dos sinais mais distintivos do católico é a preparação para a "Primeira Comunhão". O fato de que tradicionalmente o Batismo seja ministrado a crianças de colo, possivelmente fez com que a catequese e a celebração de Primeira Eucaristia, como também a celebração da Crisma, passaram a ser valorizados como um momento em que o católico, já na "idade da razão", possa aproximar-se de maneira mais livre e autônoma dos atos próprios de sua fé. Assim, no Colégio Diocesano sempre houve celebração festiva e solene da Primeira Comunhão e da Crisma dos alunos ali preparados (ANAIS, 1968, p.79a, 82).

A devoção a Maria é uma das características principais da "vida marista". Com efeito, marista tem exatamente o sentido de pertença a Maria, "de Maria". Assim, todo mês de maio e de outubro<sup>86</sup>, este a partir de 1911, eram marcados por especiais atos de veneração à Mãe de Jesus<sup>87</sup> (ANAIS, 1968, p. 81a 62a 65, 90). Em 1911, muitas orações foram feitas pela saúde do papa Pio X, bastante enfermo. O Colégio recebeu uma bênção especial na ocasião, através de comunicado do Núncio Apostólico dirigido ao capelão :

*Fui encarregado pelo Cardeal Secretário de Estado de Sua Santidade, de dizer-vos que o Augusto Pontífice vos concede a Bênção Apostólica, assim como àqueles que rezaram o terço no Colégio, para o restabelecimento de Sua Santidade.*

(ANAIS, 1968, p. 73)

Os Irmãos Maristas têm por preceito de suas Constituições a realização de um Retiro anual, ocasião em que muitas vezes acontecem emissão de votos religiosos, celebrações de aniversário de "Profissão Religiosa" (ANAIS, 1968, p.5a). O primeiro retiro em Uberaba se deu de 29 de dezembro de 1903 a 5 de janeiro de 1904, pregado por Frei Gabriel, superior dos Padres Dominicanos, na capela episcopal. Ao final houve a profissão religiosa de "três excelentes Irmãos: Exuperância, Mario Amâncio<sup>88</sup> e Mário Esdras".

Como uma das atividades a marcar a formação religiosa dos alunos, os Irmãos propunham a realização de retiros anuais (ANAIS, 1968, p.62a, 79a, 82, 87), praticamente todos pregados pelos capelães ou outros sacerdotes convidados. Normalmente nenhum deles assumia a pregação desses exercícios religiosos, talvez pela proximidade dos alunos, aos quais tinham que ser uma referência de cunho mais acadêmico e de caráter mais disciplinar. Através de cartas enviadas aos alunos, os Irmãos procuravam garantir a presença dos alunos nestes eventos, cujo objetivo era oferecer ao aluno uma experiência de retirar-se e reforçar em seu espírito a fé católica e o seguimento mais fiel dos preceitos de sua religião. A seguir apresentamos o convite feito pelo Irmão José Borges em 1914:

<sup>86</sup> Devido sobretudo à festa de Nossa Senhora do Rosário, no dia 1º do mês.  
<sup>87</sup> Um dos mais tradicionais lemas maristas é, justamente, "ir a Jesus por Maria". Ao que em algumas partes se acrescentou, "ir a Maria para Jesus".  
<sup>88</sup> Ir. Mário Amâncio se tornará o Diretor do Colégio em 1916.

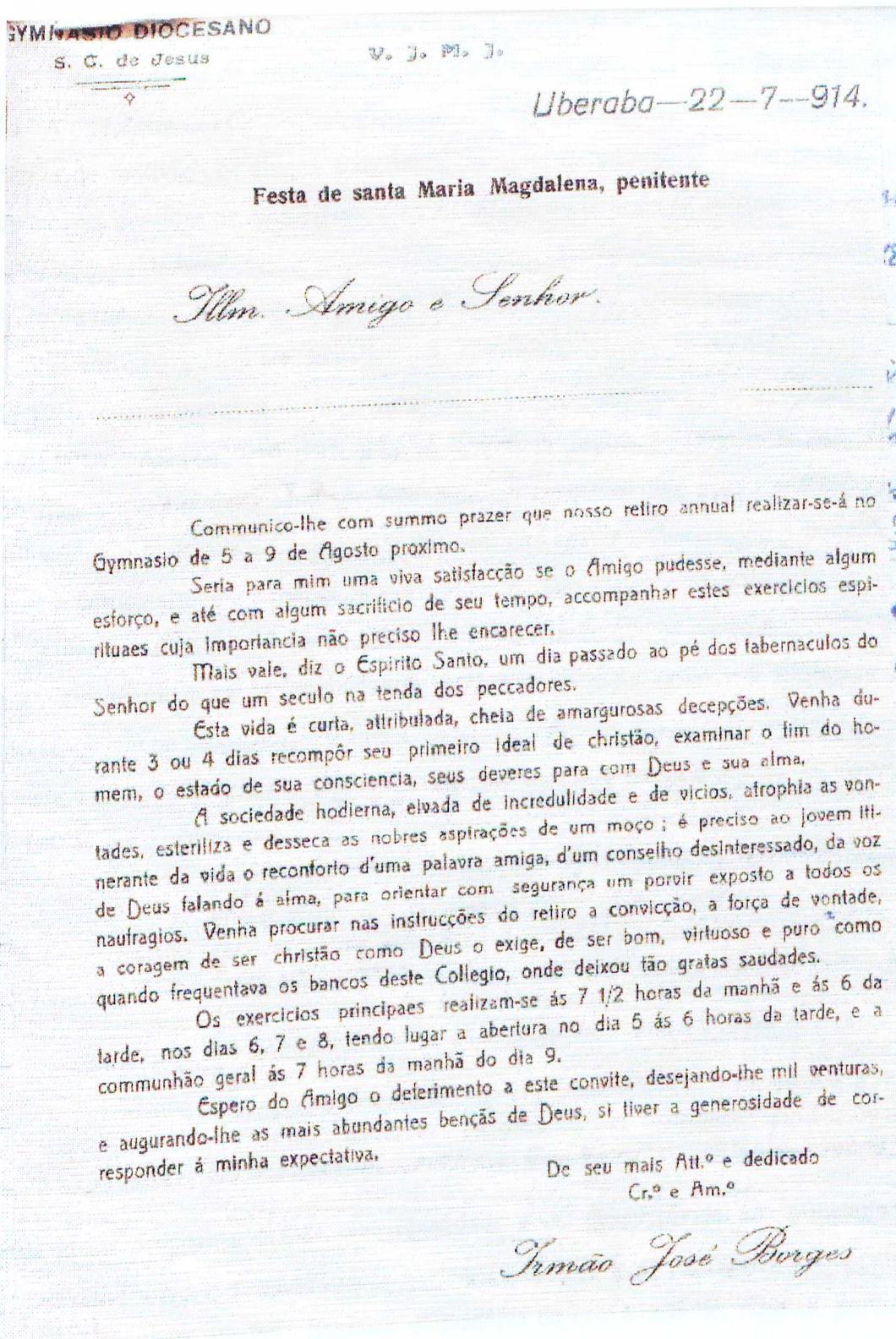


Figura 31: Convite para o Retiro de 1914, assinado pelo Ir. José Borges. Fonte: Anais (1968)

O "conselho desinteressado" que os Irmãos pretendiam oferecer aos seus ex-alunos nesses retiros anuais, certamente em consonância com a crítica feita à "sociedade hodierna", era uma maneira de reforçarem uma espiritualidade que fazia contraponto ao que o "mundo" oferecia. Um sinal de que, diante dos atrativos do mundo, o cristão deveria resistir com bravura seria a "coincidência" do convite feito e a data de sua assinatura: Festa de Santa Maria Madalena,

Penitente. Ou seja, o modelo proposto seria o da penitência pelas quedas cometidas por se permitir uma "atrofia das vontades", geradora de uma "esterilização" das "nobres aspirações de um moço". Estamos diante de uma religiosidade que procura preservar o fiel diante dos perigos do mundo. A referência aos tempos em que o aluno freqüentava os bancos do Colégio era uma forma afetiva de motivar os alunos a terem "a coragem de ser cristão como Deus o quer". Sobretudo nessas ocasiões se explicitava a razão última da pedagogia marista: "formar bons cristãos e virtuosos cidadãos".

Fruto do trabalho desenvolvido pelos Irmãos e, certamente, pelos frades dominicanos, os alunos resolveram criar a "Milícia Angélica". A data oficial de criação do movimento é 7 de agosto de 1910, com a presença de Dom Eduardo, Frei Martinho (assessor espiritual) e do Ir. Borges (MILÍCIA... Atas de 1910-1916, p.1). A Milícia se inspirava na figura de Santo Tomás de Aquino, dominicano, que era admirado sobretudo por ter conseguido aliar a profundidade da reflexão filosófica e teológica a uma prática das virtudes cristãs, sobressaindo a humildade, a simplicidade e particularmente a defesa da verdade da fé. Tais ideais atraíam os ginásianos, que criaram toda uma estrutura para fazer da Milícia um movimento que os conduziria a uma eficaz ação cristã. De acordo com os Anais (1968, p.73a), a principal razão e a finalidade deste movimento repousam na necessidade de que a "mocidade educada nos colégios católicos precisa ser preservada e imunizada contra a depravação de costumes que assola e devasta os mais belos anos de vida". E que é preciso que a vida

*[...] seja dirigida para um ideal de inocência, de beleza e de virtude que a afaste das grosseiras realidades. Para conseguir este fim, eminentemente educativo e cristão, se fundou neste Colégio um grupo de jovens decididos a empenhar todas as suas forças e todas as suas energias na luta contra o mal. Este grupo escolheu como padroeiro o Angélico Doutor Santo Tomás de Aquino, a mais bela figura de sábio e de santo que ilustrou os séculos da idade média. A agremiação dos moços tem por lema: Ciência e Piedade, e é regida por uma diretoria obedecendo a estatutos cuidadosamente elaborados e apropriados ao fim almejado. (ANAIS, 1968, p.73a)*

Pelos ideais propostos, e toda uma identidade a ser desenvolvida no "miliciano", os jovens procuravam fortalecer-se mutuamente na decisão de tudo fazer para que a sua fé católica fosse defendida com todo orgulho. Segundo as palavras de Frei Martinho, trata-se, porém, de um "orgulho sacrossanto", "não aquele orgulho baixo, vil e desprezível", próprio do egoísta. O frade propõe, então, que o miliciano deve orgulhar-se de ser verdadeiramente cristão, por ter uma causa grande, nobre, generosa:

*Como o médico e o sacerdote também o Miliciano tem motivos sobejos de se orgulhar, de se ufanar de pertencer à Milícia Angélica. Se um soldado se orgulha de estar sob as ordens de um bravo general, herói de mil batalhas, como um Miliciano que tem por general e, muito mais do que isso, por um sábio e um santo ao*

*mesmo tempo, a direção de seu destino não há de se orgulhar?  
Como que um Miliciano, soldado de Cristo, soldado de um Deus de  
paz, de amor e de justiça, não há de se orgulhar.*

(MILÍCIA... Relatório da última conferência do Revmo. Frei  
Martinho, 10 de maio de 1914 e )

A força dessas palavras, fruto do ardor e convicção com eram ditas, produziam nos jovens ginasianos uma vontade firme de manter-se naquele ideal. O Livro de Atas da Milícia Angélica está freqüentemente marcado pelas alocações dos próprios membros do movimento, todos inspirando-se em maior ou menor grau no que lhes dizia o Religioso dominicano. Desta maneira novatos eram muito bem acolhidos, como também os que relaxavam na freqüência tinham seus nomes anotados com um "procedeu-se `a chamada dos senhores membros, verificando unicamente a ausência do senhor..." (MILÍCIA... 23 de agosto de 1914). Era o rigor e seriedade marista impregnando a prática dos jovens ginasianos.

### 3.7.6. Relação do Colégio com a Igreja e a Sociedade

Justino Magalhães apresenta a contextualização (sd., 1995, p.55) como fundamental para se compreender a existência histórica de uma instituição educativa, inserida no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região.

Dom Eduardo, aquele que primeiro se lançou com redobrado interesse em trazer religiosos franceses para sua diocese, era presença constante na vida do Colégio; ele era obra sua. Por isso, havia o reconhecimento carinhoso e explícito por parte dos alunos, professores e funcionários do Diocesano. Estes, nas várias festas que promoviam em honra de Santo Eduardo a cada 13 de outubro, na verdade queriam demonstrar "ao amado Prelado desta Diocese quanto é querido pelos seus jovens alunos", e quanto podia contar "com o amor filial de seus diocesanos."

As relações com Dom Eduardo se estreitaram mais e mais, sobretudo quando ele passou a ser, por decreto papal, bispo de Uberaba, nova diocese, desmembrada de Goiás. Os Anais trouxeram a seguinte notícia, veiculada pela Gazeta de Uberaba, do dia 01 de fevereiro de 1907:

#### DIOCESE DE UBERABA

*O nosso colega O Município recebeu ontem em despacho de Petrópolis, dando notícia de ter sido desmembrado o território do Triângulo Mineiro do bispado de Goiás, formando-se a nova diocese de Uberaba e nomeado para esta o respeitável e estimado prelado Ex.mo. Sr. Dom Eduardo Duarte Silva e da de Goiás, Sua excia. Revdma. Monsenhor Silva, atual reitor do Caraça.*

(ANAIS, 1968, 28a e 29)

Noticiando a posse do bispado de Uberaba (ANAIS, 1968, p.47a), ocorrida dois dias antes, na Igreja de São Domingos, a Gazeta de Uberaba do dia 26 de maio de 1908 noticia o

acontecimento e relaciona todos aqueles e aquelas que fizeram pronunciamento e entrega de presentes ao bispo, na festa acontecida no palácio episcopal: Mariquinha Magalhães, Marinha do Egito, Esterlindo Bernardes, os Padres Dominicanos e, pelo Ginásio, Melchiades de Vilhena. Além disso, a própria comissão encarregada dos festejos ofereceu ao bispado de Uberaba “uma rica cadeira”<sup>89</sup>.

Com o restante da sociedade, o Colégio Diocesano mantinha boas relações, participando intensamente da vida social Uberabense. Os Anais (1968, p. 19a) transcrevem a notícia da Inauguração da luz elétrica na cidade, no dia 30 de dezembro de 1905, veiculada pela Gazeta de Uberaba como um dos fatos “mais notáveis da História de nossa terra” e, digno de nota, realizado “tão somente com capitais locais”. E, quanto ao Ginásio, este participava da satisfação geral... “Foi um delírio!..”

Por ocasião das festas da exposição de gado, realizadas a cada ano, normalmente os ginásianos se faziam presentes, acompanhados de seus professores. No dia 3 de maio de 1911 (ANAIS, 1968, p.63a-64a), Uberaba quis celebrar com maior solenidade o centenário da criação de seu Distrito, “por uma festa que fosse também a exibição de sua riqueza, uma exposição agropecuária-industrial. Naquele ano haveria a presença especial do Coronel Júlio Bueno Brandão, Presidente do Estado de Minas, e coube ao Diocesano oferecer-lhe “uma condigna recepção.” Após uma série de apresentações de ginástica e exercícios militares, os alunos foram calorosamente aplaudidos. Impressionado, Júlio Bueno transmitiu ao Ministro da Guerra, General Dantas Barreto, um ofício muito elogioso aos ginásianos e ao seu Instrutor Militar, o professor Pedro Cavalcante. E o general, por sua vez, enviou nota de felicitações ao Colégio pelo excelente resultado do Curso de Instrução Militar que ali se realizava. No dia seguinte à exposição, o Colégio teve a honra de receber o Presidente do Estado em suas dependências, por iniciativa dele próprio. E lá, muito impressionado com o que presenciou, prometeu a aprovação de uma cadeira de agricultura no Ginásio. No ano seguinte, 1912, o Governo do Estado aprovou a criação do Curso de Agrimensura no Diocesano.

O Ginásio do Sagrado Coração, integrado à vida sócio-religiosa de Uberaba, foi pólo de convergência de muitos acontecimentos que afetassem tanto o dia a dia da sociedade local quanto os projetos e planos da Diocese. Como espaço social, polarizava as atenções dos pais e avós dos alunos que ali estudavam e que, no futuro, após formados, ocupariam cargos e funções de comando. E como espaço eclesial, a Escola deveria representar a voz, as intenções e ideário formativo da Igreja Católica.

<sup>89</sup> É da Cátedra que o bispo, assentado, dirige sua palavra de “pastor” ao seu “rebanho”. Os principais pronunciamentos episcopais são tradicionalmente chamados “ex cathedra” e, de uso mais técnico, são assim denominadas as definições dogmáticas emanadas do Papa, Bispo de Roma e de todos os fiéis católicos.

### 3.8. As visitas feitas ao Ginásio

Por diversas ocasiões, sendo o Ginásio um pólo de irradiação de cultura e ponto de convergência dos olhares da sociedade toda de Uberaba e região, ele foi visitado pelas mais diversas personalidades civis, religiosas e militares, autoridades constituídas e gente do povo, com as mais diferentes motivações. Passamos a elencar algumas, registradas pelos Anais:

- Ir. Augustalis, Assistente, Delegado do Superior Geral, Ir. Teofânio - de 3 a 7 de março de 1905 (p.11a);
- Ir. Adorator, Visitador e depois Provincial dos Maristas do Brasil Central - desde o início e em várias ocasiões da vida do Colégio (p.26, 60);
- Bispos, padres e religiosos, constantemente, para diversas finalidades: celebrações, pregação de retiros, palestras, etc. (p.5a, 10a, 48a, 49, 63a-65a, 69a);
- Políticos, como o Presidente do Estado de Minas Gerais, Júlio Bueno Brandão (p.63a); o Ministro Plenipotenciário, Charles Wiener, e do Conde de Faily; e o "Conde da Áustria" (p.35a); Cel. Paul Balagny, Tenente Coronel Gatelet, oficiais franceses, acompanhados do Dr. Paul Maugé e do Cap. Corislano de Almeida (p.66);
- Professoras e alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores, das Irmãs Dominicanas de Uberaba (p.31a);
- "Pessoas gradas", como o maestro Renato Frateschi, que por diversas vezes foi ao Colégio ou manteve contato com os Irmãos e os alunos (p.30, 87a)

Essas visitas e tantas outras, a maioria anônima, representavam "a elite", "assistência de escol" (p.71a), "nossa melhor sociedade" (p.82), "tudo quanto Uberaba tem de mais elevado" (p.80).

Algumas visitas aconteceram de modo a ressaltar dois aspetos importantíssimos da Escola: os Delegados Fiscais, pelo caráter de legalidade e aprovação do ensino ali ministrado, e os Paraninfos, que abrilhantavam as festas de formatura e confirmavam o ideário educativo ali praticado.

#### 3.8.1. Os Delegados Fiscais

Tão logo os Irmãos se estabeleceram em Uberaba, trataram logo de conseguir a equiparação ao Ginásio Nacional Pedro II, condição para que pudesse funcionar legalmente. O primeiro passo para tal foi conseguirem a nomeação de um Inspetor ou Delegado Fiscal do Governo. A função dos delegados fiscais era a de, através de visitas semanais, fiscalizar a aplicação do programa oficial de ensino, dos exames de admissão aos cursos superiores e de 2ª

época; deveriam assistir a algumas aulas, a fim de poderem verificar a competência e idoneidade dos professores, da ordem e disciplina dos alunos, das dependências, bem como as condições de higiene e saúde; deveriam reparar se tudo corria na devida regularidade, se não havia nada contra as prescrições regulamentares. No Livro de Visitas do Snr. Delegado Fiscal do Governo encontramos a seguinte lista de "Inspetores fiscais", todos registrando suas "impressões":

- Padre Francisco Vaz da Costa: 01 de maio de 1904 a 21 de abril de 1908;
- Lauro de Oliveira Borges: 04 de junho de 1908 a 07 de maio de 1909 e 25 de junho de 1910 a 14 de março de 1911;
- Estevam Pucci Junior: 02 de junho de 1909 a 17 de junho de 1910;
- Felício Buarque: 25 de outubro de 1909 a 17 de junho de 1910;
- E Alberto da Costa Mattos: 14 de maio de 1912.

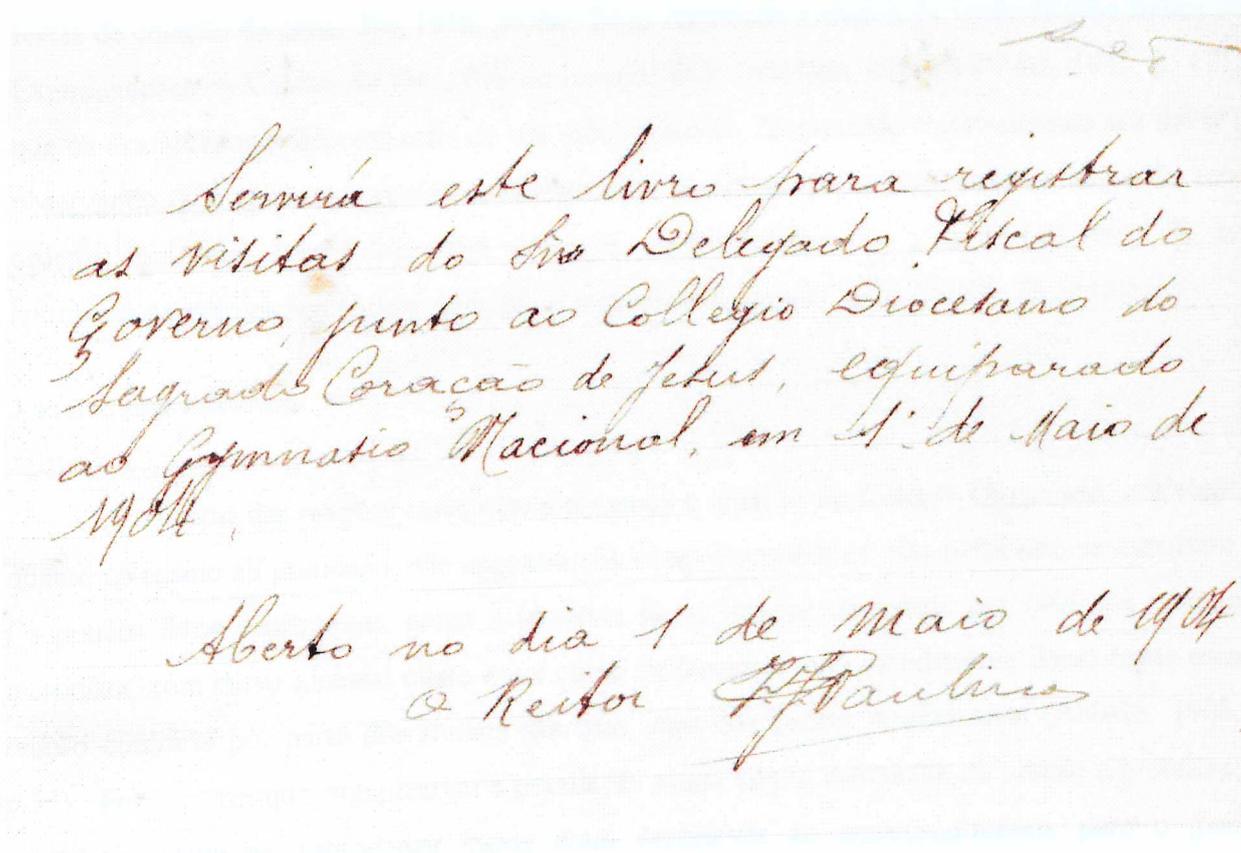


Figura 32: Termo de abertura do Livro de Visitas dos Delegados Fiscais.  
Fonte: Livro de Visita dos Inspetores

### 3.8.2. Os Paraninfos

Visitantes que marcaram a vida do Ginásio e abrilhantaram as festas de formatura foram os Paraninfos, que atraíram a atenção de toda a sociedade Uberabense e da região. Eram convidados de honra dos alunos, e suas palestras eram aguardadas com ansiedade por todos. Além de revelarem o alto grau de cultura e consonância com a proposta educativa católica, esses

homens vinham afirmar com sua presença e pronunciamentos o quanto o ensino ministrado pelos Irmãos Maristas no Ginásio Diocesano estava de acordo com o que havia de melhor em termos de ciência e adiantamento cultural no país, e mesmo para mostrar que ali não devia nada às grandes nações civilizadas. Os Anais registram várias personalidades que (ANAIS, 1968, p.37a,50a,56,58a-60,69a,80a,85) se fizeram presentes nas celebradas refeições de grau do Ginásio Diocesano: Dr. Afonso Celso Júnior, Conde (1907); Dom Eduardo Duarte da Silva, bispo, substituindo ao Dr. Brazílio Machado, que adoecera (1908); Dr. Joaquim Cândido da Costa Sena (1909); Dr. Barão Brazílio Machado (1910); Cel. Ricardo Paranhos (1911); Dr. Lúcio José dos Santos (1912) e Dom Eduardo Duarte da Silva, bispo de Uberaba. Em 1914 não houve uma solenidade como nos anos precedentes, "devido às anormalidades dos tempos atuais" (ANAIS, 1968, p.88), motivo pelo qual houve apenas uma "testemunha de honra", o Dr. Epaminondas Bandeira de Melo, juiz de direito da comarca. Em 1915 e 1916 não aconteceram festas de refeição de grau. Em 1916, porém, ficou registrada a alegria da vinda de uma Banca de Examinadores da Capital do País, Rio de Janeiro. O Ir. Adorator informa (VAB, 1916, p. 471) que os examinadores ficaram mais de um mês na escola, "cumprindo rigorosamente seu dever", observando com cuidado especial cada aspecto já registrado pelos Inspetores ao longo do ano: ordem, disciplina, competência dos docentes, conformidade com a legislação, etc. E, ao aplicarem os exames nos alunos, grande foi o sucesso alcançado: mais de 90% de aprovação.

### 3.9. Reações adversas

A respeito das reações contrárias à presença e atuação do Colégio Diocesano, sobretudo quanto ao ensino ali praticado, não encontramos vozes discordantes: elas praticamente inexistem. Os poucos fatos conflitantes, como a tentativa de se instalar na cidade em 1909 um colégio metodista, com curso ginásial misto e um curso de farmácia, não mobilizaram diretamente uma reação contrária por parte dos Irmãos Maristas, mas dos padres dominicanos (ANAIS, 1968, p.55). Foram estes que organizaram a população numa ampla campanha de oração e protestos, ao saberem que as autoridades locais eram favoráveis ao empreendimento, para o qual ofereceriam 300 Contos de Réis, terrenos e isenção de impostos. Os próprios Metodistas, diante de tal movimentação, resolveram abandonar o projeto. Tal fato, porém, é relatado por Ir. Adorator como "une menace" (VAB, 1916, p.443 e 444) que, após uma verdadeira marcha de procissões e reza do Rosário – devoção dominicana – "la victoire resta aux catholiques".

A partir do casamento do ex-padre Vaz, em maio de 1908 (ANAIS, 1968, p. 43a), alguns poucos cidadãos de Uberaba se aglutinaram em torno do fato ocorrido, em especial devido à reação dos alunos e professores do Colégio em não aceitarem lá a presença daquele que tanto frequentou o estabelecimento como fiscal do governo. Os Anais falam que neste período houve

“certo estremecimento, para não dizer-se antipatia e inimizade entre a Gazeta e o Ginásio Diocesano e a Religião em Geral...” E menciona as “guerras de religião” que

*[...] se concretizaram e culminaram nos insultos e desaforos da intitulada imprensa livre – Gazeta de Uberaba, Lavoura e Comércio – de um lado, e a defesa católica do outro – Correio Católico, O Paladino e outros periódicos de menor porte.*

*Infelizmente elementos como J. Aureliano, Manoel Felipe e poucos mais, acirrados inimigos da Igreja, achavam grande prazer em atear o fogo, tentando desmoralizar o clero, particularmente os Dominicanos, nesse tempo responsáveis pelo Correio Católico; sobrando, também, uma beirinha para os Maristas, amigos e solidários que eram para com os mesmos Dominicanos.*

*O “affaire” Pe. Vaz não desaparecendo ainda também.*

*Mas... o tempo tudo vai sanar!* (ANAIS, 1968, p.54a e 55)

Durante um bom período, a Gazeta nada publicou do que acontecia no Ginásio (ANAIS, 1968, p.53–54a, 55, 58a e 68), limitando-se às poucas matérias e às notas “A Pedidos”, o que se pode perceber nos comentários que são feitos: “Gazeta de Uberaba – sábado – 11 de setembro de 1909 – nº 3648. Até hoje, nenhuma notícia do Diocesano, nem o 7 de setembro!” No entanto, a vinda do Barão Brazílio Machado a Uberaba, a fim de paraninfar a turma de Bacharéis de 1910, não poderia ficar ignorada por ninguém. Assim, os jornais da cidade anunciaram tal evento com entusiasmo e lançaram um apelo, na véspera de sua chegada, que serviu como um marco para a superação definitiva dos problemas havidos até então:

*Uberabenses, sejam quais forem vossas opiniões políticas e religiosas, amanhã, pela tarde, devemos todos estar na estação da Mogiana para receber com as honras que ele bem merece – o Barão Brazílio Machado!* (ANAIS, 1968, p. 58a)

Desde aquela data, sobretudo a Gazeta de Uberaba e o Lavoura e Comércio passaram a dar importância a todos os eventos promovidos pelo Ginásio (ANAIS, 1968, p.68, 68a, 76, 77, 77a, 79a, 80...), expressando desta forma que não tinham intenção de prosseguir no embate com o Colégio ou a Igreja local. De acordo com os Anais (1968, p.54a) venceu, mesmo, aquela atitude de crer que “Com o correr dos dias e dos meses, as iras vão se amainando...”

### 3.10. Externato Nossa Senhora de Lourdes: uma escola para os “deserdados da fortuna”

Estabelecidos em Uberaba e em várias partes do Brasil, os Irmãos Maristas começaram a dar uma resposta concreta ao problema educacional brasileiro. Tinham notado, desde o início, que a educação não era uma prioridade, no sentido de alcançar a todos os cidadãos. Já haviam acolhido “alunos gratuitos” no Diocesano, tendo portanto a experiência de educarem também a crianças e jovens desprovidos de recursos financeiros<sup>90</sup>.

<sup>90</sup> Cf. Livro de Matrículas de 1905 a 1930.

Da França, o Superior Geral, Irmão Teofânio (Théofane) Durant, manifestou seu desejo de instalar escolas gratuitas no Brasil. Segundo o Ir. Adorator (VAB, 1916, p.444) era uma "obra de caridade" (*une belle oeuvre de charité; une bonne oeuvre*). E era um "meio generoso" de exprimir o reconhecimento da Congregação pela acolhida simpática que tiveram no país<sup>91</sup>. Era no início de 1909. Tão logo recebera a orientação dada, o reitor Ir. João Paulino publica na seção "A Pedidos" da Gazeta de Uberaba do dia 18 de fevereiro - com atraso aviso datado de 30 de janeiro:

*Escola gratuita dos Maristas.*

*No dia 15 de fevereiro funcionará um escola gratuita para os pobres, com 2 professores maristas.*

*Rua Municipal, nº 30, esquina da rua das Mercês.*

*As aulas serão das 10 e 1/2 às 4 da tarde, todos os dias.*

*O aluno que mais se distinguir ganhará um lugar gratuito no Ginásio, até bacharelar-se.*

*Irmão Paulino.*

O início das aulas no "Externato Nossa Senhora de Lourdes" se deu no mesmo dia que tradicionalmente começavam as aulas no Ginásio Diocesano, 15 de fevereiro. O nome escolhido para a escola, homenageando a Nossa Senhora de Lourdes, fazia referência à devoção nacional do povo francês.

Para dirigir o Externato foi nomeado o Ir. Luiz Rumond, sob cuja responsabilidade assumiu com um outro Irmão o cuidado de duas classes de alunos, com "quase oitenta" alunos.



Figura 33: Ir. Luiz Rumond, diretor do Externato Nossa Senhora de Lourdes.  
Fonte: Anais (1968)

<sup>91</sup> C'est aussi un moyen généreux d'exprimer notre reconnaissance à la nation qui nous a reçus avec sympathie.

Os Anais não oferecem nenhuma foto que registre os alunos dessa escola, nem fazem menção explícita a qualquer um deles que tenha merecido o "lugar gratuito no Ginásio, até bacharelar-se".

Relatando os acontecimentos de 1912, os Anais referem-se ao Externato como um benefício aos pobres que, a depender das possibilidades financeiras, deveria continuar a existir:

*A fim de que os deserdados da fortuna não fossem privados do alimento ao mesmo tempo espiritual e intelectual que é a vida da alma, da inteligência, do coração, e o sustento da vida hodierna, não trepidou a Congregação dos Irmãos Maristas, apesar dos enormes custos necessitados pela manutenção do seu Noviciado e Escola Normal em Mendes, em abrir nesta Uberaba mais um externato gratuito, a exemplo do que fez no Rio de Janeiro e alhures, e nos três anos em que funcionou esta escola, ela proporcionou à classe pobre em geral imensos benefícios. Continuará a funcionar, enquanto nô-lo permitam nossos poucos recursos.*

(ANAIS, 1968, p.73a)

Em observação feita à mesma página, os Anais informam que o Externato permaneceu aberto até 1930. Os "deserdados da fortuna", a considerar por média os alunos mantidos em 1909, poderiam somar cerca de 700 nos 21 anos de existência da escola. Aliás, esta expressão, mais que referir-se a uma questão financeira, aponta a pobreza como fruto de um abandono da sorte (a mitológica figura da "fortuna" grega). Os Anais fazem uma única referência explícita ao contato dos alunos do Ginásio Diocesano e os do Externato Nossa Senhora de Lourdes (ANAIS, 1968, p.83). Em 13 de outubro de 1913, por ocasião da festa de Santo Eduardo, dia do aniversário do bispo, professores e alunos do Diocesano se uniram às inúmeras manifestações que de toda parte testemunharam ao venerando Bispo a afeição filial de seus diocesanos, diante do vasto e magnífico pátio da fachada do palácio episcopal. E dois ginasianos maristas tomaram a palavra, fazendo-se intérpretes de seus colegas. Quanto ao Externato, é dito que "também apresentava suas homenagens ao amado Pastor". Nenhuma palavra relacionada ao conteúdo de tais homenagens, os alunos do Externato permaneceram mudos na história da educação marista em Uberaba.

### 3.11. – Considerações Parciais

O Colégio do Sagrado Coração de Jesus, ou Ginásio Diocesano, foi uma iniciativa do bispo de Uberaba, Dom Eduardo Duarte e Silva que, após insistentes pedidos, conseguiu que os Irmãos Maristas o assumissem no início de 1903. O Contrato assinado entre o bispo e Ir. Adorátor, Visitador do Instituto, indica que os Religiosos educadores não viriam para Uberaba senão com as garantias mínimas de estabilidade material, acompanhamento de um capelão e a liberdade de aplicação dos próprios métodos de ensino. Indica também que, sobretudo por seu

ensino de caráter confessional, os Maristas asseguravam e manifestavam explicitamente sua identidade.

Tão logo receberam a escola, os Irmãos trataram de buscar o reconhecimento oficial junto ao governo, o que foi conseguido pela nomeação de um delegado fiscal. Isto apontava para a sociedade o nível de importância que o Instituto atribuía às leis brasileiras de educação, além de ser um sinal de que os pais poderiam ficar seguros em confiar a educação de seus filhos a seus membros.

Entremado a muitas festas e comemorações, em especial as de caráter religioso, o Colégio Diocesano de Uberaba procurou desde o início conciliar o ensino das diversas disciplinas “profanas” a uma formação ético-religiosa católica. O que poderíamos chamar de “teologização da pedagogia”, pois que todo o ambiente, mais que a simples grade de matérias a cursar, era marcado pelo ideário de uma escola que fosse “da Igreja”, isto é, um lugar em que a fé católica fosse como que o alicerce a sustentar todo o edifício.

A vida cotidiana dos alunos e seus professores, toda ela prevista, toda hora, o dia todo e todos os dias, dava certo ritmo e rotina que garantiam um controle sobre tudo o que se fazia e pensava. Esta supervalorização da disciplina e da ordem sempre esteve presente, de modo que tornou-se como que marca registrada daquela instituição educativa, ponto de honra e referência da seriedade do trabalho ali realizado. E este trabalho não passou despercebido à sociedade em geral: foi praticamente unânime o reconhecimento de que naquele “Ginásio Municipal do Sagrado Coração de Jesus” se preparava bem os jovens para o enfrentamento dos exames para prosseguirem no ensino superior e na vida profissional. A publicação dos “aprovados”, com a simples ausência dos que não se encontravam “habilitados”, por si só chamava a atenção e era aguardada como acontecimento social importante, o que era expresso nas solenes festas de formatura.

Como responsáveis pela escola, os diretores do colégio valorizavam sobretudo os internos ou os que, ao menos, podiam passar o dia todo sob os cuidados dos Irmãos. O regime de internato ou semi-internato era preferido como o meio mais adequado para se conseguir que os alunos avançassem mais rapidamente na proposta educativa. Aqueles princípios elencados como próprios da educação marista<sup>92</sup>, podiam assim ser trabalhados de forma processual e explícita no dia-a-dia da escola. As poucas “insubordinações” surgidas e reprimidas com firmeza eram vistas como casos isolados no andamento geral do sistema ali praticado. O surgimento do ensino militar na escola serviu para reforçar esse aspecto de valorização extremada da disciplina.

---

<sup>92</sup> Cf. itens 1.3 e 1.4 deste trabalho.

As festas, as celebrações religiosas, os passeios, a música, o teatro e tantas outras iniciativas preenchiam o tempo todo dos alunos, de modo que o rigor das normas era, de certa forma, abrandado e tornado capaz de ser assimilado.

O Colégio Diocesano de Uberaba tornou-se, pouco a pouco, a maior referência educacional da cidade e da região, de tal modo que atraiu a atenção de diversas personalidades e autoridades civis e religiosas, que mantinham relação freqüente com ele, ou visitavam-no como a um dos principais lugares da cidade.

Os treze primeiros anos do Colégio Diocesano sob orientação dos Irmãos Maristas demonstraram que esta escola jamais abriu mão de seu caráter confessional, ao mesmo tempo em que possibilitou a seus alunos alcançarem sucesso em seus objetivos acadêmicos e profissionais. A plena aceitação que teve da sociedade em geral foi conquista do trabalho sério de dezenas de religiosos franceses que, mesmo aferrados a seus princípios filosóficos-educacionais e convicções de fé, contribuíram para a formação de centenas de jovens que ali estudaram.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a gênese e o desenvolvimento do Colégio Diocesano de Uberaba, particularmente nos primeiros treze anos sob a direção e orientação dos Irmãos Maristas, possibilitou reconhecê-lo em sua identidade institucional católica: é, desde suas origens, um espaço educativo eminentemente religioso.

Partiu-se da hipótese de que o ideário marista de aliar educação religiosa e formação para a cidadania, grande objetivo do Instituto marista, foi estrategicamente buscado pelos Irmãos, na medida em que assumiram em suas escolas os saberes vinculados pelo Estado, ao mesmo tempo em que davam a todo o conteúdo e espaço acadêmicos um caráter de religiosidade, além de propor explicitamente o seguimento da fé católica. Com isto, a grande hipótese era a de que as instâncias civil e religiosa (Estado e Igreja) foram muito bem articuladas por aqueles Religiosos, recém-chegados da França.

Assim, no primeiro capítulo procurou-se compreender o processo de formação da Congregação dos Irmãos Maristas, bem como entender como se deu sua vinda para o Brasil. O Padre Marcelino Champagnat, religioso francês, que desde a infância teve más experiências com professores, sentiu a necessidade de criar um grupo de religiosos leigos que se ocupassem da educação de crianças e jovens. Sua prática educacional, de caráter mais intuitivo, via a educação como obra de amor, cujo objetivo era "tornar Jesus Cristo conhecido e amado": uma meta antes de tudo comprometida com a missão evangelizadora cristã. Como decorrência, ao pretender formar "bons cristãos e virtuosos cidadãos", o Instituto propôs verdadeira aliança de objetivos entre as dimensões religiosa e civil. Esta verdadeira teologização pedagógica foi oferecida a diversos países aos quais se espalharam os Irmãos maristas, quando perseguidos em sua terra natal. Vários foram os bispos que solicitaram a vinda dos Maristas para o Brasil. Dom Eduardo, embora o tivesse feito por primeiro, conseguiu trazer os Irmãos para Uberaba somente depois de cinco anos da chegada deles em terras brasileiras.

No segundo capítulo, fez-se um resgate do contexto histórico-geográfico de Uberaba e região que a circunda, no sentido de entendermos o espaço e o tempo em que chegaram os religiosos maristas. Toda a vasta região de terras "a oeste das Minas" foi sendo pouco a pouco ocupada e povoada por homens que, para fazê-lo, "amansaram" ou dizimaram populações nativas, os "índios" que habitavam ao longo do que passou a se denominar "estrada do Anhangüera".

Longo foi o processo que levou o "Arraial da Farinha Podre" a tornar-se a "Princesa do Sertão", a cidade "boca do sertão" que conheceu dias de glória enquanto entreposto obrigatório de quem transitava, vindo do litoral, para terras mais ao interior do país. Os chefes políticos e homens de negócio, em sua maioria fazendeiros, tinham a exata percepção deste fato, e

procuravam estabelecer-se aqui, como terra de promessa, lugar onde alcançariam poder sobretudo econômico, político e mesmo cultural - no sentido de que o que procuravam, antes de mais nada, era fixar-se enquanto chefes de família que teriam literalmente vindo para ficar.

As iniciativas no campo educacional foram poucas e esparsas, obra de particulares em sua totalidade, sendo que somente a partir de 1885, com a vinda das Irmãs Dominicanas e o estabelecimento de seu Colégio Nossa Senhora das Dores, é que se pode afirmar que Uberaba passou a ter uma escola mais estruturada e permanente.

A Igreja também aqui se estabelecera, como se dava desde tempos do Império, e a presença do bispo Dom Eduardo foi de importância capital para que os Irmãos maristas pudessem estabelecer-se na cidade, assumindo a direção de uma escola criada pelo prelado, donde se origina o seu nome "Ginásio Diocesano". A transferência dos Irmãos da cidade de Congonhas do Campo para Uberaba ocorreu sem nenhum conflito entre Igreja e Estado, sendo totalmente tranqüilo todo o processo - limitado em entendimentos entre o bispo uberabense e o representante do Instituto religioso, e os aplausos da população local.

No terceiro e último capítulo foram apresentados os primeiros tempos da chegada dos Irmãos, como era a infraestrutura do colégio quando eles o receberam e como o mesmo se encontrava poucos anos depois, com as inúmeras melhorias feitas; a análise dos dados apontou que toda a proposta curricular estava alinhada com a legislação vigente e os princípios educacionais daquele Instituto religioso.

A Instituição Marista, desde sua origem até os primeiros tempos em que se estabeleceu em Uberaba, revelou uma identidade específica enquanto escola confessional católica, empenhada em fazer da educação um espaço de explicitação de suas crenças a respeito da pessoa humana e da sociedade. Para isto, toda o empenho educativo era no sentido de fazer do aluno "bom cristão e virtuoso cidadão". Tal unidade procurada entre a vivência da fé católica e a prática dos deveres de cidadão, a partir dos anos de frequência aos bancos escolares, apresentou-se como o que havia de mais adequado àquelas famílias, que para oferecer uma educação de tal qualidade a seus filhos enviava-os para centros maiores. A questão disciplinar, numa Instituição educativa que via espaço e tempo escolares como sagrados, era de suma importância. No fundo, o aluno, ao obedecer seu mestre, estaria seguindo a própria vontade divina em relação à sua vida, pois na visão do fundador do Instituto o que estava em jogo, afinal, era conduzir os alunos rumo à vida virtuosa, merecedora do céu; o que se procurava, em outros termos, era colaborar na própria salvação eterna do educando - eis, em última instância, o sentido teológico da prática pedagógica marista.

As muitas atividades que ocorriam tornavam o ambiente escolar mais ameno, no sentido de mais fácil de ser assimilado pelos alunos, grande parte internos e tantos semi-internos. Tal permanência na escola era propícia - e desejada pelos Irmãos educadores - para que pudessem

desenvolver um de seus maiores princípios educativos: o "espírito de família". Esse princípio revela-se, então, como uma experiência tal de relação entre adultos e jovens, e desses entre si, que a seriedade e o rigor exigidos no cumprimento dos deveres podiam ser mais facilmente assimilados.

Pode-se afirmar, portanto, que o Colégio Diocesano de Uberaba, obra confessional católica estabelecida no início do século XX, foi iniciativa e realização praticamente exclusiva de representantes eclesiásticos, no sentido de que o poder público não esboçou qualquer reação contrária à vinda e permanência dos Irmãos maristas, aplaudindo, pelo contrário, o processo educativo que ali se realizava.

Para a realização deste trabalho foi de suma importância o contato com os documentos bem conservados do período, em especial os livros de matrículas, de atas e aqueles destinados às anotações dos delegados fiscais; o principal de todos os documentos, os "Anais do Gymnasio Diocesano de Uberaba - 1903 a 1916", forneceu preciosos e indispensáveis elementos para análise, sendo eles mesmos fruto de paciente trabalho de pesquisa do Ir. José de Andrade Júnior. O Centro de Estudos Maristas, de Belo Horizonte, possui riquíssimo acervo; além de centro de documentação, aquele Centro apresenta-se como instituição que procura facilitar o acesso às informações e abrir suas portas para o avanço das pesquisas relacionadas à educação em geral e marista, em particular. É investimento financeiro alto - o que deveria ocorrer em toda instituição educativa, também as públicas.

Há grandes possibilidades de continuação das pesquisas desta Instituição, pois várias são as questões surgidas: qual o real alcance da formação recebida por aqueles alunos, isto é, qual o efeito da proposta dos Irmãos na vivência profissional dos que lá estudaram, sendo que vários deles ocuparam importantes cargos e funções na vida pública; se houve, nas demais fases do Colégio Diocesano, manifestação de pensamento discordante e mesmo enfrentamentos de caráter ideológico entre a proposta religiosa da Instituição e o conjunto da sociedade - esta, com efeito, foi se tornando mais complexa e liberal, e seria de se tentar fazer memória das primeiras e efetivas "quedas de braço" acontecidas e suas possíveis conseqüências para o conjunto da proposta educacional marista; como era a educação da afetividade e sexualidade naquele estabelecimento educativo, em especial como aconteciam os encontros entre os ginasianos e as alunas do Colégio Nossa Senhora das Dores, que em certas ocasiões ocorriam; e, também, como se buscava conciliar uma educação toda baseada no afeto, num contexto de severidade - dentro da própria escola e na sociedade de modo geral. Estas, dentre outras questões em nível mais amplo, oferecem muitas oportunidades para trabalhos futuros. Particularmente as lacunas deixadas pelos limites do pesquisador e pela grandiosidade que encerra toda e qualquer obra humana.

## MATERIAIS HISTÓRICOS

### MANUSCRITOS

ANAIS do Colégio Diocesano de Uberaba. Uberaba: Colégio Diocesano, 1902-1916. V.1-3.

### IMPRESSOS

CARTAS do Padre Marcelino Champagnat. Disponível no site [www.champagnat.org/pt/search1.asp](http://www.champagnat.org/pt/search1.asp) Acesso em 12/02/04.

CONSTITUIÇÕES E ESTATUTOS – Edição Especial Comemorativa do Centenário da Presença Marista no Brasil. 1897 – 1997. Administração Central dos Irmãos Maristas – Roma. Comissão do Centenário. São Paulo, Edições Loyola, 1997.

GUIA DAS ESCOLAS para o uso dos Pequenos Irmãos de Maria, redigido segundo as Regras e as Instruções do Senhor Padre Champagnat, Fundador deste Instituto. Imprensa de Antoine Perisse. 1853. Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas. Edições Loyola, 1994. Trad. Irmão Luiz Silveira, F.M.S.

LIVRO DE MATRÍCULA do Collegio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus, 1899 a 1928. Secretaria do Colégio.

MATRÍCULA GERAL - Gymnasio Diocesano Municipal de Uberaba, 1899 a 1932.

LIVRO DE VISITAS do Senhor Delegado Fiscal - Collegio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus.

MATRÍCULAS 1899, 1900, 1901, 1902.

MILÍCIA ANGÉLICA do "Diocesano" - Atas de 1910 - 1916.

TERMOS DE VISITA dos Digníssimos Senhores Inspectores Regionais ou Municipais - Gymnasio Diocesano de Uberaba, 1912.

REGRAS COMUNS do Instituto dos Pequenos Irmãos de Maria. Lyon. Imprensa de Antoine Perisse. 1852. Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas. Edições Loyola, 1994. Trad. Irmão Luiz Silveira, F.M.S.

## BIBLIOGRAFIA

ÁLBUM do centenário da presença dos Irmãos Maristas no Brasil; 1897-1997. São Paulo: FTD, 1997. 318p.

AVIS, leçons, sentences et instructions du Vénérable Père Champagnat, par un de ses premiers disciples. Lyon: Emmanuel Vitte, 1927. 470p.

AVIT, Frère. Abrégé des Annales. Roma, Tipografia S. Pio X, 1972. 421p.

AZEVEDO, J. M. L. de. **O Estado, a política educacional e a regulação do setor educação no Brasil: uma abordagem histórica.** In. FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. A. da S. *Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos*. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2001. 320 p.

AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil.** São Paulo: FTD, 1997. V.1, 183p.

BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. **A Escola Profissional de São Carlos.** São Carlos EDUFSCar, 1988.

\_\_\_\_\_. **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos.** São Carlos, EDUFSCar, 1996.

\_\_\_\_\_. **Universidade de São Paulo; Escola de Engenharia de São Carlos; os primeiros tempos: 1948-1971.** São Carlos, EDUFSCar, 2000.

CATÁLOGO HISTÓRICO – Arquivo Público de Uberaba, nº 3, Secretaria de Educação e Cultura – Uberaba, 1986.

CHAMPAGNAT, Marcelino. **Cartas.** São Paulo: FTD, 1997.

COTTA, Gildo. **Princípios educativos de Marcelino Champagnat.** Trad. Virgilio Balestro, João Sagin. São Paulo: FTD, 1996. 167p. (Tradução de: Educare: principi pedagogici di Marcellino Champagnat).

COUTINHO, Pedro dos Reis. **História dos Irmãos Maristas em Uberaba**. Arquivo Público de Uberaba e Centro de Estudos Maristas. Belo Horizonte: 2000.

\_\_\_\_. A pré-história de Uberaba. Anotações. Uberaba. 2003. Acervo Particular. Mimeo.

DADOS HISTÓRICOS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO TRIÂNGULO – Texto avulso. Arquivo Público de Uberaba.

ÉCHOS DO COLLEGIO DIOCESANO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1º-5º ano, 1911-1915.

GATTI JÚNIOR, Décio. **Reflexões teóricas sobre a história as instituições educacionais**, Ícone, Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG, 6(2):131-147, jul./dez. 2000.

GAZETA DE UBERABA. 1904-1908. Acervo Particular.

IDEÁRIO educativo marista. Trad. Joaquim Silveira. Belo Horizonte: Format, 1998. 34p. (Original: Províncias Maristas de Rio de la Plata e Córdoba).

LAVOURA E COMÉRCIO. 1904, 1912-1913.

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **A oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista: Triângulo Mineiro (1750-1861)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Uberlândia, 2002.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A Igreja Católica no Brasil República: em anos de compromisso: 1889-1989**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991. Coleção estudos e debates latino-americanos.

MAGALHÃES, Justino. **Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas**. In SOUSA, Cynthia Pereira de & CATANI, Denise Bárbara (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo, Escrituras, 1998, p.51-69.

MAGALHÃES, Justino. **Breve apontamento para a história das instituições educativas.** In SANFELICE, José Luís, SAVIANI, Dermeval & LOMBARDI, José Claudinei (orgs.). *História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional.* Campinas, SP, Autores Associados, 1999, p.67-72.

\_\_\_\_\_. **Contributo para a história das instituições educativa - entre a memória e o arquivo.** Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal, s.d. 18 p. Mimeo.

MARIA, Ir Gobriano. **Resumo Biográfico do Bem-aventurado Marcelino Champagnat - fundador dos Irmãos Maristas - 1789-1840.** 2ªed. Mendes, RJ. 1973.

MENEZES, Fátima Gomes Taveira. **Les Colleges Maristes au Brèsil durant la premiere partie du Xxème siecle: P'exemple de l'etat de Minas Gerais.** Universite Paris IV - Sorbonne, U.F.R. d'Histoire

O DIOCESANO - Ano II, nº 15 - 1953 - Respeitosa e grata homenagem do Colégio Diocesano por ocasião de seu jubileu áureo.

POLIANTÉIA MARISTA DO BRASIL CENTRAL - Jubileu Áureo dos Irmãos Maristas na Província do Brasil Central - 50 Anos Consagrados à Educação da Mocidade, 1947.

PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a Civilização do Brasil Central.** Uberaba, Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

PRADO, Paulo. **Retratos do Brasil.** São Paulo: Companhia Gráfico - Editora Monteiro Lobato, 1928.

PRATA, Pe. Thomaz de Aquino (Coord.). **Memória da Arquidiocese de Uberaba.** Uberaba: Fundação Cultural/Museu de Arte Sacra, 1987. 290p.

PUJOL *et alii*. **O Educador Marista.** Porto Alegre: Províncias Maristas do Brasil, 1985. Trad. Paulo Moretti.

RESENDE, Eliane Mendonça Marquez de. **Uberaba, Uma Trajetória Sócio-Econômica (1811-1910).** Uberaba, Arquivo Público de Uberaba, 1991. (Dissertação de Mestrado da autora no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás).

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986. 108p.

SAADI, Lamia Jorge. **Educação Marista: o Colégio Champagnat de Franca**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social - UNESP - Campus de Franca.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás**. São Paulo: USP, 1975.

VIGÁRIO SILVA. **História Topográfica da Freguesia de Uberaba - Vulgo Farinha Podre**. Caderno da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, nº 10, maio 1970, Uberaba - MG

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Historia de la educación e historia cultural: Posibilidades, problemas, cuestiones**. In: Revista Brasileira de Educação, set. a dez. /1995, nº 0.

VINGT ANS de Brèsil: 1897-1917. **Fondation et developpement de la Province du Brèsil Central**. Mendes: [s.n.], 1916. 614p.

ZIND, Pierri. **O bem-aventurado Marcelino Champagnat e seus Pequenos Irmãos de Maria**. Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas. Editora O Lutador, 1988. 295p. Trad. Irmão Carlo Garetto, F.M.S.

\_\_\_\_\_. **Seguindo os passos de Marcelino Champagnat**. Belo Horizonte, Centro de Estudos Maristas. Editora O Lutador, 1988. 333p. Trad. Irmão Euclides Felinto Pereira, F.M.S.